

# Arte-Xávega: Estudo de Caso na Costa da Caparica

Dissertação de Mestrado

Maria Beatriz Bairos da Silva

Mestrado em

**Património, Museologia e  
Desenvolvimento**



# Arte-Xávega: Estudo de Caso na Costa da Caparica

Tese de Mestrado

Maria Beatriz Bairos da Silva

## Orientadores

Prof. Dr<sup>a</sup>. Susana Goulart Costa

Dr<sup>a</sup>. Dóris Santos

Tese de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento.



*«O peixe, trinta chalavaras, vai ser leiloado e vendido... era assim, com a nobre arte da xávega, que os nossos pais tiravam o ventre das misérias.»*

Raul Brandão (1923)

*«Todas as noites infatigavelmente o cerco americano apanha sardinha; todo o dia infatigavelmente a arte da xávega no Algarve, as netas e outros aparelhos por essa costa fora, puxam a rede para terra.»*

Raul Brandão (1923)

*«A pesca costeira, a das caçadas, fazia-se com groseiras, grandes espinhéis, para o cachucho, a abrótea e a pescada; e com a arte xávega, em calões e botes, puxando a tripulação o aparelho para a terra enquanto o arrais, numa pequena lancha, a calima, vigiava o lanço e dirigia a manobra. Havia muito peixe e a vida era extraordinária.»*

Raul Brandão (1923)

*«Os pescadores, os banhistas, os clientes, as gaivotas. Todos aguardam pacientemente que sejam recolhidos os incontáveis metros de corda que antecedem a rede.»*

*Arte Xávega na Costa da Caparica, Arca de Darwin (2020)*

[Disponível em <https://arcadedarwin.blogs.sapo.pt/tag/gaivota> - consulta 7 julho 2023]

## Agradecimentos

Este trabalho de mestrado só foi possível devido ao apoio e incentivo recebido. Sem esses elementos, não teria sido concretizado, e por isso, estarei eternamente grata a todos os que me ajudaram.

Agradeço aos professores do mestrado pela sua participação e colaboração durante o primeiro ano. Foi graças a eles que descobri as áreas que mais me interessavam, tornando possível a realização deste trabalho.

Agradeço de coração à professora Susana Goulart por toda a orientação, apoio incondicional, disponibilidade e valiosos ensinamentos. As suas opiniões, críticas e colaboração incansável no esclarecimento de dúvidas e resolução de problemas foram de extrema importância para o trabalho. As suas palavras de incentivo foram um verdadeiro estímulo ao longo do meu percurso académico.

Gostaria de agradecer sinceramente à Câmara Municipal de Almada e à Junta de Freguesia da Costa da Caparica pelo apoio fundamental, permitindo e facilitando o acesso aos seus documentos e informações. A colaboração dessas instituições foi essencial para enriquecer o meu trabalho e contribuiu significativamente para o seu desenvolvimento.

Quero agradecer especialmente à Dra. Dóris Santos, doutorada em História da Arte e especializada em Museologia e Património Artístico pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A sua clareza, precisão e total disponibilidade foram fundamentais para colaborar em todas as partes práticas da minha tese, especialmente devido ao seu vasto conhecimento nas áreas relacionadas à pesca.

O meu grande amigo Armindo foi essencial ao fornecer informações locais importantes. Ele mostrou-me de forma autêntica o trabalho na Arte-Xávega<sup>1</sup>, transmitindo o significado e o orgulho que devemos sentir dessa profissão desafiadora de ser pescador. Sem a sua ajuda, não teria adquirido conhecimentos tão especiais, além dos livros.

Agradeço sinceramente a todos os meus amigos não mencionados, mas que sabem quem são, pela companhia, força e apoio ao longo desta fase.

---

<sup>1</sup> Optei por utilizar o termo Arte-Xávega com hífen e letras maiúsculas em Arte e Xávega, baseando-me na referência da Ficha Matriz do Inventário Nacional do Património Cultural e Imaterial. Embora tenha encontrado variações na escrita deste termo em diferentes fontes, esta adaptação segue as convenções utilizadas neste contexto académico.

Em especial, agradeço à minha irmã e ao meu parceiro por estarem sempre ao meu lado, prontos para me ajudar e apoiar quando mais precisei. A sua presença constante e incentivo foram decisivos para que eu não desistisse em momentos difíceis.

Por fim, reconhecendo que não consegui alcançar tudo sozinha, quero expressar um agradecimento especial aos meus pais, verdadeiros exemplos de coragem. Agradeço-lhes pelo apoio incondicional, incentivo, amizade e paciência que sempre demonstraram. Eles desempenharam um papel crucial na superação dos obstáculos ao longo deste percurso. Dedico-lhes este trabalho com carinho e profunda gratidão, pois sem eles, nada disto teria sido possível.

## Resumo

A Arte-Xávega é uma técnica tradicional de pesca na Costa da Caparica que envolve o uso de uma rede de arrasto especial para capturar peixes em grupo. Os pescadores lançam a rede ao mar usando barcos de madeira e essa prática é uma atividade coletiva que requer a colaboração de pescadores e comunidades locais.

A Arte-Xávega é uma tradição cultural significativa na Costa da Caparica, contribuindo para a economia local e preservando a identidade cultural das comunidades pesqueiras da região. Além disso, essa forma de pesca sustentável também proporciona uma experiência turística interessante para os visitantes da área. No entanto, com o passar do tempo, a Arte-Xávega tem vindo a enfrentar desafios devido a mudanças nas regulamentações de pesca e às preocupações ambientais, o que resultou numa redução gradual da sua prática na Costa da Caparica.

**Palavras-chave:** Património cultural imaterial, Pesca artesanal, Arte-Xávega, Costa da Caparica.

## Abstract

Arte-Xávega is a traditional fishing technique in Costa da Caparica that involves the use of a special trawl net to catch fish in groups. Fishermen cast the net into the sea using wooden boats and this practice is a collective activity that requires the collaboration of fishermen and local communities.

Arte-Xávega is a significant cultural tradition in Costa da Caparica, contributing to the local economy and preserving the cultural identity of the region's fishing communities. Furthermore, this form of sustainable fishing also provides an interesting tourist experience for visitors to the area. However, over time, Arte-Xávega has faced challenges due to changes in fishing regulations and environmental concerns, which has resulted in a gradual reduction in its practice in Costa da Caparica.

**Keywords:** Intangible cultural heritage, Artisanal fishing, Arte-Xávega, Costa da Caparica.

## Índice

Índice de Figuras .....	6
Introdução .....	7
1. A Arte-Xávega como Património Cultural Imaterial .....	14
2. A Pesca Artesanal em Portugal: a Arte-Xávega .....	32
2.1 Pesca Artesanal em Portugal: caracterização e desafios .....	32
2.2 Arte-Xávega em Portugal .....	54
3. A Arte-Xávega na Costa da Caparica: práticas comuns e singularidades ...	73
3.1 As origens .....	73
3.2 Características e práticas .....	83
3.3 Singularidades nas comunidades .....	91
3.4 Participação das Mulheres nas Companhas .....	96
4. Contributos da Arte-Xávega para a afirmação identitária das comunidades piscatórias da Costa da Caparica .....	104
Conclusão .....	120
Bibliografia .....	124
Apêndices .....	135
1.1 Entrevista .....	135
1.2 Entrevista .....	140

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> – Mapa de Setúbal e região .....	7
<b>Figura 2</b> – Trator da Companhia Poseidon .....	38
<b>Figura 3</b> – Companhia a armazenar o peixe .....	48
<b>Figura 4</b> – Seleção do peixe (abundância de espécies) .....	55
<b>Figura 5</b> – Boias .....	59
<b>Figura 6</b> – Dornas: Caixas para armazenar o peixe .....	63
<b>Figura 7</b> - Auxílio da força do trator .....	64
<b>Figura 8</b> – Atrelado para armazenar as cordas .....	64
<b>Figura 9</b> – Mudança da banca barca para a banda panda .....	65
<b>Figura 10</b> – Saco a ser arrastado por cima do oleado pelo trator.....	65
<b>Figura 11</b> – Abertura do saco .....	66
<b>Figura 12</b> – Seleção do peixe .....	66
<b>Figura 13</b> - Saveiro ou Barco de Mar.....	77
<b>Figura 14</b> – Desenho de Manuel Fidalgo: Barco Antigo .....	79
<b>Figura 15</b> – Barco de Arte-Xávega recente da Companhia Poseidon .....	80
<b>Figura 16</b> – Mapa da Costa da Caparica .....	80
<b>Figura 17</b> – Entrada no mar .....	83
<b>Figura 18</b> – Alar da rede .....	84
<b>Figura 19</b> – Armazenamento da corda da banda barca .....	85
<b>Figura 20</b> – Oleado.....	85
<b>Figura 21</b> – Companhia a puxar a rede cheia .....	86
<b>Figura 22</b> – Barco Poseidon .....	87
<b>Figura 23</b> – Elemento feminino da Companhia Poseidon .....	102
<b>Figura 25</b> – Bruno Ventura .....	135
<b>Figura 26</b> – Armindo Rocha.....	140

## Introdução

A presente Dissertação de Mestrado, com o título *Arte-Xávega: Estudo de Caso na Costa da Caparica*, está integrada no Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento, lecionado na Universidade dos Açores.

O estudo incide sobre o valor patrimonial da Arte-Xávega na Costa da Caparica, uma cidade à beira-mar do distrito de Setúbal.

Em Portugal, a pesca desempenha um papel fundamental como atividade marítima, tanto do ponto de vista social como do ponto de vista económico, uma vez que o território é banhado pelo Oceano Atlântico e possui uma extensa costa marítima. Assim, a pesca é essencial



Figura 1 – Mapa de Setúbal e região  
Fonte: <https://viagensfeitas.com/distrito-de-setubal/>

no desenvolvimento económico do país, afirmando-se como um setor estratégico vital para a alimentação e para o emprego da população portuguesa. Todavia, além do seu contributo para a economia nacional, o mar também apresenta uma efetiva importância no setor cultural. Neste sentido, a presente dissertação, ao considerar a Arte-Xávega como objeto de estudo, integra-a também como objeto cultural, particularmente relevante quando se constata que a comunidade caparicana, alicerçada na sua conexão cultural com o oceano, vive o mar numa realidade que não é, de todo, recente.<sup>2</sup>

Neste sentido, no presente trabalho seguimos a perspetiva defendida pela Doutora Dóris Santos na sua Tese de Doutoramento, intitulada *Arte, museus e memórias marítimas. Identidade e representação visual da Nazaré* (2020), que neste trabalho aborda de forma abrangente a participação da comunidade marítima no contexto cultural e o seu papel na construção de uma imagem identitária sobre a mesma.<sup>3</sup>

A origem histórica da Arte-Xávega no território português não é

<sup>2</sup> Santos, F. (1997). *As pescas em Portugal Continental: O caso amostra da Afurada*. [Master's dissertation]. Universidade do Porto.

<sup>3</sup> Santos, D. J. S. (2020). *Arte, museus e memórias marítimas. Identidade e representação visual da Nazaré* [Doctor's dissertation]. Universidade de Lisboa.

consensual. De uma forma sintética, podemos diferenciar duas ideias: enquanto Rogélia Martins<sup>4</sup> afirma que as redes da Arte-Xávega foram trazidas pelos castelhanos para a costa algarvia no início do século XV, Maria Marques<sup>5</sup> menciona que a Arte-Xávega foi introduzida por pescadores vindos da Andaluzia e Catalunha em meados do século XVIII. O facto é que, apesar de ser uma prática artesanal, esta atividade desempenhou um papel importante na economia portuguesa pelo menos até meados do século XX e, ainda hoje, persiste como importante fonte de sustento em várias comunidades costeiras.

A importância desta atividade tem merecido diversos estudos que analisam a Arte-Xávega em múltiplas perspetivas, como é o caso dos efetuados por Mariana Antunes<sup>6</sup>, Maria Cano<sup>7</sup>, Maria Marques<sup>8</sup> e Francisco Oneto<sup>9</sup>.

Mariana Antunes aborda a importância da pesca em termos económicos e socioculturais, destacando a evolução do setor em Portugal desde a entrada na União Europeia em 1986. A autora observa a diversidade na frota de pesca portuguesa, com ênfase nas embarcações artesanais predominantemente utilizadas na pesca local e costeira. Ressalta, também, a relevância da pesca artesanal para as comunidades costeiras, tida como crucial para a subsistência de muitas famílias. Mariana Antunes destaca a controvérsia e a regulamentação em torno da Xávega ao longo dos séculos, desde a sua proibição no século XVI até a sua ressurgência no Algarve no século XVIII. Por fim, o objetivo do seu trabalho foi caracterizar a comunidade piscatória envolvida nesta arte na frente Atlântica do Concelho de Almada, examinando a variabilidade das capturas, pescas acessórias e rejeições ao longo do ano.<sup>10</sup>

Maria Cano é uma investigadora que se dedicou ao estudo das

---

<sup>4</sup> Martins, R., Rebordão, F. R., & Carneiro, M. (2002). *Contribuição para o conhecimento das artes de pesca utilizadas no rio Lima*. Publicações avulsas do IPIMAR.

<sup>5</sup> Marques, M. (2011). *Arte Xávega em Portugal. Uma arte Secular em Decadência. Organização, Caracterização e Declínio* [Master's dissertation]. Universidade do Porto.

<sup>6</sup> Antunes, M. (2007). *Caracterização da pesca com Arte de Xávega na zona costeira adjacente ao estuário do Tejo* [Master's dissertation]. Universidade de Lisboa.

<sup>7</sup> Cano, M. C. S. (2010). *A dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira* [Master's dissertation]. Universidade de Coimbra.

<sup>8</sup> Marques, M. (2011).

<sup>9</sup> Nunes, F. O. (2006). *Hoje por ti, amanhã por mim: a arte-xávega no litoral central português* [Doctor's dissertation]. Universidade Católica Portuguesa.

<sup>10</sup> Antunes, M. (2007).

transformações nas comunidades de pescadores litorâneos, com especial enfoque na prática da Arte-Xávega na Praia de Mira. A sua pesquisa abrange as alterações nas relações sociais, manifestações culturais e atividades económicas dessas comunidades. Cano destaca a dinâmica interna impulsionada pela busca de soluções para problemas económicos, bem como as influências da modernidade. O trabalho investiga as mudanças ao longo da trajetória histórica desta pesca, com ênfase no sistema produtivo e na reprodução social dos pescadores. Alerta também para a coexistência de aspetos tradicionais e inovações tecnológicas na prática atual, além de abordar a escassez de investigações sobre as comunidades pesqueiras. A autora baseia-se na pesquisa de terreno e adota o método da observação participante, permitindo a sua maior inserção na comunidade para compreender as dinâmicas sociais, as relações estabelecidas e a participação feminina na pesca. Destaca a flexibilidade da etnografia para se adaptar às circunstâncias inesperadas e a importância de estabelecer relações de confiança com os pescadores. Em suma, Maria Cano proporciona uma compreensão aprofundada da dinâmica social dos pescadores da Arte-Xávega na Praia de Mira, abordando aspetos económicos, culturais, de género e as transformações ao longo do tempo.<sup>11</sup>

Maria Marques dedica-se também ao estudo da Arte-Xávega em Portugal, abordando as suas origens e evolução ao longo do tempo. O seu foco vai para além das técnicas e da sua análise enquanto mera atividade económica, explorando a organização das comunidades piscatórias sazonais associadas a esta prática, as suas implicações sociais e antropológicas. Além disso, observa um aspeto, evidente na Praia de Mira: o surgimento de uma arquitetura popular representada pelos Palheiros. A autora ambiciona aprofundar todas as questões relevantes relacionadas com este tópico, desde o seu aparecimento até às suas características tipológicas e contexto envolvente.<sup>12</sup>

Francisco Oneto<sup>13</sup> é um investigador que estuda as comunidades de pescadores e as mudanças ao longo da costa de Portugal. Na sua tese de

---

<sup>11</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>12</sup> Marques, M. (2011).

<sup>13</sup> Nunes, F. O. (2006).

doutoramento, explora como é que as comunidades são retratadas ao longo do tempo e os desafios que enfrentam atualmente. Nos primeiros capítulos, analisa os diferentes pontos de vista sobre os pescadores ao longo da história e de como a pesca se desenvolveu na região da Praia da Vieira e os problemas vividos pelas comunidades. Examina a vida dos pescadores, incluindo como o trabalho é dividido entre os homens e as mulheres, os problemas de pobreza e os conflitos dentro das comunidades. Explora, também, as crenças dos pescadores sobre a sorte e inveja, oferecendo uma visão mais detalhada da vida dessas comunidades. Por fim, descreve como conduziu essa pesquisa e apresenta dados que ajudam a entender melhor essas comunidades. O seu objetivo é contribuir para uma melhor compreensão das realidades enfrentadas pelos pescadores e das mudanças nas zonas costeiras de Portugal.

A leitura destes trabalhos permitiu-nos identificar a complexidade da Arte-Xávega que, como muitas outras atividades económicas e culturais, foi-se adaptando aos diversos contextos. Assim, entre o final do século XVIII e a década de 1920, assistiu-se a uma fase de desenvolvimento nas atividades marítimas, caracterizada pelo surgimento dos primeiros *cercos* ativados por embarcações a vapor. Apesar da constante evolução, os princípios fundamentais das atividades marítimas - a superação da crise económica e o desenvolvimento da economia mercantil de novos mercados - permaneceram imutáveis durante esse lapso temporal. A emergência da grande indústria pesqueira, mobilizou quantias substanciais de capital para a criação de armações à valenciana, aquisição de equipamentos para cercos americanos e incorporação de barcos de arrasto com propulsão mecânica. Este gradual desenvolvimento da pesca costeira traduziu-se na desvalorização progressiva da prática da Arte-Xávega devido às suas características particulares.<sup>14</sup>

A Arte-Xávega é uma técnica de pesca tradicional e de arrasto, realizada por grupos organizados em *companhas*, que podem incluir cerca de 20 indivíduos – embora essa quantidade possa variar de região para região – divididos em dois grupos, um em terra e outro no mar<sup>15</sup>. A persistência da sua natureza artesanal, juntamente com a especificidade das operações, rituais e

---

<sup>14</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>15</sup> Martins, R., Rebordão, F. R., & Carneiro, M. (2002).

equipamentos envolvidos, sem esquecer as diferentes tipologias de embarcações (que podem variar entre comunidades), justificam a valorização do seu património material e imaterial, que tem vindo a ser recentemente objeto de diversos estudos incidentes em zonas costeiras como as da Murtosa, Espinho, Coimbra (Praia de Mira), Figueira da Foz, Tocha, Praia da Vieira (Leiria), Sesimbra e Costa da Caparica (Almada) - esta última será o meu caso de estudo. Com efeito, apesar da existência de algumas obras sobre a Costa da Caparica (*Tu, Costa Minha!... O passado e o presente.*<sup>16</sup>; *A companha do Poseidon. Arte Xávega na Costa da Caparica*<sup>17</sup>; *Estudo prévio para criação de um museu vivo da Arte-xávega na Costa da Caparica – Relatório final*<sup>18</sup>; entre outras), esta dissertação procura consolidar e ampliar o conhecimento existente sobre a Arte-Xávega na região, considerando que há uma lacuna na produção académica sobre este tema, uma vez que, até agora, a maioria das investigações sobre a mesma focou-se em aspetos das áreas das ciências naturais, como o PH das águas e as espécies envolvidas<sup>19</sup>.

Neste contexto, o principal propósito desta dissertação é analisar como a Arte-Xávega se tem mantido na Costa da Caparica e a sua afirmação como legado patrimonial, tentando caracterizá-la nas múltiplas vertentes, quer materiais, quer intangíveis, e realçando a sua importância intrínseca no contexto cultural, histórico e social. Pretende-se explorar as conexões entre esta prática ancestral e os esforços de preservação do património, assim como a influência que exerce sobre a identidade das comunidades locais.

A dissertação terá uma incidência também na análise do papel feminino no processo, tendo como referência o estudo realizado por Maria Cano<sup>20</sup>. Com efeito, embora a faina piscatória seja tradicionalmente um trabalho masculino, é certo que as mulheres sempre assumiram e continuam a deter um papel essencial na preparação e venda do pescado e na gestão da economia doméstica. Por conseguinte, este estudo analisará também como a Arte-Xávega tem tido implicações na organização da estrutura familiar dos pescadores, no passado e na atualidade.

---

<sup>16</sup> Neves, M. S. (2001). *Tu, Costa Minha!... O passado e o presente*. Selenova. Lisboa.

<sup>17</sup> Sacchetti, A. (2022). *A companha do Poseidon. Arte Xávega na Costa da Caparica*. Uma Edição Livre.

<sup>18</sup> Marques, M. (2019). *Estudo prévio para criação de um museu vivo da Arte-xávega na Costa da Caparica – Relatório final*. Câmara Municipal de Almada.

<sup>19</sup> Marques, C. (2020). *Modelação de Impactes de Inundações Marítimas em Aquíferos Costeiros: Caso do Concelho de Almada*. [Master's dissertation]. Universidade de Lisboa.

<sup>20</sup> Cano, M. C. S. (2010).

Observando que as novas diretrizes económicas e de gestão das pescas estão a ameaçar a sobrevivência das práticas tradicionais, pretendemos verificar como a manutenção da Arte-Xávega pode ser instrumento de afirmação identitária da Costa da Caparica, uma zona cada vez mais urbanizada, descaracterizada e socialmente diversificada, localizada nas imediações de uma grande metrópole como é a cidade de Lisboa.

Com base nestas razões, o principal propósito deste estudo torna-se então realçar a importância desta arte piscatória ao nível local, sublinhando o seu papel fundamental na consolidação da identidade da comunidade piscatória. Inerentemente, temos como objetivo académico contribuir para a preservação desta prática. Adicionalmente, pretende-se evidenciar as suas potencialidades enquanto recurso turístico que pode contribuir para o crescimento do setor na região e, conseqüentemente, para o desenvolvimento socioeconómico da Costa da Caparica.

Com estes propósitos, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos distintos. O primeiro capítulo aborda aspetos essenciais sobre a definição e valorização do Património Cultural Imaterial, no âmbito do qual a pesca de Arte-Xávega deve ser inserida. O segundo capítulo caracteriza, de forma genérica e sucinta, a pesca artesanal em Portugal, detendo-se depois na Arte-Xávega e nas suas especificidades em algumas localidades onde ainda é realizada. O terceiro capítulo centra-se no caso de estudo da Costa da Caparica, caracterizando esta comunidade e as respetivas práticas piscatórias, já patrimoniais. Por fim, o quarto capítulo analisa os contributos oferecidos pela comunidade piscatória caparicana para a valorização e preservação da Arte-Xávega, destacando-se as suas peculiaridades e mais-valias para a preservação da memória e identidade coletiva desta tipologia de comunidades.

A metodologia utilizada para a realização desta dissertação envolveu a consulta de bibliografia, visitas a Museus (Museu Marítimo de Sesimbra e Museu Municipal de Espinho) e Bairros de Pescadores da Costa da Caparica, contactos informais com responsáveis da Câmara Municipal de Almada e da Junta de Freguesia da Costa da Caparica, utilização de fontes orais através da realização de entrevistas aos pescadores e análise das mesmas, e, por fim, registos audiovisuais. Infelizmente, tinha em mente realizar mais algumas

entrevistas, mas como sou estudante e trabalhadora na área do turismo, isso tornou-se praticamente impossível. Além disso, as outras duas entrevistas que tinha em mente eram com pessoas igualmente ocupadas. Um deles era o Sr. Lídio, presidente da Ala-ala, que também é professor, tornando extremamente desafiador conciliar agendas. Essa oportunidade será para uma futura investigação.

Outra metodologia que considero particularmente relevante (ou até talvez a mais importante) foi a da observação direta, mediante a oportunidade que tive de presenciar um dia de trabalho da Companhia Poseidon. Este convite surgiu no âmbito de uma entrevista ao pescador Armindo Rocha<sup>21</sup>, conhecido por *Finas*, o que de imediato foi aceite com grande entusiasmo. Perante as exigências e conforto do mundo atual, este convite foi um grande motivo de orgulho, tanto mais sendo eu mulher, quando sabemos que raramente o elemento feminino é autorizado a participar na faina. A intenção inicial era simplesmente levar para a praia um bloco de notas para registar observações e fazer algumas perguntas. Como não iria assumir a função de pescadora, houve receio de que esta missão de observação e entrevista não fosse compreendida. Contudo, todos os pescadores demonstraram uma grande satisfação pela minha realização deste trabalho e pelo interesse de uma mulher nesta prática. Após 11 horas seguidas na praia, a testemunhar esta faina tão exigente, terminei o dia realizada e agradecida pela cooperação e reconhecimento de todos os profissionais envolvidos. Foi, sem dúvida, uma experiência inesquecível e fundamental para a recolha de dados para esta investigação.

---

<sup>21</sup> Ver Apêndice 1.2.

## 1. A Arte-Xávega como Património Cultural Imaterial

O conceito de *Património Cultural* surge em França no início dos anos 1980.<sup>22</sup> Podemos considerar este conceito como uma representação simbólica das identidades de grupos, ou seja, um símbolo da comunidade que fortalece identidades, promove solidariedade, estabelece fronteiras sociais, oculta diferenças internas e conflitos e constrói imagens da comunidade.<sup>23</sup> Seguindo essa perspetiva antropológica, é importante alertar para o facto da noção de Património Cultural não ser necessariamente idêntica à de *Património* ou à de *Cultura*. Esta confusão conceptual é muito recorrente tanto entre os investigadores como entre os agentes envolvidos no processo de patrimonialização.<sup>24</sup> Frequentemente, o Património Cultural é erroneamente definido como simplesmente *património*, ou seja, como uma herança do passado. No entanto, nem todos os vestígios provenientes do passado podem ser considerados Património Cultural e nem só o passado é património, nem tudo o que as culturas criaram (ou criam) pode ser incluído neste conceito.<sup>25</sup> A definição do que é Património Cultural exige uma seleção, agentes responsáveis por essa avaliação e validação e tende a ter um reconhecimento público, comunitário e de identificação coletiva ampla. Por outro lado, o termo património, embora às vezes utilizado no sentido de Património Cultural, possui um significado mais restrito, familiar ou individual, referindo-se sobretudo ao contexto privado e particular.<sup>26</sup>

A *Cultura*, num sentido amplo, é um conceito de fronteiras difusas, sujeito a mudanças ao longo do tempo, adaptando antigas crenças a novas realidades.<sup>27</sup> Edward Tylor, em 1817, definiu *cultura* como um sistema complexo e interdependente de conhecimentos, crenças, leis, tradições, artes, costumes e hábitos partilhados por um grupo específico de indivíduos inseridos numa sociedade. Posteriormente, Raymond Firth resumiu-a como um modo de vida, resultante das interações entre os membros de uma

---

<sup>22</sup> Calvo, L. C. (1995). *L'etnologia a Catalunya, avui: eines de coneixement i desenvolupament*. Plecs d'història local, (57), 882-884.

<sup>23</sup> Cruces, F. (1998). *Problemas entorno a la restitución del patrimonio: una visión desde la antropología*. Alteridades, (pp. 75-84).

<sup>24</sup> Pereiro, X. (2006). *Património cultural: o casamento entre património e cultura*. Adra: revista dos socios e socias do Museo do Pobo Galego, (1), 23-42.

<sup>25</sup> Becerra, S. R. (1997). *Patrimonio cultural, patrimonio antropológico y museos de antropología*. PH: Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 5(21), 42-52.

<sup>26</sup> Pereiro, X. (2006).

<sup>27</sup> *Cultura*. In Infopédia Dicionários Porto Editora. [Consultado a 22 de fevereiro de 2024].

sociedade, bem como do seu significado, acompanhado por um conjunto de recursos acumulados, sejam estes de natureza material ou não.<sup>28</sup>

Por sua vez, Josep Ballart<sup>29</sup> afirma que a ideia de *Património* surge quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos se identifica com um objeto ou conjunto de objetos como sendo seus.<sup>30</sup> Todas as expressões tangíveis da cultura produzidas pelos seres humanos atravessam uma existência física num determinado espaço e tempo. Algumas dessas manifestações desaparecem, chegando ao fim da sua utilidade e significado, da mesma maneira que outras sobrevivem além dos seus criadores, juntando-se a outras expressões materiais. Esta conceção de *Património*, com a noção de propriedade que lhe é inerente, indica que estamos perante algo que é reconhecido como de grande importância; um valor atribuído pelos seres humanos, tanto a nível individual como social. Esse valor refere-se a um apreço individual ou social atribuído aos bens patrimoniais numa determinada circunstância histórica, de acordo com o contexto de referência da época. Assim, a definição de *Património Cultural* depende daquilo que, para um determinado grupo e num determinado tempo, é considerado socialmente digno de ser transmitido às gerações futuras.<sup>31</sup> Esta definição encontra eco no conceito da UNESCO que define *Património Cultural* como *o legado que recebemos do Passado, vivemos no Presente e transmitimos às futuras gerações. O nosso património é fonte insubstituível de vida e inspiração, o nosso ponto de referência, a nossa identidade, sendo de fundamental importância para a memória, a criatividade dos povos e a riqueza das culturas.*<sup>32</sup>

Nas últimas décadas, tem havido uma redefinição significativa da noção de Património Cultural, ultrapassando a conceção clássica centrada na valorização do passado, dos monumentos e da arte elitista. No âmbito legislativo português, a Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº. 107/2011,

---

<sup>28</sup> *Cultura*. In Infopédia Dicionários Porto Editora. [Consultado a 22 de fevereiro de 2024].

<sup>29</sup> Ballart, J. (1997). *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*. Editorial Ariel.

<sup>30</sup> Moreira, C. (2006). *O entendimento do Património no contexto local*. *Oppidum*, 1, 127-140.

<sup>31</sup> *Idem*.

<sup>32</sup> Chagas, M. A. P. (2014). *O Conceito de Património Cultural no Século XXI: a comunicação social no processo colecionista de arte*. *Revista Tritão*, 2, 2-17.

de 8 de setembro)<sup>33</sup>, veio substituir a anterior Lei nº. 13/85<sup>34</sup>, de 6 de julho, denunciando essa mudança de paradigma.

Encontros de especialistas e profissionais, refletidos em cartas e documentos internacionais, desempenharam um papel crucial neste processo, alargando o âmbito do património para além do edificado e das belas-artes, desde os anos 1970. A arqueologia industrial, a paisagem e até mesmo elementos imateriais como tradições e práticas culturais (como o caso da Arte-Xávega) ganharam então validade patrimonial neste contexto. Assim, surge a noção de *Património Cultural Imaterial*, um conceito que reflete a diversidade e a riqueza de expressões culturais.

Ao contrário do Património Cultural Material, que inclui os objetos tangíveis, o Património Cultural Imaterial envolve elementos intangíveis que desempenham um papel central na identidade cultural das comunidades e na preservação da diversidade cultural global. É uma parte vital da herança da humanidade, compreendendo práticas culturais, tradições e saberes transmitidos ao longo das gerações.

O Património Cultural Imaterial, onde podemos inserir as manifestações em torno da pesca de Arte-Xávega, é definido pela UNESCO<sup>35</sup> como as *tradições ou expressões vivas herdadas dos nossos antepassados e transmitidas aos nossos antecessores, tais como:*

- a) *Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial;*
- b) *Artes do espetáculo;*
- c) *Práticas sociais, rituais e eventos festivos;*
- d) *Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo;*
- e) *Aptidões ligadas ao artesanato tradicional.*

Se quisermos ser mais detalhados, Janeiro<sup>36</sup> refere que é um tipo de património que não precisa de nenhum suporte: Existem coisas que, por ser veiculadas por um suporte físico são facilmente conservadas, mas existem

---

<sup>33</sup> Nesta legislação refere-se que todos os cidadãos têm direito à fruição dos valores e bens que integram o património cultural, como modo de desenvolvimento da personalidade através da realização cultural.

<sup>34</sup> Salienta-se que a proteção, conservação, valorização e revitalização do património cultural deverão ser consideradas obrigatórias no ordenamento do território e na planificação a nível nacional, regional e local.

<sup>35</sup> *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. (2003). In UNESCO. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>36</sup> Janeiro, P. (2009). *Ressalvando as Aparências: Apontamentos sobre a Memória, a Imaginação e o Valor*. A. Medeiros, M. Ramos (Eds.), *Memória e Artificio Matéria do Património II* (pp. 269-274). Sociedade de Geografia de Lisboa.

outras que, por não fazerem recurso a um *suporte, digamos abreviadamente, material, tornam a sua conservação mais difícil. É o caso, por exemplo, dos contos, dos ditos, das anedotas, das adivinhas, das músicas, das cantigas, do teatro, das danças, dos jogos, dos gestos, formas de costume.*

Assim, de acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), o *Património Cultural Imaterial* refere-se a práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas transmitidos de geração em geração, considerados parte integrante da identidade cultural de uma comunidade.<sup>37</sup>

O principal objetivo desta Convenção é garantir a salvaguarda deste património e promover a sua valorização, respeito e compreensão. Incentiva os Estados membros a identificar, documentar, proteger, promover e transmitir o seu Património Cultural Imaterial. Visa também facilitar a cooperação internacional entre os países para garantir a proteção desse património.<sup>38</sup> *Salvaguardar refere-se à adoção de medidas destinadas a assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspetos desse património.*<sup>39</sup>

Nas últimas décadas, a preservação e o reconhecimento do Património Cultural Imaterial tornaram-se imperativos, promovendo a compreensão, valorização e celebração das heranças culturais que moldam o nosso mundo atual. Neste contexto, o Património Cultural Imaterial desempenha um papel crucial na promoção da diversidade cultural e na salvaguarda das tradições que enriquecem a nossa sociedade.<sup>40</sup>

A UNESCO, da mesma maneira que definiu o Património Cultural Imaterial, também estipulou a sua salvaguarda: *medidas que visam assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, a documentação, a pesquisa, a preservação, a proteção, a promoção, a*

---

<sup>37</sup> *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.* (2003). In UNESCO. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>38</sup> *Idem.*

<sup>39</sup> *Património Cultural Imaterial.* In Comissão Nacional da Unesco – Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>40</sup> Pereiro, X. (2006).

*valorização, a transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, e ainda a revitalização dos diferentes aspetos desse património.*<sup>41</sup>

Aquela Convenção estabelece, pois, uma série de diretrizes e princípios para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Destaca a importância da participação das comunidades detentoras desse património em todas as etapas do processo de salvaguarda, reconhecendo a sua contribuição e conhecimento. Além disso, encoraja a criação de inventários nacionais do Património Cultural Imaterial, a promoção de programas de educação e consciencialização sobre a sua importância, o estabelecimento de medidas de proteção e a promoção da cooperação internacional para a preservação desse património.<sup>42</sup>

Desde a sua adoção, esta Convenção tem sido um importante instrumento para a proteção do Património Cultural Imaterial em todo o mundo. Promove o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural e busca garantir que o conhecimento e as práticas tradicionais sejam transmitidos às gerações futuras.<sup>43</sup>

Para além disso, podemos dizer que o Património Cultural Imaterial é *tradicional, contemporâneo e vivo* pois, apesar de representar tradições herdadas do passado, também representa as práticas atuais em que as comunidades participam. Pode dizer-se que é *inclusivo*, pois pode ser passado de gerações para gerações e, sendo assim, estabelece uma ligação muito forte a fatores do passado que, eventualmente, serão conectados com o nosso futuro. É *representativo*, pois é o Património Cultural Imaterial que define as comunidades e o que as distingue de todas as demais. Finalmente, é *fundado na comunidade*, pois todos os elementos da comunidade fazem parte e, sem o seu conhecimento e reconhecimento da prática, esta nunca poderá ser determinada como Património Cultural Imaterial.<sup>44</sup>

Também em Portugal, o já inventariado Património Cultural Imaterial engloba uma diversidade de manifestações e tradições culturais intangíveis: práticas artesanais, danças, festas, música, cantos, técnicas agrícolas,

---

<sup>41</sup> Costa, P. F. (2009). *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades* (1st ed.). Instituto dos Museus e da Conservação Softlimits.

<sup>42</sup> *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. (2003). In UNESCO. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> *Património Cultural Imaterial*. In Comissão Nacional da Unesco – Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Consultado a 06 de março de 2023].

conhecimentos tradicionais, rituais religiosos, entre outras manifestações. Como conjunto de expressões vivas e dinâmicas transmitidas de geração em geração, desempenham um papel fundamental na identidade e coesão social do país. Entre os exemplos de Património Cultural Imaterial em Portugal reconhecidos como Património da Humanidade pela UNESCO incluem-se o Fado, a Dieta Mediterrânica, as Festas do Povo de Campo Maior e a Arte Chocalheira.<sup>45</sup>

É essencial considerar o papel crucial que tem vindo a ser desempenhado na pesquisa e valorização do Património Cultural Imaterial por parte de diversos investigadores em Portugal, como o trabalho pioneiro de Ana Carvalho<sup>46</sup>, *Os Museus e o Património Cultural Imaterial* (2017), e a sua ligação à Cátedra de Património Imaterial de Évora.

O Património Cultural Imaterial em Portugal é regulado pela Lei nº. 107/2001<sup>47</sup>, que, à luz daquela Convenção, define o Património Cultural Imaterial como *as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe estão associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu património cultural.*<sup>48</sup> O Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial é o mecanismo instituído para identificar, documentar e salvaguardar essas expressões culturais. Este inventário serve como um registo oficial das práticas culturais que são reconhecidas como património imaterial, conferindo-lhes uma forma de reconhecimento e proteção legal.

Portugal alberga um vasto e significativo património cultural imaterial, composto por uma diversidade de expressões e práticas que atestam a identidade e a história do país, como acima referido. A Arte-Xávega, uma técnica tradicional de pesca praticada em algumas comunidades costeiras portuguesas, também já está inscrita no Inventário Nacional do Património

---

<sup>45</sup> *Património Cultural Imaterial*. In Comissão Nacional da Unesco – Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>46</sup> Carvalho, A. (2017). *Os museus e o património cultural imaterial: estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*. Publicações do Cidehus.

<sup>47</sup> A presente lei estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.

<sup>48</sup> *Património Imaterial*. In Infopédia Dicionário Porto Editora. [Consultado a 23 de fevereiro de 2024].

Cultural Imaterial, representando uma importante herança cultural ligada ao mar e à vida das comunidades piscatórias.<sup>49</sup>

A proposta de inventariação da Arte-Xávega na Costa da Caparica como Património Cultural Imaterial envolveu um processo de identificação, recolha de dados, documentação e submissão de uma candidatura à Direção-Geral do Património Cultural. Esta candidatura demonstrou a importância cultural e o valor patrimonial da prática da Arte-Xávega na região, incluindo informações sobre a sua história, técnicas, comunidades envolvidas e o impacto na identidade cultural local. Como está regulamentado, só após a avaliação da proposta e esta considerada adequada, cumprindo os requisitos estabelecidos pela legislação e pelas diretrizes da UNESCO, a candidatura é aprovada e fica oficialmente incluída no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, assegurando-lhe assim um estatuto de reconhecimento e proteção legal, bem como um compromisso de salvaguarda para as gerações futuras.<sup>50</sup>

Por meio de um protocolo estabelecido em 2001, entre a Câmara Municipal de Almada e o Instituto de Oceanografia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, foram conduzidos estudos de Caracterização da Pesca na Frente Atlântica do Concelho de Almada. Os relatórios finais de 2007 e 2013<sup>51</sup>, baseados em amostragem de dados junto das companhias e inquéritos aos pescadores, abordam aspectos biológicos e ambientais, identificando uma diversidade de espécies. Constatou-se uma falta de participação ativa por parte da comunidade piscatória na coleta e análise de dados relativos à atividade. Com envolvimento dos pescadores, ter-se-ia conseguido uma maior promoção da partilha de conhecimentos pelos cientistas responsáveis pelos estudos, o que poderia contribuir para a maior sustentabilidade e rentabilidade da atividade, além de desempenhar um papel crucial na conservação e proteção do ecossistema.

Para se chegar à inventariação da Arte-Xávega na Costa da Caparica como Património Cultural Imaterial foi, pois, necessário um longo processo.

---

<sup>49</sup> *Património Cultural Imaterial*. In Comissão Nacional da Unesco – Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Consultado a 14 de março de 2024].

<sup>50</sup> *Arte Xávega da Costa da Caparica entra no Inventário Nacional do Património Imaterial*. (2017). In Observador. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>51</sup> Costa, M. J.; Cabral, H. (2007). *Caracterização da Pesca com Artes de Xávega e Ganchorra na Frente Atlântica do Concelho de Almada – Relatório Final*. Instituto de Oceanografia FCTUL – CMA.

Seguindo o enquadramento legal, em 2015, foi elaborada uma proposta pelo Centro de Arqueologia de Almada, apresentada pela autarquia<sup>52</sup>, que propunha que a Arte-Xávega da Costa da Caparica fosse reconhecida como Património Imaterial e inscrita no Inventário Nacional. A proposta visava a salvaguarda deste património, a defesa de uma atividade económica tida como de grande importância, bem como a divulgação e promoção turística da região, considerando que estes fatores tinham o potencial para causar um impacto económico muito positivo em toda a estrutura económica e social da Costa da Caparica e Almada.

Desta forma, a 16 de fevereiro de 2017, foi publicada no *Diário da República* a decisão favorável da Direção-Geral do Património Cultural em relação ao pedido de inscrição da Arte-Xávega<sup>53</sup> no Inventário Cultural Imaterial.<sup>54</sup> Nesse documento ressalta-se a importância dessa aprovação para a identidade das duas comunidades piscatórias, uma localizada na Costa da Caparica e outra na Fonte da Telha, devido à sua profundidade histórica e à evidente relação com práticas semelhantes em outras comunidades piscatórias ao longo do litoral Centro e Norte de Portugal.<sup>55</sup>

A Arte-Xávega, descrita como uma rede de cerco lançada ao mar e depois recolhida para terra, recebe oficialmente a classificação de pesca por arte envolvente-arrastante, conforme estabelecido pelo Decreto Parlamentar nº. 7/2000, de 30 de maio. A prática desta modalidade é regulamentada pela portaria nº. 1102-F/2000, de 22 de novembro.<sup>56</sup>

A inscrição da Arte-Xávega no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial reflete o reconhecimento do seu valor cultural, económico e turístico, comprova como desempenha um papel importante não apenas para a subsistência dos pescadores, sendo mesmo a sua principal fonte de rendimento, mas também possui um valor simbólico significativo, criando um sentimento de pertença e identidade cultural.<sup>57</sup>

---

<sup>52</sup> Município de Almada, Câmara Municipal. Edital n.º 48/2015.

<sup>53</sup> Número de inventário: INPCI\_2017\_002.

<sup>54</sup> *Arte Xávega da Costa da Caparica entra no Inventário Nacional do Património Imaterial.* (2017). In Observador. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>55</sup> *A Arte Xávega é agora Património Cultural Imaterial de Portugal.* (2017). In Mundo Português. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Caldeira, C. (2017). *Arte Xávega já é Património Cultural Imaterial.* In Agricultura e Mar. [Consultado a 06 de março de 2023].

A atividade em questão está classificada como Património Cultural Imaterial, enquadrada na categoria de pesca e aquicultura e conhecida como *Arte-Xávega* na localidade da Costa da Caparica. Do ponto de vista social, está integrada na comunidade de pescadores da Costa da Caparica e é exercida ao longo de todo o ano, sujeita às condições do mar, mas mais propriamente entre os meses de maio a outubro. A prática da *Arte-Xávega* é ainda ativa nas praias atlânticas da Costa da Caparica, envolvendo grupos de pesca tanto da Costa da Caparica quanto da Fonte da Telha.<sup>58</sup>

A *Arte-Xávega* configura-se como uma marcante referência identitária para a comunidade piscatória e os habitantes da Costa da Caparica, abrangendo também a localidade da Fonte da Telha.

A Costa da Caparica é uma extensa faixa litoral que se estende ao longo da margem sul do rio Tejo, abrangendo várias praias desde a foz do rio até à Fonte da Telha. Esta região é caracterizada por extensas praias arenosas, uma vasta oferta de serviços turísticos, incluindo restaurantes, bares e atividades de lazer, bem como uma atmosfera animada durante a época estival. Além disso, a Costa da Caparica é conhecida pelas suas condições favoráveis para desportos aquáticos, como *surf*, *bodyboard* e *kitesurf*, devido às suas ondas consistentes e à exposição direta ao Oceano Atlântico.

Por outro lado, a Fonte da Telha é uma praia específica localizada na extremidade sul da Costa da Caparica. Esta praia distingue-se pelas suas características geográficas únicas, incluindo falésias douradas e enseadas mais recolhidas. Em contraste com algumas das praias mais movimentadas da Costa da Caparica, a Fonte da Telha oferece um ambiente mais tranquilo e isolado, atraindo aqueles que procuram uma experiência de praia mais serena e contemplativa. Em resumo, enquanto a Costa da Caparica representa uma vasta área costeira com uma variedade de praias e atividades turísticas, a Fonte da Telha é uma localização específica dentro dessa região, conhecida pelas suas características geográficas distintivas e ambiente mais calmo.<sup>59</sup> Em ambas as áreas o mar é um elemento identitário e, no que diz

---

<sup>58</sup> *Arte-Xávega na Costa da Caparica*. In MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023].

<sup>59</sup> Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica.

respeito à recordação das vivências ligadas à pesca, os processos de patrimonialização ocorrem sobretudo ao nível local.<sup>60</sup>

De facto, nestas zonas, esta prática tradicional de pesca manteve-se como uma atividade em curso porque foi transmitida de geração em geração. Assim, este fenómeno assume uma relevância cultural profunda, desempenhando um papel central na preservação e transmissão da herança cultural e social, constituindo um elemento vital do património imaterial da região.<sup>61</sup>

Estas características foram enfatizadas na deliberação da Assembleia Municipal de Almada, durante a sessão realizada a 28 de junho de 2013, que destacou a extrema importância da prática da Pesca com Arte-Xávega no seio do concelho, particularmente na freguesia da Costa da Caparica. Este reconhecimento institucional evidenciou não apenas a sua função primordial como sustentáculo económico para numerosas famílias locais, mas também a sua inegável contribuição enquanto elemento intrínseco ao património cultural e social de Almada e, por extensão, do território nacional. Por consequência, fruto de uma colaboração de índole técnica e científica com o Centro de Oceanografia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, estabelecida desde outubro de 2001 mediante protocolo preexistente, a Câmara Municipal de Almada tem-se empenhado ativamente na caracterização da atividade pesqueira na frente atlântica do referido concelho.<sup>62</sup>

Este posicionamento demanda a preservação diligente e a promoção proativa da prática tradicional da Arte-Xávega, considerando as suas dimensões económicas, culturais e sociais intrínsecas à região. Assim, a Câmara, embasada nos critérios elencados nas alíneas a), b), e), e h) do artigo 10.º daquele diploma<sup>63</sup>, sustenta de maneira cabal a pertinência da integração da Arte-Xávega na Costa de Caparica com base nos seguintes elementos:

- a) Relevância da expressão do património cultural intangível como espelho autêntico da comunidade ou grupo em questão: a Arte-

---

<sup>60</sup> Santos, D. (2014). *O Museu da Nazaré nas representações do mar. Participação e revisão identitária da comunidade*. Revista Vox Musei arte e património. ISSN 2182-9489, e-ISSN 2182-0002. Vol. 2 (3): p. 290-296.

<sup>61</sup> Marques, M. (2019).

<sup>62</sup> *Arte-Xávega na Costa da Caparica*. In MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023].

<sup>63</sup> Idem.

Xávega é uma atividade económica relevante para a subsistência da população da Costa de Caparica, envolvendo dezenas de trabalhadores em cada companhia, em comparação com outras práticas locais de pesca. Além do impacto económico, desempenha um papel crucial na identidade e memória coletiva da comunidade piscatória local, composta principalmente por naturais da Costa de Caparica. A persistência da pesca na dinâmica familiar é uma resposta à falta de outras oportunidades profissionais;

- b) Os ambientes sociais e culturais relacionados à criação, preservação e modalidades de acesso, especialmente em termos da sua representatividade histórica e peculiaridades: a Arte-Xávega, como prática pesqueira tradicional, tem vínculos fundamentais com a origem e colonização da Costa de Caparica. Inicialmente favorecida pelas condições naturais na segunda metade do século XVIII, essa forma específica de pesca moldou e adaptou modos de vida, habitação, embarcações e técnicas pesqueiras. Essas transformações geraram uma identidade cultural única na comunidade piscatória da Costa de Caparica, distinguindo-a de outras que praticam a Arte-Xávega em diferentes partes do país;
- c) A concretização e preservação ativa da expressão do património cultural intangível dentro do contexto da comunidade ou grupo ao qual se refere: apesar das regulamentações estatais desafiadoras, a Arte-Xávega mantém-se como uma atividade económica vibrante na comunidade piscatória da Costa da Caparica. As transformações tecnológicas, como a motorização das chatas desde a década de 1970, não impediram a transmissão contínua de conhecimentos e técnicas tradicionais, assim como saberes naturalistas populares sobre o ecossistema local. Esses elementos consolidam a inventariação da Arte-Xávega como Património Cultural Imaterial;
- d) A transmissão bem-sucedida, ao longo das gerações, da expressão do património cultural intangível e dos métodos pelos

quais esse processo ocorre: treze licenças de pesca na Costa de Caparica, predominantemente usadas por doze companhias ativas, indicam a continuidade da pesca artesanal com participação intergeracional. Notavelmente, algumas dessas companhias, lideradas por pescadores jovens, evidenciam o comprometimento dessa geração em preservar e perpetuar essa prática específica de pesca;

- e) As condições que podem representar ameaça ou potencialmente levar à extinção, total ou parcial, da expressão do património cultural intangível: sublinha-se a importância da transmissão intergeracional de conhecimentos essenciais para a prática da pesca, considerando o contexto competitivo associado. Observa-se a participação de jovens nas companhias, alguns provenientes de famílias com tradição na pesca. Os pescadores de Arte-Xávega na Costa da Caparica identificam como principal ameaça à continuidade dessa prática a eventual regulamentação que possa proibir ou impor restrições à Arte de Pesca. A matéria em análise não versa sobre o facto de alguns jovens terem iniciado o trabalho nas companhias de Arte-Xávega antes dos 14 anos;<sup>64</sup>

Esta realidade pode ser apreciada nas palavras de Bruno Ventura: *Os meus tios. Juntei-me à Arte-Xávega porque foi sempre uma coisa que esteve presente na minha vida, sempre gostei muito desta vida. E o ser malandro e não querer estudar... ajudou.*<sup>65</sup>

- f) As ações de preservação para assegurar a continuidade da expressão do património cultural intangível: no âmbito do Programa Polis<sup>66</sup> - Costa da Caparica, foram construídos em 2008 novos espaços de apoio para os profissionais da pesca, substituindo os antigos contentores utilizados para arrumos e manutenção dos aprestos de pesca. Esses espaços, compostos

---

<sup>64</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>65</sup> Ver Apêndice 1.1.

<sup>66</sup> *Plano Estratégico do Programa Polis da Costa da Caparica*. In Câmara Municipal de Almada. [Consultado a 21 de novembro de 2023].

por dois grupos de alvéolos em banda, são referidos pelos pescadores como barracas, termo tradicionalmente usado para descrever áreas destinadas ao armazenamento de equipamentos de pesca;

- g) A harmonização com os requisitos do desenvolvimento sustentável e a promoção do respeito recíproco entre comunidades, grupos e indivíduos: a Arte-Xávega, como atividade económica, contribui para a sustentabilidade e integração social de indivíduos desfavorecidos, introduzindo no mercado anualmente toneladas de pescado de alta qualidade. Contudo, é necessário destacar que, como atividade profissional, a pesca tradicional passa por adaptações constantes conforme as necessidades, recursos e meios disponíveis. Na Costa da Caparica, como atividade humana, impacta o meio ambiente, especialmente no que diz respeito aos recursos piscícolas, com possíveis efeitos como a captura de juvenis e a rejeição de pescado de baixo valor comercial. A natureza cega da arte, onde o resultado do lance só é conhecido na praia, contribui para essa dinâmica. As principais espécies-alvo, como o Carapau, Sardinha e Cavala, enfrentam desafios históricos, com a Cavala historicamente sujeita a maiores rejeições. No entanto, desde 2012, a exportação de Cavala reduziu significativamente as rejeições. Do ponto de vista ambiental, é importante notar que as espécies rejeitadas não são devolvidas ao mar; parte é consumida pelos pescadores, distribuída a quem necessita, e o restante é destinado a aterros sanitários.<sup>67</sup>

Para proteger e celebrar a Arte-Xávega como parte do nosso património cultural, é importante também valorizar e preservar os objetos e bens materiais associados a esta prática. Desde os barcos até aos equipamentos utilizados, cada peça conta a história e é testemunho desta tradição marítima. Assim, podemos conhecer a evolução histórica e manter viva a autenticidade da Arte-Xávega. É também importante considerar os espaços, como é o caso do *Bairro*

---

<sup>67</sup> *Arte-Xávega na Costa da Caparica. In MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023].*

*dos Pescadores e Rua 15*, zonas habitadas predominantemente por famílias ligadas à pesca; destacam-se pelas suas características construtivas e de conjunto, que lhes confere um notável valor patrimonial e sociológico.<sup>68</sup>

Como se percebe, a inventariação do Património Cultural Imaterial relacionada com a Arte-Xávega na Costa de Caparica deve apresentar uma abordagem holística e sistemática. Este processo requererá continuidade em termos de investigação e divulgação, visando a preservação e valorização de uma prática cultural historicamente documentada, central para o povoamento da Costa de Caparica. A condução desses esforços, promovida pela entidade proponente do registo no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, deve atender às expectativas da comunidade piscatória, buscando valorizar seus conhecimentos e práticas tradicionais.<sup>69</sup>

Naturalmente, a inscrição da Arte-Xávega no Património Imaterial nacional é um processo de elevada responsabilidade e que não evita que esta tradição piscatória enfrente desafios à sua continuidade: incertezas quanto à rentabilidade económica, pois as restrições legais, como medidas mínimas de pescado e quotas por espécie, impactam a viabilidade económica desta pesca tradicional. Restrições à circulação de tratores e a falta de corredores de acesso prejudicam o alcance das áreas de pesca, reduzindo a sua rentabilidade. A possível perda de conhecimentos e recursos, especialmente na confeção de redes, também ameaça a continuidade da Arte-Xávega.

Neste sentido, espera-se que a regulamentação proposta pela Resolução da Assembleia da República nº. 93/2013 possa oferecer soluções a alguns dos problemas acima enunciados.<sup>70</sup>

Assim, na sequência da inscrição da Arte-Xávega na Costa da Caparica no Inventário Nacional de Património Imaterial, delinearam-se orientações abrangentes que perpassam diversos serviços municipais. Estas orientações visam:

1. Recuperação das estruturas de suporte à pesca artesanal nas praias da Costa de Caparica;
2. Estabelecimento de um espaço museológico destinado à

---

<sup>68</sup> *Arte-Xávega na Costa da Caparica*. In MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023].

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Nunes, F. O. (2006).

pesca e à Arte-Xávega, visando integrar a sua cultura material. Este local opera sob a abordagem de *museu vivo*, destacando e enaltecendo as técnicas e práticas culturais da pesca artesanal, enquanto portadoras de saberes específicos da comunidade relativamente ao seu meio;

3. Melhoria das condições laborais para os pescadores e facilitação da receção de visitantes na zona de apoio à pesca. Isso inclui a instalação de sinalização nas áreas de trabalho junto à água e nos locais de atividade em terra, bem como a criação de um itinerário para visitação e a elaboração de materiais que incentivem a apreciação da prática da pesca.<sup>71</sup>

Devido à sua importância socioeconómica, histórica e cultural, a salvaguarda da Arte-Xávega na Costa da Caparica tem gerado interesse e iniciativas por parte de associações locais ligadas à pesca, assim como de entidades culturais e de preservação do património. Destacam-se, nomeadamente, as ações da associação Gandaia, na organização de eventos e reuniões para envolver a comunidade piscatória, e o Centro de Arqueologia de Almada, na pesquisa histórica e produção de conteúdos educativos sobre a história da região e da pesca artesanal, incluindo a Arte-Xávega. Além disso, o Grupo Desportivo *Os Navegantes*, da Fonte da Telha, realizou uma Recriação Histórica de um *Lanço de Arte-Xávega à Moda Antiga*, em 2014. Destaca-se também a criação, em 2013, de duas associações profissionais dedicadas à pesca artesanal: a *Ala-ala - Associação de Pesca Artesanal* e a *Associação de Pescadores Pesquisucesso*. Em termos institucionais, a 7 de dezembro de 2013, foi apresentada a aplicação *Qual é a tua onda na Arte-Xávega da Costa da Caparica*, desenvolvida pelo Instituto Hidrográfico. Essa aplicação proporciona aos pescadores a capacidade de antecipar, com cinco dias de antecedência, as condições do mar, incluindo informações sobre a ondulação. Em 2014, a Junta de Freguesia da Costa de Caparica iniciou uma distribuição de placas para diversas companhias da Arte-Xávega, destinadas a serem instaladas nas praias com a indicação de *Zona de Pesca com Arte-Xávega*.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Silva, F. (s. d.). *Musealização das Pescas e da Arte-xávega*. In Câmara Municipal de Almada. [Consultado a 22 agosto de 2023].

<sup>72</sup> Idem.

Já em 2004, o estudo<sup>73</sup> sobre a Costa de Caparica e a Arte-Xávega visava criar conteúdos educativos, evoluindo depois para uma investigação mais profunda sobre a sua dimensão como património cultural imaterial. O eventual reconhecimento da Arte-Xávega na Costa de Caparica como Património Cultural Imaterial foi, então, considerado como uma medida crucial para a sua salvaguarda, que iria beneficiar a comunidade piscatória em termos de escoamento do pescado e impulsionar o turismo cultural e gastronómico da região.

Nessa candidatura, as propostas de medidas de salvaguarda incluíram ajustes legislativos para flexibilizar horários de pesca durante o período balnear e a criação de corredores de acesso, requerendo coordenação entre a Câmara Municipal de Almada, a comunidade piscatória e entidades relevantes. Além disso, sugere-se o desenvolvimento de projetos de formação para pescadores, ações de sensibilização na população escolar e a divulgação da Arte-Xávega por meio de *workshops* e demonstrações. Neste âmbito, a Câmara Municipal de Almada já promoveu a exposição *Arte-Xávega Costa da Caparica – Tradição, Adaptação e Resistência* em 2015<sup>74</sup>. Outras recomendações envolvem a valorização do pescado proveniente desta prática com uma classificação de qualidade e a implementação de programas para destacar as potencialidades gastronómicas da cozinha tradicional da comunidade piscatória da Costa de Caparica.<sup>75</sup>

A distinção da Arte-Xávega como Património Cultural Imaterial não só enriqueceu o turismo local, mas também impulsionou a economia do concelho, gerando impactos positivos e promovendo o seu potencial turístico.

Mesmo após a implementação da indústria turística moderna e o considerável desenvolvimento dos espaços de lazer, a pesca e os pescadores mantêm-se como elementos atrativos para os banhistas que escolhem as praias como destino de férias. A atividade pesqueira continua a ser representada em bilhetes-postais, fotografias, quadros e azulejos, exibidos em vários locais, como cafés e restaurantes da costa portuguesa.<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> *Arte-Xávega na Costa da Caparica*. In MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023].

<sup>74</sup> *Arte-Xávega na Costa de Caparica: Tradição, Adaptação, Resistência*. Exposição patente durante o Encontro. Câmara Municipal de Almada/ Divisão de Museus e História Local, 2015.

<sup>75</sup> *Arte-Xávega na Costa da Caparica*. In MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023].

<sup>76</sup> Nunes, F. O. (2006).

Considerando que o turismo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento económico da Costa da Caparica, é relevante também destacar a importância dos turistas em relação ao património cultural, seja este material ou imaterial. Essa interação pode desempenhar um papel crucial na investigação, conservação e salvaguarda dos recursos patrimoniais, garantindo que sejam transmitidos às gerações futuras.<sup>77</sup>

A interligação entre o turismo e a preservação das atividades pesqueiras tradicionais constitui um tema de análise complexo e multifacetado. Por um lado, o setor turístico pode desempenhar um papel significativo na valorização e conservação das práticas ancestrais da pesca, ao propiciar oportunidades para os pescadores compartilharem os seus saberes e vivências com os visitantes, fomentando, desta forma, também a salvaguarda da sua cultura e identidade. Contudo, é igualmente pertinente reconhecer o potencial risco de deturpação dessas práticas se forem encenadas com o intuito de cativar turistas, o que poderá distorcer a autenticidade das atividades pesqueiras tradicionais. Além disso, o aumento do turismo pode levar a limitações ao trabalho dos pescadores, seja devido à pressão sobre os recursos naturais causada pelo excesso de visitantes, restrições de acesso a determinadas áreas de pesca devido a atividades turísticas, ou mesmo à transformação das zonas costeiras em destinos turísticos e com elevada pressão imobiliária, que não priorizam as atividades pesqueiras tradicionais. A massificação do turismo pode também gerar impactos ambientais adversos, tais como a poluição, a degradação dos ecossistemas costeiros e a perda de biodiversidade. Além disso, a excessiva dependência do turismo pode vulnerabilizar as comunidades locais a oscilações económicas e crises, especialmente quando não são implementadas políticas de gestão e sustentabilidade adequadas. Assim sendo, torna-se premente a adoção de abordagens responsáveis e sustentáveis no desenvolvimento do turismo, com vista a minimizar os seus efeitos negativos e a promover o bem-estar das comunidades locais e a preservação do ambiente.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> *Arte-xávega*. In Câmara Municipal de Almada. [Consultado a 06 de março de 2023].

<sup>78</sup> Braga, S. (2017). *O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade: O caso de Castanheira de Pêra*. [Master's dissertation]. Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária.

O reconhecimento do valor patrimonial de uma expressão cultural imaterial provém, em parte, da sua ancestralidade e da sua relevância como referência identitária para uma comunidade ou grupo social mais alargado. É crucial realçar que o conceito de Património Cultural Imaterial pressupõe a vitalidade desse conhecimento, estando, assim, sujeito a processos evolutivos e adaptativos, não devendo ser erroneamente interpretado como uma mera recriação do passado.<sup>79</sup>

Nesse contexto, a Câmara Municipal de Almada está empenhada no desenvolvimento de conteúdos para a criação de um museu vivo dedicado à pesca artesanal na Costa da Caparica e Fonte da Telha, sobre o qual efetuarei um maior desenvolvimento no capítulo 4.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Marques, M. (2019).

<sup>80</sup> *Arte-xávega*. In Câmara Municipal de Almada. [Consultado a 06 de março de 2023].

## **2. A Pesca Artesanal em Portugal: a Arte-Xávega**

### **2.1 Pesca Artesanal em Portugal: caracterização e desafios**

A pesca artesanal em Portugal é uma atividade ancestral que continua a ser crucial para muitas comunidades costeiras. Este tipo de pesca é conhecido pelo uso de métodos tradicionais, desempenhando um papel importante em várias áreas, incluindo a sustentabilidade ambiental, a preservação das tradições culturais e a economia das regiões costeiras. No entanto, enfrenta uma série de desafios complexos, como a crescente pressão sobre os recursos marinhos, questões regulatórias e a necessidade de modernização.<sup>81</sup>

Além da sua importância económica, a pesca artesanal em Portugal desempenha um papel fundamental na manutenção das tradições e da cultura popular ligadas ao mar. Muitas comunidades costeiras têm uma relação ancestral e familiar com a pesca, transmitindo conhecimentos e técnicas de geração em geração.

A pesca é uma atividade de captura que se desenvolve à custa da exploração dos recursos biológicos da hidrosfera, envolvendo três componentes principais: os recursos biológicos aquáticos, o meio físico-químico em que as espécies habitam e o Homem, este desempenhando o papel de recolector.<sup>82</sup>

Ocorre em espaços distintos, mas contíguos, cada um com características e funções específicas: o espaço marítimo, portuário e continental. A pesca artesanal, como subsistema da pesca, enquadra-se num contexto económico, legal e administrativo particular, interagindo de forma constante com outros subsistemas, como a pesca industrial, a agricultura, a aquacultura ou o turismo.<sup>83</sup>

Em contraste com outros setores de atividade laboral, a pesca pode ser definida como uma atividade extrativa que envolve a exploração de recursos marinhos, que são móveis por natureza. Esta mobilidade intrínseca dos recursos marinhos requer que os pescadores persigam constantemente as suas presas, resultando na formação de padrões socioculturais notoriamente distintos em relação às atividades agrícolas e industriais. Neste contexto, torna-se pertinente destacar a situação atual das pescas que enfrenta desafios significativos, incluindo a diminuição das populações de peixes e as mudanças nos

---

<sup>81</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>82</sup> Souto, H. (1998). *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa: estudo geográfico* [Doctor's dissertation]. Universidade Nova de Lisboa.

<sup>83</sup> Idem.

ecossistemas marinhos. Isso levanta questões importantes sobre a adaptabilidade profissional dos pescadores, uma vez que o setor enfrenta maiores dificuldades e incertezas em relação ao seu futuro. Colmatadas algumas dificuldades em termos de embarcações, segurança, entre outros, levantam-se outras como a escassez dos recursos e a sustentabilidade.<sup>84</sup>

Antigamente, os recursos marinhos eram vistos como inesgotáveis, mas o progresso científico e o crescimento acelerado da indústria pesqueira demonstraram que, apesar de renováveis, esses recursos não são infinitos e requerem uma gestão sustentável.<sup>85</sup>

A continuidade da prática da Arte-Xávega reflete, pois, a resiliência destas comunidades na preservação das suas tradições e identidade, mesmo perante mudanças socioeconómicas substanciais.<sup>86</sup>

. A ligação entre a pesca e a alimentação tradicional representa, igualmente, um elemento de considerável significado na construção da identidade cultural das comunidades. A pesca assegura o fornecimento contínuo de peixe fresco às comunidades locais, desempenhando um papel vital na sua dieta tradicional.

Os hábitos alimentares dos portugueses seguem uma dieta diversificada de estilo mediterrâneo, na qual o consumo de peixe é um dos elementos fundamentais. Com efeito, a Dieta Mediterrânica engloba um conjunto abrangente de práticas relacionadas desde o cultivo, colheita, pesca, criação de animais, processamento e consumo de alimentos. Destaca-se pelo compartilhamento de refeições e, afirma-se como vital na construção da identidade cultural e coesão das comunidades mediterrâneas. Além de valores como hospitalidade e respeito à diversidade, a dieta influencia eventos culturais, festivais e celebrações, envolvendo pessoas de diversas origens.

As mulheres têm um papel significativo na transmissão desses conhecimentos e valores, preservando técnicas e rituais. Também os mercados são vitais enquanto espaços de intercâmbio, contribuindo para a perpetuação e disseminação dessas tradições alimentares.<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> Amorim, I. (2001). *História do Trabalho e das Ocupações*. Celta Editora.

<sup>85</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>86</sup> Martins, R., & Carneiro, M. (2020). *Artes de pesca artesanais em Portugal*. Argos, 106-21.

<sup>87</sup> *Dieta Mediterrânica: Chipre, Croácia, Espanha, Grécia, Itália, Marrocos e Portugal*. (2013). In Comissão Nacional da UNESCO. [Consultado a 22 de novembro de 2023].

Neste quadro de valorização da Dieta Mediterrânica (inventariada como Património Cultural Imaterial da Humanidade), o consumo de peixe proveniente de águas salgadas e frescas tem sido historicamente uma presença desde a Antiguidade. Contudo, até recentemente, a sua contribuição para a dieta média da população portuguesa era relativamente reduzida, especialmente nas camadas sociais menos favorecidas das comunidades rurais, onde prevaleceu o modelo de autossuficiência alimentar até ao século XX. Apesar da frescura e da sazonalidade do peixe capturado no mar desempenharem um papel crucial na utilização culinária, a sua rápida deterioração e perecibilidade impediram a generalização do seu consumo, sobretudo em meios rurais e mais distantes da costa, uma situação que só foi ultrapassada com os avanços na tecnologia de conservação a frio.<sup>88</sup> Todavia, nação rica em herança marítima, Portugal tem várias razões para continuar a considerar este setor como uma prioridade no seu desenvolvimento estratégico.<sup>89</sup>

De facto, Portugal sempre foi historicamente um país agrícola, com uma forte dependência da agricultura para a sua subsistência e economia. Mesmo nas áreas do litoral e junto aos cursos de água, onde o consumo de peixe pode ser mais significativo, a agricultura desempenhou e continua a desempenhar um papel fundamental na vida das comunidades. Os produtos agrícolas sempre foram a base da dieta portuguesa e fonte primária de nutrição para a população, numa variedade de produtos cultivados em diferentes regiões do país, incluindo cereais, frutas, legumes, azeite e vinho, entre outros. Os alimentos cultivados localmente têm um papel central na alimentação diária, devido à sua acessibilidade e custo comparativamente baixo em comparação com o peixe fresco, que pode ser mais caro e menos acessível em algumas áreas. Portanto, enquanto o consumo de peixe é valorizado e apreciado, especialmente pelo seu sabor único e valor nutricional, a base da alimentação e subsistência nas áreas rurais de Portugal historicamente foi e continua a ser os produtos agrícolas, refletindo a importância duradoura desse setor na economia e na cultura portuguesas.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> Santos, D. (2021). *Memória e representação do mar: Guilherme Filipe e Lino António, os "pintores das paisagens e das gentes da Nazaré"*. In C. F. C. Carreto & L. S. Martins (Eds.), *Imaginários do Mar: Uma antologia crítica* (Vol. 2, pp. 115-151). Instituto de Estudos de Literatura e Tradição.

<sup>89</sup> Dias, J. A. (2003). *Portugal e o mar: importância da Oceanografia para Portugal*. Universidade do Algarve.

<sup>90</sup> Amorim, I. (2008). *Homens da Terra ou Homens do Mar - um percurso historiográfico. Culturas Marítimas em Portugal*. Lisboa: Âncora Editora, 27-70.

A prática da pesca consolidou-se precocemente em Portugal devido à sua posição geográfica favorável. Uma extensa costa marítima de aproximadamente 850 km, posiciona-o sobre as águas abundantes em peixe do Atlântico. As enseadas de Buarcos, Nazaré, Peniche, Cascais, Sesimbra e Setúbal são protegidas dos ventos provenientes do noroeste devido à forma do litoral e à proximidade de áreas mais elevadas.<sup>91</sup> Considerando todas as partes do território, a área do mar territorial de Portugal é de aproximadamente 50.957 km<sup>2</sup>.<sup>92</sup>

Com uma ampla Zona Económica Exclusiva de cerca de 1700000 km<sup>2</sup>, uma costa extensa e uma plataforma continental altamente produtiva, Portugal é um país onde a pesca possui uma tradição antiga e continua a desempenhar um papel relevante.<sup>93</sup> A Zona Económica Exclusiva é uma área marítima adjacente ao mar territorial que se estende até 200 milhas náuticas a partir das linhas de base. Esta zona engloba diversas regiões, incluindo as águas acima do leito do mar, o próprio leito do mar e o subsolo marinho. Abrange a exploração de recursos naturais, como recursos biológicos e minerais, além de fontes de energia renovável, como energia eólica, das ondas e das correntes marinhas. Dentro da Zona Económica Exclusiva, os Estados costeiros têm o direito de conceder permissões, regulamentar e controlar a construção de infraestruturas para a exploração desses recursos naturais, incluindo a possibilidade de criar ilhas artificiais. Além disso, podem estabelecer zonas de segurança ao redor dessas infraestruturas, geralmente com um alcance de até 500 metros a partir de seus limites, que devem ser respeitadas por embarcações em trânsito. Em específico, para Portugal, a Zona Económica Exclusiva é dividida em três áreas distintas: o Continente, os Açores e a Madeira. Cada uma dessas áreas possui características geográficas e recursos naturais próprios, mas todas estão sujeitas às regulamentações estabelecidas pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Essa convenção define os direitos e deveres dos Estados costeiros na administração e exploração da Zona Económica Exclusiva.<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> Cavaco, C. (1969). *A pesca e a indústria de conservas de peixe em Portugal*. Finisterra, 4(7), 145-153.

<sup>91</sup> *Zonas Marítimas sob Soberania e ou Jurisdição Portuguesa*. In DGRM. [Consultado a 26 de setembro de 2023].

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Idem.

Uma das potencialidades a aproveitar para a pesca tradicional em Portugal é de facto esta Zona com cerca de 200 milhas.<sup>95</sup> Portugal é geograficamente privilegiado, pois situa-se entre África, América e a Europa; destacando-se a centralidade e a dimensão atlântica do território nacional.<sup>96</sup> Para além disso, no verão, o país é afetado por uma corrente denominada de *upwelling*, que consiste no aparecimento de correntes frias muito ricas em minerais e plâncton, favorecendo a abundância de algumas espécies (especialmente a da sardinha – uma espécie muito importante na Arte-Xávega).<sup>97</sup>

O termo *Plataforma Continental* abrange dois conceitos distintos, nomeadamente, o conceito geológico e o conceito jurídico. Embora exista uma relação considerável entre esses dois conceitos, na prática, representam realidades bastante diferentes, especialmente no contexto de Portugal. A plataforma continental geológica refere-se à parte do leito e subsolo das áreas subaquáticas que se estende suavemente desde a linha costeira até a uma profundidade média que varia entre 200 e 300 metros, onde ocorre a transição para o talude continental. Por sua vez, o conceito jurídico de plataforma continental foi definido na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. De acordo com o seu Artigo 76<sup>o</sup>, parágrafo 1<sup>o</sup>, a plataforma continental de um Estado costeiro inclui o leito e subsolo das áreas subaquáticas que se estendem para além do seu mar territorial, seguindo o prolongamento natural do seu território terrestre até ao limite exterior da margem continental ou até a uma distância de 200 milhas náuticas a partir das linhas de base que delimitam o mar territorial. Isso aplica-se nos casos em que o limite exterior da margem continental não atinge essa distância. Os Estados costeiros têm o direito de exercer soberania sobre a plataforma continental, permitindo-lhes explorar e aproveitar os seus recursos naturais. Estes direitos são exclusivos, o que significa que se um Estado costeiro não explorar a plataforma continental ou não utilizar os seus recursos naturais, ninguém pode realizar tais atividades sem obter o consentimento desse Estado.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> Mateus, D. (2016). *A pesca*. In Slideshare. [Consultado a 15 de março de 2023].

<sup>96</sup> *Importância da pesca na economia*. (2015). In Atividade Piscatória em Portugal. [Consultado a 15 de março de 2023].

<sup>97</sup> Mateus, D. (2016).

<sup>98</sup> Idem.

A questão da *Plataforma Continental* é de extrema importância na pesca, destacando-se pela sua relevância na gestão sustentável dos recursos marinhos. A delimitação precisa dessa área é crucial para estabelecer normativas que previnam a sobrepesca e promovam práticas responsáveis. Além disso, influencia políticas nacionais e internacionais relacionadas com a exploração dos recursos marinhos. A atenção cuidadosa a esse aspeto é vital para garantir a sustentabilidade da pesca e a preservação dos ecossistemas marinhos, afetando diretamente a segurança alimentar e económica das comunidades pesqueiras.

Portugal desempenha um papel crucial na proteção e segurança das embarcações que atravessam a sua Zona Económica Exclusiva e Águas Territoriais. É passagem obrigatória para a maioria do tráfego marítimo que se dirige ao norte da Europa ou parte dessa região. Além disso, o país também tem a responsabilidade de prevenir e combater a poluição do ambiente marinho. Diariamente, em média, cerca de 200 navios transitam pelos corredores de tráfego marítimo sob jurisdição portuguesa, transportando mais de 500 toneladas de diversos tipos de mercadorias. É importante ressaltar que aproximadamente 40 desses navios são petroleiros, responsáveis pelo transporte de substâncias petrolíferas e os seus produtos derivados.<sup>99</sup>

Um dos riscos para a sobrevivência da pesca tradicional em Portugal prende-se com a pequena dimensão da Plataforma Continental. Portugal está localizado numa zona de transição para ecossistemas mais quentes, o que resulta numa grande diversidade de espécies de peixes, mas com baixa abundância de cada uma. Embora as subáreas dos Açores e da Madeira da Zona Económica Exclusiva tenham dimensões consideráveis, elas possuem áreas de pesca limitadas com plataformas continentais pouco extensas, seguidas por profundidades elevadas e algumas fragilidades biológicas. Essas características naturais resultam numa menor diversidade de peixes em comparação com outras zonas de pesca da comunidade europeia.<sup>100</sup>

Num contexto mais amplo, Moreira<sup>101</sup> destaca que o crescimento populacional significativo na Europa durante o século XIX atraiu pessoas do

---

<sup>99</sup> Dias, J. A. (2003).

<sup>100</sup> *Zonas Marítimas sob Soberania e ou Jurisdição Portuguesa*. In DGRM. [Consultado a 26 de setembro de 2023].

<sup>101</sup> Moreira, C. (2006).

campo para atividades pesqueiras de baixo custo e tecnologia simples, como a coleta de sargaço, a pesca de pilado e as pescarias com redes xávegas<sup>102</sup>. Isso marcou uma etapa crucial na evolução das atividades pesqueiras e das populações marítimas.

A adoção de tecnologias específicas na atividade pesqueira deveria resultar num aumento substancial na captura de peixes, reduzindo os custos operacionais e, conseqüentemente, promovendo um incremento na produtividade geral. Efetivamente, ao longo de um período que se estendeu do final do século XVIII até à década de 1920, assistiu-se a uma série de mudanças e implementações tecnológicas no domínio da pesca. O método de pesca à linha, que, a princípio, representava uma técnica antiquíssima e amplamente disseminada, detinha uma posição dominante no panorama piscatório. No entanto, essa posição foi gradualmente desafiada e substituída por abordagens como o uso de redes de emalhar, cercos e o método de arrasto. Um exemplo ilustrativo dessa evolução tecnológica foi a técnica do *espinel*, caracterizada pelo uso de uma linha equipada com múltiplos anzóis. No entanto, até o final do século XVII, essa técnica não era comumente aplicada em águas distantes da costa.<sup>103</sup> Por sua vez, a introdução das redes de cerco móvel representou um avanço qualitativo notável na pesca.

Assim, a eficácia de uma determinada tecnologia pesqueira tem sido avaliada com base no aumento das taxas de captura, em consequência da adoção de malhagens mais apertadas, redes de maior dimensão ou da interligação de anzóis, demonstrando as repercussões da inovação tecnológica no setor pesqueiro.<sup>104</sup>

Neste processo evolutivo, devemos compreender as implicações das adaptações técnicas ao nível da mão-de-obra requerida. Inicialmente, o método manual de alagem da arte



**Figura 2** – Trator da Companhia Poseidon  
Fotografia da autora, 2023

<sup>102</sup> A própria palavra *Xávega* designa um aparelho de arrasto constituído por uma extensão precisa de 350 metros.

<sup>103</sup> Moreira, C. (2006).

<sup>104</sup> Marques, M. (2011).

envolvia um considerável número de homens e mulheres coordenando os seus esforços ao ritmo de um tambor, cânticos, ladainhas ou, por vezes, pífaros e cornetins. Posteriormente, a partir da década de oitenta do século XIX, a introdução do gado reduziu substancialmente a necessidade de mão-de-obra para a alagem. Finalmente, em meados do século XX, a substituição do gado por tratores assinala, em muitas praias, o início do período contemporâneo.

A partir das últimas décadas do século passado, assistimos também a um constante esforço de adaptação às novas regulamentações decorrentes das sucessivas opções políticas na gestão de recursos marítimos.<sup>105</sup>

Após a adesão de Portugal à União Europeia, em 1985, ocorreram importantes mudanças neste setor, incluindo uma redução significativa da frota, do número de pescadores e dos desembarques, assim como da sua relevância para a economia do país.<sup>106</sup> Observou-se uma tendência crescente de concentração da atividade pesqueira nos portos ao longo de toda a costa portuguesa, especialmente nos que possuem infraestruturas adequadas para embarcações de maior porte e oferecem uma área marítima mais ampla, profunda e abrigada. Entre esses portos destacam-se os de Matosinhos, Aveiro, Figueira da Foz, Peniche, Lisboa, Setúbal, Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António.<sup>107</sup>

Portugal tem uma grande dependência das suas instalações portuárias, havendo uma necessidade de estabelecer novas infraestruturas ou expandir as existentes. No entanto, é importante realizar essas ações com o mínimo de impacto negativo nos ambientes costeiros. Atualmente, os principais portos, em termos de movimentos piscatório e de transporte de mercadorias, incluem Lisboa, Leixões e Sines, mas também são de grande importância regional os portos de Viana do Castelo, Setúbal, Portimão e Faro.<sup>108</sup>

A frota de pesca em Portugal exhibe notável heterogeneidade em termos de características regionais, práticas de pesca e tecnologias empregadas, conforme observado por Baeta e Cabral.<sup>109</sup> Essa frota pode ser categorizada

---

<sup>105</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>106</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>107</sup> Cavaco, C. (1969).

<sup>108</sup> Dias, J. A. (2003).

<sup>109</sup> Baeta, A.; Cabral, H. (2005). *Status of Portuguese fisheries* [Master's dissertation]. Universidade de Lisboa.

em dois grupos distintos de embarcações: aquelas destinadas à pesca local e costeira, e aquelas voltadas para a pesca em águas mais profundas.<sup>110</sup>

A pesca costeira e o setor pesqueiro industrial são fontes importantes de emprego e contribuem para o abastecimento de produtos pesqueiros. Em termos sociais e económicos, este sector continua a ser responsável por um grande número de postos de trabalho e pelo desembarque do pescado fresco de maior valor comercial.<sup>111</sup>

Em 2022, o setor das pescas em Portugal apresentou algumas informações estatísticas relevantes, conforme a seguir explicitaremos.

Vem-se assistindo a uma diminuição gradual nas capturas de peixe em águas nacionais, devido a diversos fatores, como a redução das existências de certas espécies, esforços de conservação e implementação de medidas de gestão dos recursos mais sustentável. Isso tem levado a uma maior dependência nacional das importações, para suprir a procura interna de pescado. Em 2022, houve uma redução de 12,1% no volume total de pescado descarregado em comparação com 2021. No total, entre portos nacionais e estrangeiros, foram descarregadas 151 289 toneladas de pescado.

Por outro lado, algumas espécies que representam uma parcela significativa do volume total das capturas nacionais apresentaram aumentos expressivos, destacando-se o carapau (+6,4%) com 17 702 toneladas, o peixe-espada preto (+3,2%) com 4 252 toneladas, entre outros. Foram observados aumentos em espécies como a dourada (+74,8%), que alcançou uma produção de 3 091 toneladas, aumentando a sua importância na estrutura de produção de peixes marinhos em 10,7% em relação ao ano anterior.

Portugal tem-se destacado também através da implementação de programas e iniciativas de pesca sustentável, com o objetivo de preservar os recursos marinhos e garantir a sustentabilidade a longo prazo do setor. Estas medidas incluem a definição de quotas de pesca, restrições sazonais e regulamentos para proteger espécies ameaçadas.<sup>112</sup> Estas ações destinam-se não apenas à pesca de longa distância, mas também às próprias práticas tradicionais, onde temos de incluir a Arte-Xávega; a 13 de setembro de 1996,

---

<sup>110</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>111</sup> Estatística, I. N. (2022). *Estatísticas da Pesca - 2022*. Instituto Nacional de Estatística, I. P.

<sup>112</sup> Idem.

foi promulgado o *Regulamento da Pesca com a Arte Xávega*, o qual estabelece, dentre outras disposições, parâmetros que visam a sustentabilidade dos recursos, como as dimensões máximas da arte, a malhagem mínima, bem como as áreas e períodos nos quais a pesca com esta técnica pode ser realizada.<sup>113</sup>

Os aspetos sociais assumem particular importância nesta sintética análise sobre as pescas em Portugal, uma vez que grande parte das comunidades piscatórias depende apenas dos produtos da pesca, assim como da indústria de transformação do pescado, que podem constituir o único meio de subsistência familiar.<sup>114</sup>

Em 2022, Portugal contava com um total de 14 159 pescadores, representando uma parte fundamental da indústria marítima do país. De acordo com os Censos de 2021, a população economicamente ativa na área da pesca e aquicultura era composta por 10 834 pessoas, representando 0,2% do total de empregados em Portugal. Significa, pois, que houve uma redução de 17,0% no emprego nesse setor em comparação com os Censos de 2011, o equivalente a uma diminuição de 2 218 indivíduos.<sup>115</sup>

Na atividade pesqueira atual, as práticas artesanais continuam a desempenhar um papel importante na economia costeira e na preservação da cultura marítima do país.

Segundo Diegues, a pesca artesanal caracteriza-se pela sua simplicidade tecnológica, pelo uso de técnicas com um impacto limitado e pela gestão do ecossistema, levando em consideração o ciclo reprodutivo das espécies e os seus processos migratórios, de modo a evitar a sua exaustão e permitir a criação de um calendário de trabalho sazonal baseado nos fenómenos naturais.<sup>116</sup>

Em Portugal, a pesca artesanal é praticada ao longo da costa, desde o Norte até ao Sul, incluindo as regiões autónomas da Madeira e dos Açores. Envolve o uso de técnicas tradicionais e métodos de captura de pequena escala; é geralmente realizada por pescadores locais e com embarcações de

---

<sup>113</sup> Martins, R., Carneiro, M., Rebordão, F. R., & Sobral, M. (2000). *A pesca com a arte de xávega*. Relatórios Científicos Técnicos do Instituto de Investigação das Pescas e do Mar, (48).

<sup>114</sup> Martins, R., & Carneiro, M. (2020).

<sup>115</sup> Estatística, I. N. (2022).

<sup>116</sup> Diegues, A. C. (2004). *Comunidades Litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: Convivência e Conflitos. O caso de Guaraqueçaba, Paraná*. São Paulo: NUPAUB-USP.

dimensões reduzidas. Os pescadores utilizam artes simples, algumas ainda feitas manualmente e com materiais não sintéticos, como redes, anzóis, linhas e armadilhas, para capturar uma variedade de espécies marinhas que vão de peixes a mariscos e moluscos.

A sua prática é regulamentada pelo Ministério do Mar e está sujeita a quotas de captura, períodos de defeso e medidas de conservação, de forma a garantir a sustentabilidade dos recursos pesqueiros e a preservação dos ecossistemas marinhos. Através do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas e do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, são implementadas políticas e programas de gestão pesqueira para proteger as espécies ameaçadas e promover a pesca sustentável.<sup>117</sup>

A pesca artesanal contribui para a preservação da biodiversidade marinha, pois os pescadores locais têm um conhecimento profundo dos ecossistemas costeiros e adotam práticas de pesca seletiva, minimizando o impacto nas espécies não-alvo e nos *habitats* marinhos.<sup>118</sup>

Durante as décadas de 1960 e 1970, houve uma diminuição significativa na atividade da pesca artesanal. No entanto, na década de 1980, verificou-se uma recuperação geral. Esse crescimento pode ser atribuído, em parte, ao declínio da pesca de longo alcance, assim como à modernização das embarcações, com a introdução de motores, tratores (possivelmente, na década de 1980<sup>119</sup>) e guinchos, que vieram facilitar a operação das redes.<sup>120</sup>

Por exemplo, na prática da Arte-Xávega, a introdução inicial de motores na pesca não teve um impacto drástico imediato, uma vez que a tecnologia básica ainda dependia fortemente da mão-de-obra humana e as dimensões e os pesos das embarcações e redes não foram significativamente modificados. A introdução inicial de motores na pesca não teve um impacto drástico, uma vez que a tecnologia básica de pesca ainda dependia fortemente da mão-de-obra humana e as dimensões e os pesos das embarcações e redes não foram significativamente modificados.<sup>121</sup>

---

<sup>117</sup> Souto, H. (1998).

<sup>118</sup> Diegues, A. C. (2004).

<sup>119</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>120</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>121</sup> Cano, M. C. S. (2010).

Contudo, se a implementação da motorização, tanto nas embarcações quanto no procedimento da alagem da rede, resultou na diminuição do esforço humano e na simplificação das operações, ela acabou por acarretar, substancialmente um aumento dos custos, devido ao elevado consumo de combustível. Os armadores têm procurado subsídios para amortizar essas despesas, mas essa abordagem não soluciona outros problemas fulcrais que englobam igualmente as remunerações na indústria da pesca, assim como a organização da distribuição dos produtos capturados.<sup>122</sup>

O esforço de pesca é uma variável altamente volátil, sujeita a flutuações decorrentes das condições marítimas, meteorológicas, disponibilidade de espécies e desempenho da atividade.<sup>123</sup> Pelo que se tem vindo a expor e conforme Maria Cano<sup>124</sup> observa assim se justifica que, atualmente, os pescadores mais jovens demonstrem mais interesse nas pescas costeiras, enquanto as técnicas mais tradicionais são mantidas pelos mais idosos.

Por exemplo, no mês de dezembro de 2022, verificou-se a presença de 14 159 pescadores a nível nacional, o que correspondia a uma diminuição de 758 indivíduos (-5,1%) em relação à situação de 2021. No conjunto dos pescadores registados a nível nacional, a expressiva maioria (69,7%) estava associada à atividade pesqueira polivalente. Em sequência, os pescadores direcionados para a prática de cerco representavam 15,5%, os de arrasto 10,0% e, por último, os envolvidos na pesca em águas interiores perfaziam 4,7%. Das 3 875 embarcações licenciadas no total, a maioria (90,8%), possuía autorização para operar usando artes de pesca com anzol. Além disso, 64,8% estavam habilitadas para o uso de redes, 45,3% para armadilhas e 24,1% para utilizar outras técnicas de pesca. No que concerne à prática de arrasto (onde podemos incluir a Arte-Xávega), 17,5% das embarcações possuíam licença para esta modalidade, enquanto apenas 7,7% tinham permissão para realizar a pesca por cerco. Comparativamente a 2021, o total de embarcações licenciadas por método de pesca demonstrou uma estabilidade notória na modalidade de anzol, com acréscimos nas categorias de armadilhas, arrasto e redes, e uma diminuição nas categorias de cerco e outras técnicas. Ao

---

<sup>122</sup> Souto, H. (1998).

<sup>123</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>124</sup> Cano, M. C. S. (2010).

analisar as distintas técnicas de pesca e as capturas resultantes, constatou-se que a pesca por cerco manteve a sua predominância em 2022, contribuindo com 46,9% do total de capturas, em comparação com os 47,5% registados em 2021. A modalidade de pesca polivalente ocupou a segunda posição, representando 41,4% das capturas, enquanto o arrasto, como é frequente, permaneceu em terceiro, com 11,7%. A prática de arrasto, com um total de 14 208 toneladas, sofreu também uma redução de 16,4% em comparação com o ano anterior. Esta diminuição resultou principalmente da menor quantidade de peixes, particularmente carapau (-30,5%), e de moluscos, nomeadamente potas (-54,4%).<sup>125</sup>

Iremos abordar de forma sucinta a classificação das técnicas de pesca em Portugal, com particular destaque para aquelas que ainda conservam práticas artesanais.

As diversas técnicas têm evoluído em paralelo com o conhecimento acumulado pelos grupos humanos sobre o comportamento específico de cada espécie de peixe. E envolvem a utilização de um ou mais dispositivos, que podem ser empregados de maneira específica, com ou sem recurso a embarcações. No sentido, e em determinados casos, o desenvolvimento de embarcações especializadas para a utilização de um dispositivo de captura particular estabelece uma ligação inseparável entre a embarcação e o equipamento, uma vez que o uso deste último se torna inviável sem a embarcação.

No âmbito da pesca artesanal em Portugal, as artes de pesca utilizadas abarcam praticamente todas as categorias de dispositivos, desde redes a armadilhas, linhas e anzóis, até instrumentos de ferimento e outros.<sup>126</sup>

As técnicas de pesca artesanal mais comuns em Portugal incluem o cerco, o arrasto, a pesca com aparelho de anzol (*espinhel*), redes de emalhar e tresmalhe, o palangre, a ganchorra e armadilhas.<sup>127</sup>

As artes piscatórias podem ser divididas nas seguintes tipologias<sup>128</sup>:

- 1. Cerco:** a arte de cerco emprega uma rede longa e alta com o objetivo de cercar e impedir a fuga das presas. Este método é especialmente

---

<sup>125</sup> Estatística, I. N. (2022).

<sup>126</sup> Souto, H. (1998).

<sup>127</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>128</sup> *Artes de Pesca*. In DGRM. [Consultado a 07 de setembro de 2023].

eficaz na captura de espécies pelágicas (sardinha, cavala, sarda, boga, biqueirão, carapaus, entre outros), uma vez que envolve o peixe pelos lados e por baixo da rede, mesmo em águas profundas. Em algumas situações, são utilizadas fontes de luz para atrair e concentrar os cardumes (como ainda sucede na chamada pesca do candeio ou candil, na baía da praia da Nazaré). A rede de cerco usada no Continente inclui uma retenção na parte de baixo da rede, o que possibilita o seu fecho semelhante a uma bolsa, com o propósito de manter a captura no seu interior.

## **2. Arrasto:**

- a. Arrasto de portas: inclui-se no *arrasto de fundo*, uma técnica de pesca que envolve o uso de uma grande rede puxada por uma embarcação que se move sobre o fundo do mar e está em contato com ele. Este processo pode incluir o uso de portas para manter a abertura horizontal da rede, sendo que estas portas são frequentemente pesadas e, por vezes, equipadas com uma sapata de aço para garantir um contato mais firme com o fundo marinho;
- b. Arrasto de vara: inclui-se também no *arrasto de fundo*, mas no caso do arrasto de vara, que é um tipo de pesca de médio porte, a boca da rede não tem asas e permanece aberta graças à presença de duas varas ou uma vara horizontal, juntamente com estruturas laterais rígidas;

Ganchorra: esta técnica de pesca, usada para capturar moluscos bivalves, envolve o uso de uma rede de pequenas e médias dimensões, onde a boca é uma estrutura rígida composta por uma rede ou grelha metálica. Essa rede é rebocada, seja por pescadores a pé ou por embarcações, sobre o fundo do mar. A parte inferior da estrutura tem um painel com ou sem dentes que revolve o fundo, retendo os bivalves num saco ou crivo que permite a saída da água, areia e lodo. Dependendo da profundidade da água, o comprimento do cabo de arrasto pode variar, sendo mais curto em águas rasas, e os pescadores podem usar cintos para auxiliar no processo. Com exceção da

pesca com ganchorra e arrasto de vara, a pesca com arte de arrasto está sujeita a uma restrição geográfica que a proíbe de ser praticada a uma distância igual ou inferior a 6 milhas náuticas da linha costeira. Além disso, no âmbito do espaço delimitado pelos cabos Raso, Espichel e Sines, a pesca com arte de arrasto também se encontra sujeita a uma limitação espacial, não podendo ser realizada a menos de 6 milhas náuticas das respetivas linhas de base reta correspondentes.<sup>129</sup>

- 3. Envolventes de arrastantes – Arte-Xávega:** este método de pesca envolve o uso de uma rede com bolsa e grandes asas laterais (na Nazaré, chamadas as *mãos* e as *cordas*) que são arrastadas do mar para a terra e, ao mesmo tempo, envolvem ou cercam os peixes. Geralmente, a rede é lançada no mar a partir de uma embarcação, mas também pode ser manobrada a partir da costa ou da própria embarcação. No fundo, a técnica consiste em cercar uma área de água com uma rede longa (cerca de 1,5 km, no caso da Costa da Caparica), frequentemente equipada com uma bolsa no centro. A rede é controlada por dois cabos colocados nas suas extremidades e fixados na areia, que servem para levantar a rede (para a manter suspensa na água), e assim, concentrar os peixes e guiá-los para a boca da rede. A legislação nacional permite apenas o uso de xávega, que é uma rede envolvente-arrastante, lançada de uma embarcação e manobrada manualmente a partir da costa, com a ajuda de animais ou equipamentos de força.
- 4. Redes de emalhar e de tresmalho:** este método de pesca utiliza redes retangulares com um, dois ou três panos, mantidos na vertical por cabos de flutuação e cabos de lastro. As redes podem ser fixadas no fundo do mar com âncoras ou poitas, ou mantidas à superfície por boias. As redes de três panos têm dois panos exteriores com malhas grandes e um pano interior mais alto com malhas menores. Quando os peixes encontram essa rede, passam pelas malhas maiores e empurram os menores, ficando presos numa espécie de saco. O uso

---

<sup>129</sup> Leite, A. A. M. (2006). *Medidas Técnicas de Conservação dos Recursos da Pesca–Continente (Manual Prático)*. Inspeção das Pescas/DGPA–versão, 13.

de redes de três panos de deriva no mar é proibido, e apenas as majoeiras são permitidas como artes legais deste tipo.

**5. Anzol:** este método de pesca envolve o uso de linhas com anzóis, lastros e boias. Existem várias técnicas dentro desta categoria, como o corrico, cana e linha de mão, palangre, toneira e piteira. Os anzóis podem ter diferentes formas e tamanhos, e as espécies são capturadas com iscos naturais, vivos, mortos ou artificiais. Os peixes são atraídos para os anzóis ou toneiras, onde são capturados. Os palangres são longas linhas com vários anzóis, usados para a pesca de fundo ou de meia-água, com comprimentos e espaçamentos variáveis dependendo da espécie alvo. Existem também palangres de superfície usados para capturar grandes migrantes como o espadarte. As toneiras ou piteiras, especialmente concebidas para capturar moluscos, são iscadas com amostras e têm múltiplas pontas que se movem para atrair as presas.

**6. Armadilhas:**

a. Armadilhas de gaiola: um dispositivo de várias formas e tamanhos, composto por uma estrutura rígida, muitas vezes revestida por uma rede, que cria um compartimento com uma ou mais aberturas fáceis de entrada, mas difíceis de saída, tornando possível capturar presas dentro dele;

b. Armadilhas de abrigo: uma armadilha projetada para capturar polvos, em formato de pote, onde as presas se refugiam, sem nenhum mecanismo para evitar sua fuga;

c. Armadilha do tipo armação: uma estrutura grande e fixa em águas abertas, composta por um corpo central, redes verticais sustentadas por cabos e boias, ancoradas no fundo do mar. Os peixes são guiados até um compartimento central onde são capturados e podem ser mantidos para crescer e engordar.

**7. Apanha:** este é um método de pesca individual que se destaca por não usar ferramentas específicas e não causar ferimentos graves aos peixes capturados. Em vez disso, faz uso de utensílios simples. Pode ser praticado por uma única pessoa, com ou sem o auxílio de uma embarcação e equipamento de mergulho em apneia.

Quanto à forma de organização social dos pescadores afetos à pesca artesanal, é imperioso fazer uma referência às tradicionais companhas. A título de curiosidade, demonstramos o exemplo de Sesimbra, em que os pescadores costumam ser identificados por duas alcunhas: uma pessoal, atribuída pelos seus *camaradas*, e outra familiar, o seu nome de nascença.<sup>130</sup>

As companhas são grupos de pescadores que se organizam sob a chefia de um líder e a sua estrutura não se limita apenas aos companheiros de trabalho, incluindo também a embarcação, o motor, as redes, as cordas, três ou mais tratores, recipientes para transportar o peixe, um reboque acoplado a um dos tratores para o transporte de várias cargas e um barracão/armazém destinado ao armazenamento de todos estes elementos.<sup>131</sup> As companhas surgiram como resultado do desenvolvimento da pesca artesanal e eram, essencialmente, sociedades ligadas a uma rede ou embarcação, sob orientação de um líder/arraís que, efetivamente teria maior poder económico.<sup>132</sup>



**Figura 3** – Companha a armazenar o peixe  
Fotografia da autora, 2023

A coesão numa companha de pesca é crucial para a eficácia da operação. Desatenções, como não puxar corretamente um cabo, podem resultar em danos ao equipamento e atrasos prejudiciais ao ritmo de trabalho.<sup>133</sup>

O arrais não costuma participar diretamente nas operações de largada e do alar das redes, nem se ocupa do descarregamento ou transporte do peixe até à lota, aquando da chegada a terra. A sua missão principal consiste na supervisão das tarefas, na resolução de conflitos e na tomada de decisões, sobretudo no que diz respeito à escolha do local de pesca.<sup>134</sup>

A pesca artesanal é cada vez mais ameaçada de desaparecimento. De um modo geral, podemos verificar que, nos anos 1980, após a entrada de

<sup>130</sup> Ramos, J. (2009). *Sesimbra no Início dos Anos Oitenta do Séc. XX*. Sociedade de Geografia de Lisboa.

<sup>131</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>132</sup> Santos, B. (2015). *Arte Xávega em Espinho: Notas para a compreensão da Arte Xávega como património imaterial* [Master's dissertation]. Universidade de Coimbra.

<sup>133</sup> Ramos, J. (2009).

<sup>134</sup> Idem.

Portugal na Comunidade Europeia, houve o desaparecimento quase total da pesca artesanal com *artes de anzol*, não só em Sesimbra como em tantas outras comunidades, nomeadamente no Centro e Sul de Portugal. Os portos dessas localidades não possuíam já as condições adequadas para apoiar ou sustentar a pesca da forma como estava rudimentarmente estruturada e esta já não conseguia fazer frente a outras técnicas mais eficazes e economicamente competitivas.<sup>135</sup>

Algumas das características necessárias para a pesca tradicional acabam por estar a colocar em risco também a sua sobrevivência. A profundidade é muito importante, pois quanto menos profundas forem as águas, mais fácil será a atividade. Neste caso, é onde existe mais luz e onde se pode encontrar mais alimento para as várias espécies. Outros fatores importantes são as águas mais agitadas (ricas em oxigénio), o grau de salinidade, correntes marítimas (de preferência mais frias) e a riqueza em nutrientes orgânicos.<sup>136</sup>

Ora, se um dos fatores para conseguir uma boa quantidade de peixe é a existência de águas pouco profundas, na zona costeira portuguesa, temos águas de maior profundidade, o que pode prejudicar esta pesca. Com menor quantidade de pescado e, conseqüentemente, uma quebra nos ativos do setor.

Face aos problemas de sustentabilidade que têm vindo a ser identificados, têm vindo a ser criadas soluções para a sua superação. Uma delas será a penalização das práticas de pesca demasiado intensivas, fazendo com que as espécies não sejam tão afetadas. Outra solução proposta é a proibição de malhagens demasiado pequenas e o estabelecimento de períodos de privação das atividades piscatórias para o crescimento da população marinha – fazendo com que a mesma tenha tempo de se produzir, não havendo a captura de espécies em fase de desenvolvimento. Também podemos pensar que a captura de espécies em vias de extinção deverá também ser considerada.<sup>137</sup>

---

<sup>135</sup> Ramos, J. (2009).

<sup>136</sup> Mateus, D. (2016).

<sup>137</sup> Idem.

Com o intuito de assegurar a sustentabilidade da pesca da sardinha, especialmente através do método de cerco, foram implementadas várias medidas regulamentares. Uma das principais restrições consiste na proibição da pesca da sardinha com cerco durante 48 horas em cada fim-de-semana, conforme determinado no artigo 2.º da Portaria n.º 294/2011, de 14 de novembro. Além disso, esse artigo permite a possibilidade de ajustar o período de proibição mediante notificação prévia à Autoridade Nacional para as Organizações de Produtores da Pesca. Adicionalmente, o artigo 3.º da Portaria n.º 251/2010, de 4 de maio, estabelece a distribuição do limite anual de captura para a frota portuguesa envolvida na pesca da sardinha com cerco.<sup>138</sup> Relembremos também que a sardinha é também uma das espécies mais importantes capturadas na Arte-Xávega pelo que é relevante falar sobre o seu plano de gestão.

Em particular, na Arte-Xávega, em redes de pesca com malhagens superiores a 31mm, apenas são permitidos os tipos de malha losango e quadrada. A espessura máxima do fio é de 6mm para fios simples, e, no caso de fios multifilares, a soma das espessuras dos fios individuais não pode ultrapassar os 12mm. Para malhagens iguais ou superiores a 55mm, não é permitido aumentar o número de malhas em largura da parte anterior para a parte posterior da rede e o número de malhas na circunferência da boca do saco deve ser igual ou superior ao número de malhas na circunferência do saco, excluindo as malhas das ourelas.<sup>139</sup>

Infelizmente, são escassos os casos passíveis de exemplificar a pesca responsável, devido à ausência de avaliações científicas e mais criteriosas sobre as populações de peixes. Por contrapartida, Portugal não se enquadra neste contexto, uma vez que espécies como pescada, carapau e sardinha obtêm avaliações favoráveis devido à aplicação de limites estabelecidos a nível europeu.<sup>140</sup> Podemos afirmar que Portugal pratica uma pesca sustentável dos recursos marinhos, pois a sua pesca continua a ser ainda

---

<sup>138</sup> *Zonas Marítimas sob Soberania e ou Jurisdição Portuguesa*. In DGRM. [Consultado a 26 de setembro de 2023].

<sup>139</sup> Leite, A. A. M. (2006).

<sup>140</sup> Oliveira, A. (2021). *Transparência é a "Espinha" da Sustentabilidade*. In Negócios. [Consultado a 19 de março de 2023].

muito artesanal. Desta maneira, é possível haver uma maior diversificação da pesca, evitando a concentração de captura numa única espécie.<sup>141</sup>

Estranhamente, a pesca com a técnica de xávega foi considerada prejudicial para os ecossistemas de recifes de coral no Quênia, mas um estudo na África do Sul conduzido por Lamberth<sup>142</sup> não identificou um impacto significativo nas comunidades de flora bentónica<sup>143</sup> e invertebrados. Os efeitos diretos das rejeições de capturas ainda não estão totalmente compreendidos, devido à influência de fatores variados, como a mortalidade pós-rejeição, a proporção de capturas rejeitadas e a mortalidade natural. O maior impacto potencial da xávega parece estar relacionado à captura de juvenis.<sup>144</sup>

Para a salvaguarda desta atividade foi criada uma Rede Ibero-Americana de Pesca Artesanal de Pequena Escala. O objetivo principal é representar a pesca artesanal e enfrentar os desafios que se impõem ao setor (onde se inclui a sustentabilidade em termos ambientais e sociais). Esta rede, pretende também tornar a atividade mais interessante para os jovens. No caso da Costa da Caparica, podemos verificar que já se encontram uma maior quantidade de indivíduos desta faixa etária no setor, mediante um gosto passado pelos seus familiares.<sup>145</sup>

No intervalo temporal entre 1998 e 2018, observou-se um aumento constante na contribuição conjunta da Costa da Caparica e da Fonte da Telha para as descargas anuais de embarcações licenciadas na prática de Arte-Xávega. Este incremento tornou-se particularmente notório a partir do ano de 2011. Em 2018, essa participação atingiu expressivos 87,6% do total das descargas registadas em lota por embarcações de Arte-Xávega em todo o país.<sup>146</sup>

Há também consequências para a economia das populações que continuam a depender fortemente do setor. Muitos pescadores apenas têm este trabalho e, como verifiquei ao longo do meu trabalho de campo e estudo, os pescadores recebem consoante o que a companhia consegue pescar nesse

---

<sup>141</sup> Oliveira, A. (2021). *Transparência é a "Espinha" da Sustentabilidade*. In Negócios. [Consultado a 19 de março de 2023].

<sup>142</sup> Lamberth, S. J., Clark, B. M., & Bennett, B. A. (1995). *Seasonality of beach-seine catches in False Bay, South Africa, and implications for management*. South African Journal of Marine Science, 15(1), 157-167.

<sup>143</sup> Zona de ambiente marinho situada próximo do fundo do oceano.

<sup>144</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>145</sup> Granadeiro, P. (2022). *Portugal integra Rede Ibero-americana de Pesca Artesanal de pequena escala*. In Dinheiro vivo. [Consultado a 19 de março de 2023].

<sup>146</sup> Marques, M. (2019).

dia/nessa semana; sem terem mais nenhuma fonte de rendimento, torna-se muito difícil gerir a economia familiar, nomeadamente nos meses de inverno. Por isso, são cada vez menos jovens interessados nesta prática (envelhecimento da população operária).

Para além do risco económico inerente a esta atividade, importa salientar uma outra dimensão que acentua dramaticamente a experiência da incerteza: ser pescador e trabalhar numa companhia equivale a desempenhar uma profissão classificada de alto risco, onde o número de acidentes mortais é francamente superior ao de outros setores produtivos. O aspeto mais proeminente reside na identificação clara da exploração intensiva do trabalho dos pescadores, assinalada como uma das principais causas do declínio neste setor. Mesmo com o progresso económico e as melhorias observadas nas últimas décadas no estilo de vida das comunidades menos favorecidas, permanece notória a persistência da exclusão social e das dificuldades das condições de vida das camadas sociais mais baixas de várias comunidades piscatórias. Este cenário é particularmente evidente nas frentes marítimas dos concelhos de Espinho e Ovar, extremo norte da pesca da xávega.<sup>147</sup>

Como refere Bruno Ventura: (...) *Mas sinto que me torna uma pessoa mais humilde e certamente bastante trabalhadora, esta vida com certeza não é para preguiçosos, é bastante dura.* (...).<sup>148</sup>

É raro encontrar um pescador que não exerça mais do que uma profissão. A título de exemplo, Armindo Rocha<sup>149</sup>, um pescador da Costa da Caparica, entrevistado neste estudo, para além da pesca, também se envolve na arte do artesanato e gere uma pequena empresa especializada em estampados. De forma adicional, é interessante notar que, quando termina a temporada da Arte-Xávega, muitos dos pescadores da Companhia Poseidon<sup>150</sup> dedicam-se a outras práticas de pesca.

Assiste-se a um esforço constante, ao nível das políticas nacionais, para que o sector pesqueiro (e dentro deste, o artesanal) tenha continuidade e sucesso. O Programa Operacional Mar2020 foi um programa específico para

---

<sup>147</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>148</sup> Ver Apêndice 1.1.

<sup>149</sup> Ver Apêndice 1.2.

<sup>150</sup> Designação recente de uma das companhias da Costa da Caparica - sujeita a observação *in loco*. Contudo, no passado, era conhecida pelo nome de Neptuno.

impulsionar o desenvolvimento do setor das pescas e a transformação de produtos da pesca e aquicultura em Portugal. Com financiamento do Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas, estava inserido no Acordo de Parceria assinado entre Portugal e a Comissão Europeia para a programação dos fundos europeus estruturais e de investimento no período de 2014-2020, conhecido como Mar 2020.<sup>151</sup>

No contexto da conclusão do Programa Mar 2020, surgiu o Programa Mar 2030 como uma iniciativa inserida no Acordo de Parceria Portugal 2030, constituindo o principal instrumento de apoio à execução das medidas estabelecidas pelo Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos, das Pescas e da Aquicultura, conforme previsto no Regulamento 2021/1139 do Parlamento Europeu e do Conselho, datado de 7 de julho de 2021. Oficialmente aprovado pela Comissão Europeia através da Decisão de Execução C 8925 final, de 1 de dezembro de 2022, o Programa Mar 2030 pauta-se pelos objetivos e estratégias delineados na Estratégia Nacional para o Mar 2021-2030, aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 68/2021, de 4 de junho, e na Estratégia Portugal 2030, aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 98/2020, de 13 de novembro. Estas estratégias encontram-se alinhadas com os objetivos estabelecidos pela União Europeia, com destaque para o Objetivo Estratégico: *Uma Europa mais verde, hipocarbónica, em transição para uma economia com zero emissões líquidas de carbono, e resiliente, através da promoção de uma transição energética limpa e equitativa, de investimentos verdes e azuis, da economia circular, da atenuação das alterações climáticas e da adaptação às mesmas, da prevenção e gestão dos riscos e da mobilidade urbana sustentável, e Uma Europa mais próxima dos cidadãos, através do fomento do desenvolvimento sustentável e integrado de todos os tipos de territórios e das iniciativas locais.* O Programa Mar 2030 tem como propósito promover a sustentabilidade da atividade pesqueira, a conservação dos recursos biológicos aquáticos e o desenvolvimento da aquicultura sustentável, contribuindo para a segurança alimentar da União Europeia e fomentando uma economia azul sustentável nas regiões costeiras. Simultaneamente, visa fortalecer a governação internacional dos oceanos e

---

<sup>151</sup> Estatística, I. N. (2022).

promover mares e oceanos seguros, protegidos, limpos e geridos de forma sustentável.<sup>152</sup>

Em suma, a pesca contribui para o desenvolvimento local, empregabilidade, manutenção de outras atividades económicas e, relevante ainda, tem um importante impacto em termos socioculturais, que é urgente preservar.<sup>153</sup>

Em Portugal, têm sido fulcrais três modalidades distintas: a pesca da sardinha, que deu origem a uma significativa indústria conserveira; a pesca do bacalhau, responsável pelo desenvolvimento de uma importante indústria de secagem; e, por último, um persistente setor artesanal. Este último desempenhou historicamente um papel compensatório, fornecendo mão-de-obra à pesca industrial ou absorvendo pescadores daqui provenientes em períodos de crise. Importa salientar que grande parte dos pescadores atualmente envolvidos na pesca artesanal acumulou experiência em pescarias costeiras ou industriais de longo curso antes de optarem pelo regresso à escala menor da atividade pesqueira.<sup>154</sup>

## 2.2 Arte-Xávega em Portugal

Entre as várias formas de pesca artesanal praticadas ao longo da costa portuguesa, a Arte-Xávega é hoje uma das mais proeminentes praticada em várias comunidades, apesar destas serem já de pequena dimensão.<sup>155</sup>

Em Portugal, a Arte-Xávega é uma prática pesqueira tradicional que possui profundas raízes históricas e culturais, havendo registo desde há vários séculos. De facto, este método ancestral, que envolve o uso de redes puxadas por pessoas, juntas de bois ou tratores, está estreitamente ligado à herança marítima e à identidade cultural do país. Mais do que uma técnica de pesca, a Arte-Xávega simboliza a identidade das nossas comunidades piscatórias.<sup>156</sup> Neste capítulo, serão exploradas as características únicas da Arte-Xávega em Portugal, enfatizando a sua importância histórica, cultural e social, bem como os desafios contemporâneos que esta prática enfrenta.

---

<sup>152</sup> *Regulamento Específico das Medidas de Apoio do Programa Mar 2030 (2023)*. In Diário da República. [Consultado a 26 de fevereiro de 2024].

<sup>153</sup> *Importância da pesca na economia*. (2015). In *Atividade Piscatória em Portugal*. [Consultado a 15 de março de 2023].

<sup>154</sup> Souto, H. (1998).

<sup>155</sup> Santos, B. (2015).

<sup>156</sup> Cano, M. C. S. (2010).

A Arte-Xávega, que pode ser denominada Arte Nova ou Arte Grande<sup>157</sup>, é uma técnica de arrasto, sendo realizada em diversas regiões do globo, com variações regionais.

De acordo com várias referências<sup>158</sup>, existem registos de técnicas semelhantes à xávega em diferentes regiões do mundo. Embora menos comuns, há relatos de arrastos realizados no litoral brasileiro e em Goa. Alguns estudos também indicam a utilização de técnicas e procedimentos semelhantes entre povos do Noroeste da América e do Extremo Oriente. Há evidências de redes similares serem usadas desde 3000 a.C. em várias regiões do Mediterrâneo, possivelmente difundidas durante o Império Romano, embora sua origem exata não seja estabelecida.

Em Portugal, devido ao seu caráter histórico, à permanência das artes e modalidade como ainda é realizada, a uma escala local e comunitária, a Arte-Xávega pode ser considerada uma atividade tradicional<sup>159</sup> e está inserida na categoria das pescas locais. A sua atividade ocorre de forma sazonal, entre os meses de abril e setembro ou outubro, dependendo da safra e das condições marítimas, organizada em unidades denominadas companhias, compostas por homens e mulheres distribuídos em dois grupos distintos: aqueles que se dirigem ao mar e os que desempenham tarefas na praia.<sup>160</sup>

Embora seja comum entre os pescadores e investigadores referir-se à Arte-Xávega como arrasto, é importante frisar que esta prática não partilha qualquer semelhança com os arrastos modernos realizados por embarcações de grande porte na pesca industrial. Nesta última abordagem, a captura indiscriminada de várias espécies de peixe



**Figura 4** – Seleção do peixe (abundância de espécies)  
Fotografia da autora, 2023

<sup>157</sup> Santos, B. (2015).

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> Idem.

<sup>160</sup> Nunes, F. O. (2006).

ocorre através do arrastar de uma extensa rede em forma de saco pelos fundos marinhos, resultando na destruição do *habitat* onde muitas espécies do fundo do mar e cefalópodes se reproduzem. Por outro lado, a xávega utiliza uma rede envolvente de geometria variável, cujas capturas não dependem tanto do arrastar pelos fundos arenosos, mas sim da capacidade de intercetar cardumes à medida que as mangas se fecham durante a aproximação à praia, forçando o peixe a dirigir-se para o saco. Apesar da perícia dos pescadores, o sucesso de uma operação de xávega depende, em larga medida, da sorte, já que não é possível prever a presença de cardumes no local onde as redes são lançadas e ao longo do trajeto até à praia.<sup>161</sup>

Na configuração mais simplificada, esta técnica recorre a uma enorme rede composta por duas mangas, um saco destinado à retenção dos peixes e dois cabos de alagem que se estendem a partir das mangas. A prática envolve o lançamento de uma rede de pesca a partir de uma embarcação, fixando um dos cabos de alagem na praia. Após o lançamento da rede no mar, a embarcação regressa à praia, trazendo o outro cabo de alagem e fixando-o em terra. Em seguida, os dois cabos são virados de modo a diminuir gradualmente a distância entre eles à medida que a rede se aproxima da costa.<sup>162</sup> Após a rede permanecer na água durante algum tempo<sup>163</sup> e a recuperação bem-sucedida do segundo cabo até à linha costeira, dá-se início ao procedimento de alagem sincronizada dos dois cabos, arrastando, assim, a rede de volta à praia e aprisionando os peixes que foram circunscritos dentro da área delimitada pela rede. Conforme as cordas são levantadas, um indivíduo, segurando um cabo em cada mão, encurta as cordas, enrolando-as em dois montes que assumem uma configuração espiral.<sup>164</sup> A direção desses peixes em direção ao saco ocorre por meio da ação das duas longas mangas da rede.<sup>165</sup>

Captura-se sobretudo sardinha, mas também cavala, carapau, sargos, dourada e, ocasionalmente espécies, juvenis e cefalópodes.<sup>166</sup>

---

<sup>161</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>162</sup> Martins, R., Carneiro, M., Rebordão, F. R., & Sobral, M. (2000).

<sup>163</sup> Nunes, C. Vasco, E; Machado, S. *Pesca Artesanal da Nazaré. O lance de Arte Xávega*. Dia internacional dos museus. 18 de maio de 1993. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus. Museu da Nazaré.

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> Marques, M. (2011).

<sup>166</sup> Santos, B. (2015).

A Arte-Xávega é classificada como uma pesca local e possui regulamentação específica estabelecida pela Portaria nº 488/96, de 13 de setembro, do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.<sup>167</sup> A Portaria em questão estabelece um conjunto de regulamentações abrangendo aspetos como as dimensões das redes, as áreas de operação, os períodos de atividade e interrupção dos lanços, bem como a quantidade e uso de máquinas no processo de alagem. Além disso, emite autorizações, licenças de pesca e renovações, e também pode revogá-las.<sup>168</sup>

No entanto, esta portaria, tem revelado uma eficácia limitada face à inexistência, tanto quanto o nosso conhecimento alcança, de instrumentos de ordenamento/ocupação do domínio público marítimo nessas áreas específicas. Esta lacuna propicia a emergência de conflitos de interesses entre os utentes balneares e os pescadores, que ambicionam a utilização concorrente das áreas de acesso às praias e dos locais tradicionalmente reservados à faina. Assim sendo, urge e, porventura, ou mesmo impera a necessidade de proceder ao ordenamento do domínio público marítimo, de modo a estabelecer claramente as áreas de praia, os respetivos acessos e os períodos destinados à execução das artes de pesca conhecidas como xávegas.<sup>169</sup>

O termo Xávega, de origem árabe (*Xabaka*), refere-se nomeadamente ao equipamento de arrasto utilizado na pesca – uma rede, que é lançada a partir do barco (*chata*)<sup>170</sup>, em determinadas zonas do mar (na Nazaré, denominadas de *lances*), onde o peixe é capturado, sendo posteriormente puxada para a costa (*alagem*), através do esforço humano, com tração animal ou de forma mecânica.<sup>171</sup> Na costa do Norte de Portugal, à medida que as dimensões das artes de pesca foram aumentando, o procedimento da alagem da rede, que inicialmente era executado de forma manual, passou a ser assistido por animais no final do século XIX, com o uso de juntas de bois e, posteriormente, no século XX, com a implementação de tração mecânica.<sup>172</sup>

---

<sup>167</sup> *Zonas Marítimas sob Soberania e ou Jurisdição Portuguesa*. In DGRM. [Consultado a 26 de setembro de 2023].

<sup>168</sup> Souto, H. (1998).

<sup>169</sup> Martins, R., Carneiro, M., Rebordão, F. R., & Sobral, M. (2000).

<sup>170</sup> Este termo é atribuído a diferentes tipos de embarcação de porte pequeno e fundo chato.

<sup>171</sup> Santos, B. (2015).

<sup>172</sup> Marques, M. (2011).

Esta alteração de procedimentos não foi apenas no Norte de Portugal, foi por toda a costa. Curiosamente, na Nazaré, não se deveu ao aumento da dimensão das redes, pois estas até foram diminuindo (assim como a embarcação), mas devido à própria evolução dos mecanismos de apoio e tecnologias.

Embora tenha havido uma evolução ao longo dos tempos e variações regionais, por norma, os barcos utilizados são de pequeno porte (desde os barcos de meia-lua usados em Sesimbra, Caparica ou Vieira) ao barco de ré cortada e proa afilada, conhecido como a *neta* da e não requerem o uso de portos, pois toda a faina desenrola-se a partir do areal.<sup>173</sup>

Até meados da década de 1980, a Antropologia, tal como a História, não havia efetuado ou publicado análises sistemáticas das atividades piscatórias, dos pescadores e das populações costeiras. Permanece como referência a obra de Baldaque da Silva, intitulado *Estado Atual das Pescas em Portugal* (datado de 1892).<sup>174</sup>

Neste estudo, delineou as características gerais das embarcações dedicadas à xávega, descrevendo-as como possuidoras de estrutura de fundo chato, dotadas de duas proas com bico revirado, propulsionadas por meios remadores e identificadas como saveiros ou meias-luas.

No contexto contemporâneo, as dimensões das referidas embarcações e procedimentos variam mais significativamente em consonância com a região, exibindo proporções mais substanciais nas zonas norte e centro. Adicionalmente, observa-se uma transição paradigmática no sistema de propulsão, com a substituição dos remos por motores fora de borda, empregados exclusivamente até passar a rebentação na fase inicial da pesca.<sup>175</sup>

Nos primórdios da sua fabricação, as redes eram confeccionadas artesanalmente, empregando-se fios de linho ou algodão, os quais eram submetidos a um meticuloso processo de tingimento mediante o uso de casca de raiz de pinheiro. Este procedimento visava conferir-lhes uma maior

---

<sup>173</sup> Nunes, C. Vasco, E; Machado, S. *Pesca Artesanal da Nazaré. O lance de Arte Xávega*. Dia internacional dos museus. 18 de maio de 1993. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus. Museu da Nazaré.

<sup>174</sup> Santos, B. (2015).

<sup>175</sup> Martins, R., Carneiro, M., Rebordão, F. R., & Sobral, M. (2000).

dissimulação perante a fauna marinha subaquática. As boias eram fabricadas a partir de bexigas de porco, enquanto os flutuadores (na Nazaré, conhecidos localmente como *odres*) consistiam em peles de animais e em placas de cortiça aplicadas nas próprias redes. Paralelamente, as cordas de sisal eram submetidas a um tratamento à base de alcatrão, conferindo-lhes propriedades de impermeabilidade.

Importa destacar que essas artes, sobretudo as redes, demandavam um processo subsequente de secagem ao sol, mediante suspensão em varas, com o intuito de eliminar



**Figura 5** – Boias  
Fotografia da autora, 2023

o excesso de água absorvida. Essa etapa mostrava-se imprescindível, uma vez que tornava as redes mais leves e facilitava seu transporte e manuseio.<sup>176</sup>

Não é completamente consensual o modo como esta prática foi introduzida no país e a sua distribuição ao longo da costa, com as devidas adaptações locais, em termos de dimensão da rede, da embarcação e dos próprios lances e organização da cadeia operatória.

Alguns autores, como Maria Cano<sup>177</sup>, consideram o chinchorro<sup>178</sup> como o precursor da xávega devido aos procedimentos semelhantes; mas o chinchorro usa uma rede de menor tamanho e malha mais fina. No entanto, é importante destacar que a xávega requer praias com fundos arenosos e extensos para permitir as manobras dos barcos e das redes.<sup>179</sup>

De acordo com a sua origem mediterrânica, originalmente, a rede era simplesmente chamada de *arte*. Crê-se que a designação *Arte-Xávega* surgiu através da associação entre a xávega e a técnica trazida por catalães e occitanos para a Galiza no século XVIII, supostamente devido à escassez de peixe no Mediterrâneo. É difícil determinar até que ponto essa assimilação

<sup>176</sup> *Ficha de Património Imaterial. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].*

<sup>177</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>178</sup> Segundo Fernando Pedrosa, era uma rede de arrasto para terra utilizada em rios e lagoas, oriunda da Galiza, que teria chegado ao Mondego no século XVI.

<sup>179</sup> Cano, M. C. S. (2010).

linguística também corresponde a uma assimilação técnica, uma vez que existem poucos estudos históricos disponíveis.<sup>180</sup>

A primeira menção ao uso da rede em Portugal remonta a 1405, na região do Algarve; mas outras investigações apontam a sua origem a Norte.<sup>181</sup>

De acordo com Inês Amorim<sup>182</sup>, a xávega pode ter sido introduzida na Galiza aproximadamente na mesma época, pelos seguintes motivos:

- A semelhança entre as redes de arrasto, como o chinchorro, existentes na costa, pode ter favorecido a introdução da xávega. Lacerda Lobo menciona as redes de arrasto chamadas *xávegas* em alguns lugares e *artes* em outros, que eram usadas para pescar sardinha devido ao tamanho pequeno das suas malhas. Um documento de 1542 menciona a proibição do uso das *xávegas*, o que comprovaria a sua presença em Portugal já no século XVI. Há indicações do uso de chinchorro em Esmoriz e Cortegaça, e de redes de arrasto em Ovar, na costa de Aveiro, durante o século XVIII;
- A forma como as novas técnicas de pesca foram introduzidas na Galiza. Durante o reinado de Filipe II, houve um período de grande prosperidade na pesca da sardinha na Galiza. Isso é evidenciado pela exportação de sardinha desta região para Portugal e até mesmo para a costa da Catalunha. Os catalães, ao chegarem à Galiza, conheciam a riqueza desse pescado e tentaram implementar as suas novas técnicas de pesca, incluindo a xávega, que era mais lucrativa, assim como novas formas de salgar a sardinha e uma organização gremial diferenciada.

Por sua vez, Maria Marques<sup>183</sup> acredita que a prática da Arte-Xávega em praias de areia em Portugal tenha sido introduzida por volta do século XVIII, devido à proibição da pesca de arrasto nas praias da Catalunha, o que levou os pescadores a se dispersarem para outras regiões, como Rosilhão, Languedoc, Galiza, Andaluzia e Portugal. Mas a xávega, com as características atuais, poderá ter ressurgido nesse século no Algarve,

---

<sup>180</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>181</sup> Marques, M. (2011).

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> Idem.

introduzida por pescadores andaluzes e catalães, e na costa norte terá sido difundida por espanhóis e franceses.

Sabe-se que, desde cedo, foi alvo de controvérsias e regulamentações. No século XVI, tem-se conhecimento de ter sido proibida por decreto real em várias localidades, mas D. Sebastião permitiu a sua realização na costa sul do país a partir de 1567.<sup>184</sup>

Certo é que há séculos que a Arte-Xávega vem ocupando um papel económico fundamental em várias comunidades ao longo da costa portuguesa e a sua distribuição foi acompanhando o movimento migratório dos próprios pescadores. Por exemplo, para Maria Cano<sup>185</sup>, a prática da xávega começou no Furadouro com pescadores vindos de Ovar, Ílhavo e Murtosa, que se fixavam nessa área. Assim, também se acredita para a origem desta prática na Nazaré.<sup>186</sup>

Nas décadas de 1970 e 1980, observou-se um incremento significativo no número de companhias de Arte-Xávega que operavam desde a Marinha de Silvalde até Mira. Nesse período, essas companhias adotaram a utilização de tratores para a alagem das redes, além de incorporarem motores na parte traseira de suas embarcações. As companhias eram compostas por 15 a 20 indivíduos (aproximadamente). Na região sul do Furadouro, abrangendo locais como Torrão do Lameiro, Vagueira, Areão e Mira, as companhias mantinham ligações com a atividade agrícola predominante nas Gafanhas, caracterizada pelo cultivo de milho e criação de gado. Dessa forma, essas companhias colaboravam estreitamente com tratores nas suas operações. Por exemplo, em Esmoriz, onde a atividade da Arte-Xávega foi retomada em 1973, uma dezena (aproximadamente) de companhias empregava mulheres, desempregados da indústria, aposentados e pescadores que haviam retornado de Matosinhos. Durante esse período, na Torreira, uma companhia ainda utilizava bois equipados com elaboradas cangas vareiras adornadas com cores vibrantes e borlas, com o apoio da Junta de Turismo, para efetuar a alagem das redes.

---

<sup>184</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Nunes, C. Vasco, E; Machado, S. *Pesca Artesanal da Nazaré. O lance de Arte Xávega*. Dia internacional dos museus. 18 de maio de 1993. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus. Museu da Nazaré.

Em contrapartida, nas Praias da Vieira e do Pedrógão, o uso de animais de tração cedeu lugar à força braçal humana para a realização dessa tarefa. Até meados dos anos 1990, apenas uma companhia na Praia da Vieira adotou a utilização de um trator, não havendo adoção generalizada da motorização para as embarcações nessas localidades até aquele período.<sup>187</sup>

Na Nazaré, onde a prática se manteve até à construção do porto de abrigo no início dos anos 1980, a alagem era efetuada pela força humana, destinando-se os bois e os tratores sobretudo ao transporte das embarcações.

Com a implementação das normas comunitárias na década de 1980, o sector das pescas foi profundamente alterado em Portugal e registou-se uma falta de coordenação entre os órgãos administrativos. Os novos problemas enfrentados pelos pescadores foram, em larga medida negligenciados pelas autoridades competentes, verificaram-se interpretações restritivas das leis, que se traduziram numa maior dificuldade da atividade das companhias de xávega. De algum modo, verificou-se uma aplicação arbitrária da lei, dependente das pressões locais e da vontade das capitánias, autarquias e juntas de turismo. No entanto, por um lado, surgiam maiores dificuldades e obstáculos para o dia-a-dia das companhias de xávega, por outro lado, tentou-se explorar o aspeto *pitoresco* e *tradicional* dessa atividade, com fins sobretudo turísticos.<sup>188</sup>

No ano de 1997, Portugal contava com aproximadamente 60 embarcações para a Arte-Xávega, distribuídas (*grosso modo*) em dois setores da costa.<sup>189</sup> O primeiro setor abrangia a Costa da Caparica, Fonte da Telha e Praia do Meco, enquanto o segundo se estendia de Espinho à Praia da Vieira. No entanto, em comparação com o relato de Baldaque da Silva<sup>190</sup>, constata-se que a Arte-Xávega desapareceu completamente da costa algarvia no século XX. Hoje em dia, quando questionados sobre essa técnica, a maioria dos pescadores algarvios desconhece-a ou apenas a associa à rede que é arrastada até à praia com o auxílio de bois.<sup>191</sup>

---

<sup>187</sup> Marques, M. (2011).

<sup>188</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>189</sup> Marques, M. (2011).

<sup>190</sup> Silva, B. A. (1891). *Estado actual das pescas em Portugal*. Imprensa Nacional.

<sup>191</sup> Marques, M. (2011).

Passemos, então, à explanação da estruturação da atividade pesqueira, a qual pode apresentar variações regionais decorrentes das características específicas do ambiente marinho e costeiro, do contingente populacional de pescadores, bem como da tipologia de arte de pesca e embarcação empregadas.

Embora dependa das comunidades, as tripulações são compostas por um número considerável de pescadores em comparação com outras formas de pesca artesanal que ainda se mantêm. São predominantemente compostas por homens de idades mais avançadas e com níveis educacionais baixos. Conforme já referido, a falta de jovens pode ser atribuída aos baixos ganhos, à instabilidade e à falta de atratividade da atividade pesqueira.<sup>192</sup>

A maioria dos pescadores estão ligados por laços familiares, que podem variar de parentesco direto, como primos e irmãos, a parentesco mais distante, como tios, sobrinhos, avós e netos. Esses laços familiares estendem-se por várias gerações e são de grande importância para a comunidade. Além dos laços de parentesco, muitos pescadores também desenvolvem relações de amizade e compadrio, e aproveitam o tempo para confraternizar. Para eles, a companhia dos colegas de pesca é tão significativa quanto estar com a própria família.<sup>193</sup>

Na Costa da Caparica, a *companha de terra* compreende o *arraís de terra*, os condutores dos tratores e outros auxiliares. O *arraís de terra* assume a responsabilidade pela seleção do local de lançamento da rede e pela coordenação do processo de alagem, providenciando orientações aos condutores dos tratores quanto à velocidade e ao avanço, à medida que a boca da rede se aproxima da praia.<sup>194</sup>

Em terra, trabalha um número variável de 15 a 20 indivíduos, de ambos os géneros,



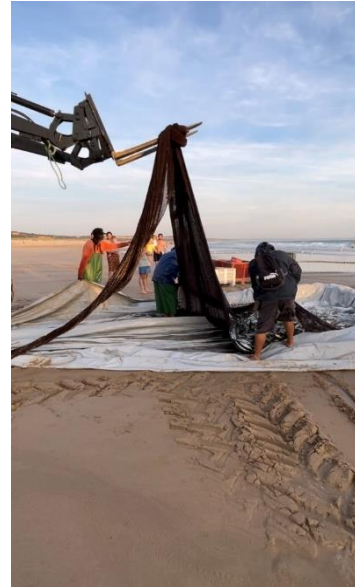
**Figura 6** – *Dornas*: Caixas para armazenar o peixe  
Fotografia da autora, 2023

<sup>192</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>193</sup> Investigação em terreno – Companhia Poseidon, na Costa da Caparica.

<sup>194</sup> Marques, M. (2019).

que desempenham uma série de tarefas, como, a recolha da corda trazida pelo alador mecânico ligado ao trator, o desembaraçar da rede quando esta atinge a praia, a seleção e higienização do pescado, bem como a preparação das caixas (*dornas*) para acondicionamento das espécies capturadas. Adicionalmente, cabe à companhia em terra a responsabilidade pela condução do trator que guia a embarcação nas fases de entrada e saída, a operação dos tratores equipados com aladores mecânicos e o transporte do pescado até ao local de venda, a *lota*.<sup>195</sup>



**Figura 7** - Auxílio da força do trator  
Fotografia da autora, 2023

Ao chegar à praia, a *chata* é rebocada por um trator e encalhada na areia. Imediatamente, a extremidade da corda da *banda barca* – ponta da corda trazida pela embarcação – é enrolada ao alador e dois tratores iniciam o processo de alagem, puxando simultaneamente as cordas da banda barda e da banda panda – ponta da corda deixada em terra.

Inicialmente, os tratores encontram-se entre 200 e 300 metros um do outro. Conforme as cordas alcançam a praia, os operadores dos tratores trocam sinais para assegurar que as cordas permaneçam paralelas, com base no número de cordas desenroladas e recolhidas. O *arraiz de terra* fornece instruções para que os tratores se aproximem e estreitem o cerco. À medida que a corda da banda panda é recolhida, um dos pescadores agrupa-a em feixes compostos por quatro cordas, que são amarrados e empilhados no trator. Simultaneamente, a corda da banda barca é recolhida e enrolada no interior da embarcação.



**Figura 8** – Atrelado para armazenar as cordas  
Fotografia da autora, 2023

Quando todas as cordas são recolhidas, com a chegada dos alares da rede à praia, exige um esforço físico para evitar que os pesos se enterrem na areia e

<sup>195</sup> *Ficha de Património Imaterial. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].*

causem danos à rede. Os dispositivos da banda barca são desembarçados e armazenados na embarcação, seguindo-se a instalação da gacheta e dos dispositivos da banda panda, com o desfecho dos nós que fixavam os rolos das cordas.<sup>196</sup>



**Figura 9** – Mudança da banca barca para a banda panda  
Fonte: Armindo Rocha In David Caretas Photography

Os tratores ficam parados por aproximadamente 1 hora e meia enquanto a companhia de terra procede à alagem da rede (recolha). Estes movem-se lentamente um em direção ao outro para *fechar* a rede, reduzindo a distância entre as duas mangas da rede (banda barca e banca panda – duas pontas da rede).<sup>197</sup>

O retorno das embarcações do mar para terra representa um momento de alto risco. Devido à rebentação das ondas na beira-mar. Durante esse processo, existe a possibilidade da embarcação encalhar na areia e capotar. Para mitigar esse risco, ao chegar à costa, a tripulação amarra uma corda à embarcação e utiliza tratores para auxiliar na tração. Os tratores são conectados à argola da proa e da lateral dianteira do barco, puxando-o para a terra. Simultaneamente, um membro da tripulação remove a água acumulada no interior da embarcação, enquanto os outros membros participam dos



**Figura 10** – Saco a ser arrastado por cima do oleado pelo trator  
Fotografia da autora, 2023

<sup>196</sup> *Ficha de Património Imaterial. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].*

<sup>197</sup> Marques, M. (2011).

procedimentos em terra. Esse procedimento é essencial para garantir a segurança e eficiência da pesca.<sup>198</sup>

Após a alagem, ocorre o *espetáculo* da abertura do saco<sup>199</sup> de captura na praia, onde depois se procede à classificação do peixe capturado com base nas diferentes espécies presentes e à sua subsequente divisão de acordo com o destino pretendido.<sup>200</sup>

Este processo compreende a alocação do pescado destinado à venda na lota, à comercialização direta na praia e, ainda, a segregação do pescado considerado não comercializável, o qual engloba peixes sem valor comercial ou que tenham sofrido danos durante a captura.<sup>201</sup> Por outras palavras, neste momento, o responsável pelo manuseio da rede realiza um corte vertical na própria rede, dando início à etapa de seleção dos peixes capturados. Essa tarefa envolve a participação de todos os membros da companhia. Os pescadores formam um círculo amplo ao redor da pilha de peixes, começando a separar aqueles que estão nas extremidades. À medida que o processo avança, o círculo fecha-se gradualmente e os pescadores aproximam-se do centro do saco de pesca. Em algumas situações, a companhia divide-se em dois grupos: um grupo permanece sobre o saco de pesca, realizando a separação manual dos peixes, enquanto o outro grupo posiciona-se ao redor das *dornas* – para ir enchendo cada uma com o



**Figura 11** – Abertura do saco  
Fotografia da autora, 2023



**Figura 12** – Seleção do peixe  
Fotografia da autora, 2023

<sup>198</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>199</sup> Segundo Francisco Nunes, é feita com uma navalha ao longo de uma costura que é feita e desfeita a cada lanço.

<sup>200</sup> *Arte xávega*. In Mira Câmara Municipal. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

<sup>201</sup> Marques, M. (2019).

seu propósito (lota, venda local, entre outros). Isso agiliza o processo de separação das diferentes espécies de peixes.<sup>202</sup>

Na pesca da Arte-Xávega, a fase de espera na praia sempre foi carregada de grandes expectativas. Cada lanço da rede é uma incógnita, resultando em grande alegria quando a rede retorna repleta de peixes de qualidade, evidenciada nos sorrisos e interações entre os pescadores (tive a oportunidade de experienciar este mesmo momento num *dia no mar* com a Companhia Poseidon, na Costa da Caparica).<sup>203</sup> Ao invés, a desilusão é notável quando a rede volta vazia ou com peixes de menor qualidade.

Durante o ato do lanço, há o risco de a corrente marítima fechar o saco da rede, caso o chumbo na parte inferior não mantenha a boca da mesma aberta. Para resolver esse problema, a companhia estica a rede, enquanto os pescadores retiram detritos e algas, ao mesmo tempo que avaliam a qualidade dos peixes capturados. Esse processo revela a complexidade emocional envolvida na pesca da Arte-Xávega, onde cada lançamento representa uma incerteza quanto ao resultado.<sup>204</sup>

No que se refere à comercialização do peixe, é imperativo que esta seja conduzida através de leilão em lota, em conformidade com o Decreto-Lei nº. 81/2005, datado de 20 de abril. Contudo, a adesão a esta legislação é frequentemente comprometida devido à carência de infraestruturas da Docapesca em todos os locais de descarga, bem como à insuficiência de meios para transportar o peixe até a lota mais próxima. Dessa forma, embora não se insira diretamente nos circuitos comerciais, a Arte-Xávega contribui indiretamente para a geração de um valor de uso tangível através da venda do pescado. É inquestionável que o valor simbólico da Arte-Xávega transcende amplamente o valor de uso, estabelecendo-se como o atributo preponderante dos objetos patrimonializados relacionados a esta prática.<sup>205</sup>

A remuneração dos pescadores é baseada nos resultados da pesca. Do montante total resultante da comercialização do pescado em cada jornada de pesca, uma parte é reservada para cobrir as despesas incorridas, enquanto a parte remanescente é distribuída em proporção ao número de participantes

---

<sup>202</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>203</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>204</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>205</sup> Santos, B. (2015).

envolvidos na pesca. A companhia de terra recebe uma parcela correspondente a duas partes, ao passo que os participantes que embarcam na embarcação recebem quatro partes.<sup>206</sup> Os vencimentos na Arte-Xávega não são predeterminados, mas sim calculados com base na receita bruta auferida, após a dedução das despesas com combustível e dos encargos fiscais. O montante remanescente é então distribuído entre os membros da companhia, considerando-se a função desempenhada e a regularidade na participação. Os líderes, como os arrais e o contramestre, auferem os salários mais elevados, enquanto os demais tripulantes recebem uma parcela ligeiramente inferior e os auxiliares em terra percebem remunerações ainda mais modestas.<sup>207</sup> No caso da companhia do Poseidon<sup>208</sup>, apenas cinco pessoas pescam durante todo o ano (mas noutro tipo de pesca artesanal, já que a Arte-Xávega é apenas feita em determinada altura do ano). Estes pescadores têm contratos, mas todos os outros recebem à mesma um ordenado e todos têm direito a seguro.

Em suma, atualmente, a Arte-Xávega continua a ser praticada ao longo da costa central portuguesa.<sup>209</sup> Ainda existe um número considerável de comunidades de pescadores que continuam a lançar as suas artes, principalmente entre Espinho e Vieira de Leiria<sup>210</sup>. Mencionamos em particular a Murtosa, Espinho, Praia de Mira, Figueira da Foz, Tocha, Praia da Vieira, Sesimbra e Costa da Caparica, onde a prática da Arte-Xávega ainda continua ativa, e em algumas praias, o número de grupos de pescadores até aumentou.<sup>211</sup>

Além de dependerem da Arte-Xávega para a sua subsistência, estas comunidades nutrem uma grande paixão por esta forma de pesca e desejam preservar essa herança, incentivando as gerações mais jovens a aprenderem, para que continue a fazer parte da identidade coletiva, contribua para a sustentabilidade económica dos pescadores e impulsione o desenvolvimento local.<sup>212</sup>

---

<sup>206</sup> *Ficha de Património Imaterial. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].*

<sup>207</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>208</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>209</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>210</sup> Idem.

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> Santos, B. (2015).

Atualmente, as principais espécies capturadas são o carapau, a cavala, a sardinha, o biqueirão e a lula-vulgar. A pesca do carapau está permitida, embora se observe uma diminuição acentuada do número de indivíduos reprodutores. Por outro lado, a pesca e comercialização da sardinha foram recentemente proibidas, devido ao esgotamento da cota anual de Portugal, na gestão da política comum europeia para as pescas.<sup>213</sup>

Assim, é importante ressaltar que as modificações que, ao longo dos tempos, foram introduzidas na Arte-Xávega não significaram o seu desaparecimento no país, mas devem ser encaradas como adaptações relevantes para garantir a sua continuidade.<sup>214</sup>

Souto<sup>215</sup> coloca em questão a viabilidade da Arte-Xávega e argumenta que a sua permanência se deve, em grande parte, à participação de pescadores reformados. Souto identifica uma série de desafios e precariedades em contextos sociais específicos, incluindo a tecnologia desatualizada, a baixa educação dos pescadores, a falta de oportunidades para as mulheres, a escassez de alternativas económicas, a redução no tamanho das espécies, perturbações devido às mudanças climáticas, a ocupação das áreas costeiras e, principalmente, a dificuldade em atrair novos pescadores devido aos baixos rendimentos associados a esta atividade. Os jovens procuram outras formas de pesca mais lucrativas, voltam-se para a emigração ao encontro de melhores oportunidades de trabalho ou para setores como a indústria e a construção civil. Souto prevê que, face a essas limitações, a Arte-Xávega provavelmente se concentrará em duas áreas para atender às demandas locais, mas, com o tempo, será abandonada à medida que os pescadores reformados deixarem de praticá-la e os jovens encontrarem alternativas mais aliciantes. Consequentemente, a tendência é a Arte-Xávega tornar-se sobretudo numa atração turística, subsidiada pelas autoridades locais, como já ocorreu em locais como a Nazaré (onde deixou mesmo de se fazer há cerca de 10 anos, depois de anos de recriação turística).<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup> Santos, B. (2015).

<sup>214</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>215</sup> Souto, H. (1998).

<sup>216</sup> Idem.

Outros estudos<sup>217</sup> apontam para uma tendência de declínio gradual na atividade da Arte-Xávega salientando-se dificuldade em competir com as embarcações modernas (como por exemplo as traineiras e os arrastões). Atualmente, há poucas embarcações em funcionamento e a maioria delas apresenta más condições. Além disso tudo, temos que considerar que este é um estilo de vida bastante árduo e com rendimentos baixos e irregulares.

Devido aos perigos marítimos e à escassa rentabilidade, verifica-se uma crescente diminuição no número de companhas envolvidas.<sup>218</sup> É crucial implementar medidas que garantam a preservação desta prática, não apenas como meio de subsistência económica das famílias, mas também devido à sua importância na identidade nacional, ao peso da sua tradição em comunidades locais e ao potencial para se tornar uma atração turística.

Pensemos em aspetos que podem contribuir para inverter esta tendência. Moreira<sup>219</sup> argumenta que o aumento no consumo local de peixe tem sido benéfico para as pescarias locais e tem despertado um novo interesse por essa prática.

Por outro lado, é relevante salientar os mecanismos modernos que complementam o processo de aprendizagem e demonstram a influência do Estado sobre as atividades locais. Isso é notório na atuação das escolas de navegação e pesca, que oferecem educação técnica formal e emitem a chamada *carteira de mestre* para os pescadores. Essa carteira é essencial para os arrais; a ausência dela durante uma fiscalização pode resultar na imposição de multas à companha de pesca. Adicionalmente, observa-se o uso da *internet* para aceder às previsões meteorológicas e marítimas, o que permite um planeamento do trabalho mais eficaz, possibilitando que a companha determine os momentos de folga e interrompa as suas atividades nos dias em que as condições do mar estejam desfavoráveis, como em situações de tempestades ou ventos fortes.<sup>220</sup>

Levando em conta o forte interesse em proteger a Arte-Xávega a nível nacional, foi criada pelo Governo a Comissão de Acompanhamento da Pesca

---

<sup>217</sup> Moreira, C. (2006).

<sup>218</sup> Santos, B. (2015).

<sup>219</sup> Moreira, C. (2006).

<sup>220</sup> Cano, M. C. S. (2010).

com Arte-Xávega - Direção de Serviços de Inspeção, Monitorização e Controlo das Atividades Marítimas.

*A Comissão é composta por:*

- a) Dois elementos designados pela DGRM, que coordena;*
- b) Dois elementos designados pelo IPMA;*
- c) Um elemento designado pela Direção-Geral da Autoridade Marítima;*
- d) Um elemento designado pela DOCAPESCA - Portos e Lotas, S. A.;*
- e) Três elementos designados pelas associações representativas dos pescadores com arte envolvente-arrastante no território nacional;*
- f) Um representante da PONG-Pesca, em representação das organizações não-governamentais portuguesas na área do ambiente e das pescas;*
- g) Um representante designado pela Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca; e*
- h) Dois elementos designados pelo conjunto dos municípios em que se pratica a pesca por arte envolvente-arrastante.<sup>221</sup>*

Esta comissão tem como objetivos proteger e criar melhores condições para os seus pescadores. Uma das suas propostas é a comercialização de exemplares abaixo do tamanho mínimo permitido por lei para descarga, embora restrita a quantidades muito reduzidas e limitada a 10% abaixo desse tamanho. Contudo, os pescadores sugerem uma exceção que permita a comercialização do primeiro lance, independentemente das dimensões, contribuindo assim para a redução da quantidade de peixe deixado no areal. Outra proposta relevante é a venda de carapau com tamanho mínimo entre 12 e 14 cm, em lotes distintos até ao limite de 5%. Além disso, a Comissão de Acompanhamento preconiza que os motores das embarcações atinjam os 100 Horse Power e propõe a isenção de impostos sobre o combustível, tanto para as embarcações como para os tratores.<sup>222</sup>

---

<sup>221</sup> Artigo 13º - Comissão de Acompanhamento. In Base de Dados Jurídica. [Consultado a 17 de abril de 2024].

<sup>222</sup> Santos, B. (2015).

Assim, apesar das várias dificuldades enfrentadas, a tradição da Arte-Xávega continua a persistir, evidenciando a sua história e capacidade de resistência através de adaptações ao longo do tempo. Opiniões sobre o seu estado atual variam, com alguns autores considerando que era mais pitoresca no passado, enquanto outros vêm a sua maior viabilidade em comparação com outras práticas de pesca. Contudo, o aspeto mais significativo é o da sua continuidade como uma atividade socioeconómica e cultural que desempenha um papel crucial na vida das comunidades de pescadores.<sup>223</sup>

---

<sup>223</sup> Cano, M. C. S. (2010).

### 3. A Arte-Xávega na Costa da Caparica: práticas comuns e singularidades

#### 3.1 As origens

Como analisado no capítulo anterior, a Arte-Xávega é uma técnica tradicional de pesca praticada ao longo do litoral português, com uma origem que se estende por várias gerações, constituindo um elemento intrínseco na história e cultura do país, assim como da região da Costa da Caparica, que nos interessa neste estudo em particular. Este método ancestral de pesca, que consiste no uso de redes de tração puxadas por juntas de bois ou tratores, tem raízes que remontam a tempos antigos e é considerado uma parte integral da identidade das comunidades piscatórias locais.<sup>224</sup>

Implantada à beira-mar, a Costa da Caparica deve a sua existência, em grande parte, ao recuo do Oceano. Estende-se por uma área de 10,74 km<sup>2</sup> entre o mar e a arriba fóssil, resultante desse recuo gradual. Destaca-se como a maior praia contínua do país, com cerca de 30 km de extensão entre a margem esquerda do Rio Tejo e a Lagoa de Albufeira. No inverno, afastado dos edifícios e ignorando os restaurantes e as casas que surgem nas dunas, o areal recupera a sua antiga beleza. A linha costeira forma um arco que se estende até ao Cabo Espichel, sendo quase toda composta por areal, com algumas interrupções pontuais. No passado, esta área era utilizada pelos pescadores ao longo de toda a sua extensão, mas atualmente é predominantemente explorada pelo elemento marinho, desde o pontão mais a sul da costa até à Fonte da Telha, variando de acordo com as estações do ano.<sup>225</sup>

O povoamento da área que viria a tornar-se a Costa da Caparica teve início na segunda metade do século XVIII, quando se tornou numa colónia de Ílhavos e Algarvios<sup>226</sup>, atraídos pela extensa faixa de praia com condições ideais para a prática da Arte-Xávega, ou seja, sem obstáculos naturais emergentes ou submersos.<sup>227</sup> Mais tarde, a atividade piscatória expandiu-se para a Fonte da Telha. Importa salientar que, em 1873, a Costa da Caparica contava com nove tipos diferentes de artes de pesca em plena operação.<sup>228</sup>

---

<sup>224</sup> Marques, M. (2019).

<sup>225</sup> Sacchetti, A. (2022).

<sup>226</sup> Alberto, G. (s. d.). *Arte xávega*. In Freguesia de Tocha. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

<sup>227</sup> Marques, M. (2019).

<sup>228</sup> Idem.

Na sua famosa obra, Baldaque da Silva<sup>229</sup> assinala que *as barracas dos pescadores da costa de Caparica ficam no areal que se estende para sul da foz do Tejo, a 6 quilómetros de distância da Torre do Bugio. N'esta região faz-se unicamente a pesca costeira por meio de artes de arrastar para terra. Consoante o relato de Baldaque da Silva, no período compreendido entre 1885 e 1886, registavam-se 68 embarcações e uma força laboral de 780 pessoas dedicadas à pesca, além de mais de 500 envolvidas nas operações de carregamento do pescado, salga e reparo de redes, entre outras tarefas. A pesca da sardinha predominava, com embarcações provenientes diariamente do porto de Lisboa para transportar o pescado até à cidade.*<sup>230</sup>

Os primeiros locais de fixação populacional na Costa da Caparica dividiram-se em dois núcleos ao longo da Rua dos Pescadores: as famílias de pescadores do Algarve a norte e as de Ílhavo a sul. As habitações iniciais eram simples, construídas com tábuas e estorno. Em 1884, o deputado Jaime Artur da Costa Pinto liderou a construção do primeiro bairro em alvenaria a norte da Rua dos Pescadores, destinado a alojar as famílias de pescadores cujas casas foram destruídas por um incêndio. Contudo, a partir do século XX, com o desenvolvimento da Costa da Caparica como estância balnear e a urbanização da zona norte, as famílias de pescadores tiveram de ser deslocadas para sul, originando o *bairro de barracas* conhecido como *Rua 15*. A partir da década de 1960, com a construção do Bairro dos Pescadores, integrado nas iniciativas de promoção da pesca tradicional pelo Estado Novo, lideradas pelo Almirante Henrique Tenreiro e pela Junta Central da Casa dos Pescadores, a maioria dos pescadores passou a ter habitação neste bairro, construído em três fases distintas.<sup>231</sup>

No ano de 1985, foi atribuída à localidade a designação de vila e, em 2005, foi elevada à categoria de cidade. Esta abrange as áreas de São João da Caparica, Santo António da Caparica, Terras da Costa e Fonte da Telha. A freguesia conta com um registo de 13 968 residentes (Censo de 2021) e destaca-se pela sua população flutuante, especialmente nos meses de verão.<sup>232</sup>

---

<sup>229</sup> Silva, B. A. (1891).

<sup>230</sup> Marques, M. (2019).

<sup>231</sup> *Ficha de Património Imaterial. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].*

<sup>232</sup> Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica.

A ascensão da Costa da Caparica a cidade ocorreu concomitantemente com a formalização do Projeto Polis, cujas obras deram origem aos atuais alvéolos de pesca e às novas concessões para outras finalidades ao longo da frente urbana das praias.<sup>233</sup> Um dos camaradas da Companhia do Poseidon, Armindo Rocha - *Finas*<sup>234</sup>, afirma que existem 60 concessões para a prática de *surf* e nenhuma concessão para a Arte-Xávega.<sup>235</sup>

Esta freguesia em questão abrange toda a extensão das praias do concelho e a maioria das opções turísticas disponíveis. Para além do turismo, destacam-se as atividades de pesca e agricultura como características distintivas. Na verdade, a Costa da Caparica possui uma ligação histórica profunda com o mar, sendo uma comunidade composta maioritariamente por pescadores, enraizada numa tradição fortemente ligada à pesca, elementos que conferem à localidade uma identidade singular no contexto urbano do concelho.<sup>236</sup>

À semelhança do que ocorreu em várias praias do país, quando a tendência dos banhos-de-mar e da estadia à beira-mar alcança a Costa da Caparica em finais do século XIX, esta deixou de ser meramente um território associado à subsistência de uma comunidade piscatória, menos favorecida economicamente. Em vez disso, transformou-se numa nova referência de distinção social.<sup>237</sup>

Hoje, as praias atraem anualmente centenas de milhares de visitantes, destacando-se também como palco para a crescente prática de desportos de mar, com especial ênfase no *surf*. Esta modalidade tem vindo a afirmar-se como um desporto de relevo na Costa da Caparica, à semelhança do que tem ocorrido noutras paragens do litoral, conquistando reconhecimento a nível nacional e contribuindo decisivamente para o desenvolvimento económico da freguesia.<sup>238</sup>

A Casa dos Pescadores da Costa da Caparica desempenhava um papel abrangente no apoio social aos pescadores e suas famílias, disponibilizando serviços que incluíam uma maternidade, creche, escola primária e cuidados médicos com dispensa de medicamentos. Alguns pescadores, destacam a

---

<sup>233</sup> Marques, M. (2019).

<sup>234</sup> Ver Apêndice 1.2.

<sup>235</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>236</sup> Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica.

<sup>237</sup> Marques, M. (2019).

<sup>238</sup> Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica.

excelência da maternidade, comparando-a de forma favorável ao Hospital de Almada, salientando, adicionalmente, a significativa influência educacional da Casa dos Pescadores no seu desenvolvimento, desde a fase inicial até à transição para a escola primária e, conseqüentemente, para as atividades da pesca.<sup>239</sup>

Uma das áreas destacadas pelos pescadores mais experientes como ponto de referência situava-se onde atualmente está localizado o Hotel Praia do Sol. Este espaço, conhecido como o *Alto*, concentrava um núcleo habitacional com vista para o mar. O mergulho dos alcatrazes no oceano indicava a presença de sardinha.<sup>240</sup>

Aqui, a pesca artesanal continua a ser realizada ao longo de todo o ano, com destaque para a prática da Arte-Xávega, sobretudo entre os meses de março a novembro. Esta técnica ancestral, de significativa importância histórica, atrai a atenção de uma considerável audiência, ansiosa pela famosa chegada do peixe no saco da rede, como a sardinha, o carapau, a cavala, entre outras espécies.<sup>241</sup>

Se a entrada ao mar e lançar das redes é uma atividade exclusivamente masculina, a alagem envolve todos os que se encontram na praia, independentemente do género. Homens e mulheres utilizavam cintos cruzados sobre os ombros, carregando as redes sem auxílio de tração animal. Isso permitia uma adaptação das artes de pesca, que eram maiores e mais pesadas, às condições locais. No entanto, essas operações eram realizadas por grupos numerosos de cerca de quarenta a cinquenta pessoas. As cordas eram manuseadas por meio de cintos colocados a tiracolo, aos quais estava anexado um cabo com uma boia na extremidade, usado para prender a corda. Os pescadores puxavam as cordas de frente para o mar, caminhando pela área húmida da baixa-mar. Devido à lenta e árdua natureza desse processo, que envolvia caminhar na areia molhada, não era possível realizar mais do que dois ou três conjuntos de lanços de pesca num único dia.<sup>242</sup>

---

<sup>239</sup> Marques, M. (2019).

<sup>240</sup> *Ficha de Património Imaterial*. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

<sup>241</sup> Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica

<sup>242</sup> Marques, M. (2019).

Na Caparica, a Arte-Xávega teve início com o uso de embarcações designadas por Saveiros ou Barcos de Mar, introduzidos pelos pescadores da Beira Litoral. Apresentavam proa e popa elevadas, concebidas para vencer as ondas na saída e no regresso à praia.



**Figura 13-** Saveiro ou Barco de Mar

Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/2021/05/barco-da-xavega-de-mestre-gadelha.html>

Com a adaptação ao mar da Costa da Caparica, estas embarcações foram sendo substituídas pelos Meia-lua ou Saveiros da Costa, mais pequenos e com características específicas, tais como bicas simétricas na proa e na popa, roda de proa mais arredondada, menor dimensão e uma maior quantidade de remos. O fundo plano e a elevação da popa e da proa foram mantidos para superar a rebentação marítima de forma eficiente.

Inicialmente, os Meia-lua contavam com uma tripulação de cerca de 20 homens, sendo metade destes dedicados aos remos. No entanto, na fase final da sua utilização, a tripulação reduziu-se para cerca de 12 homens, em média. A partir de meados do século XX, assistiu-se à gradual substituição dos Meia-lua por embarcações de menores dimensões – os barcos de duas proas. Estas embarcações mantinham a elevação da proa e da popa, embora com bicas mais baixas, conferindo-lhes uma maior facilidade de manobra e adaptabilidade a diversas técnicas de pesca. Persistiu a tradição de pintar um olho estilizado em ambos os lados da proa, associado originalmente à proteção mágica da

embarcação e respetiva tripulação, por influência de elementos culturais do Mediterrâneo.<sup>243</sup>

No passado, as redes eram meticulosamente produzidas à mão, utilizando fios de linho ou algodão e eram tingidas com extrato de casca de raiz de pinheiro para adquirirem uma tonalidade mais escura. Essa prática tinha como objetivo criar uma *sombra* nas redes, direcionando eficientemente o peixe para a entrada desejada. Os flutuadores eram feitos de placas de cortiça e chumbo, enquanto as cordas de sisal passavam por um processo de impermeabilização com alcatrão, conhecido como *cualtário*.<sup>244</sup>

A forma como os rendimentos eram distribuídos nas companhias passou por várias mudanças ao longo do tempo. Nos anos 1940, o armador recebia um quarto do total, enquanto os três quartos restantes eram divididos entre os pescadores, da seguinte maneira: três partes para o arrais; duas partes para o espadilheiro, o calador (quem aparelha a rede)<sup>245</sup>, o escrivão (encarregado do registo dos membros da companhia que participam em cada jornada de pesca, assim como da contabilização do valor do peixe vendido)<sup>246</sup> e o mestre de terra, respetivamente; uma parte e meia para cada membro da tripulação e uma parte para os pescadores em terra. Os rapazes encarregados de recolher a corda recebiam três quartos; os rapazes de giro, encarregados de escoar a água do barco, ganhavam meia parte.<sup>247</sup>

Como resposta às necessidades emergentes da população que então vivia na Costa, os mestres das companhias criaram o *Cofre dos Quinhões das Companhas*. Neste sistema, cada companhia contribuía proporcionalmente com base nas vendas do pescado, sendo os fundos acumulados utilizados anualmente para remunerar o cirurgião, o padre e o escrivão. Além disso, o financiamento proveniente do *Cofre* foi direcionado para a construção do muro do cemitério, da sua pequena capela e do poço que fornecia água potável à comunidade. Esses recursos também foram alocados para custear as celebrações em honra da padroeira, Nossa Senhora do Rosário, para a

---

<sup>243</sup> Marques, M. (2019).

<sup>244</sup> Idem.

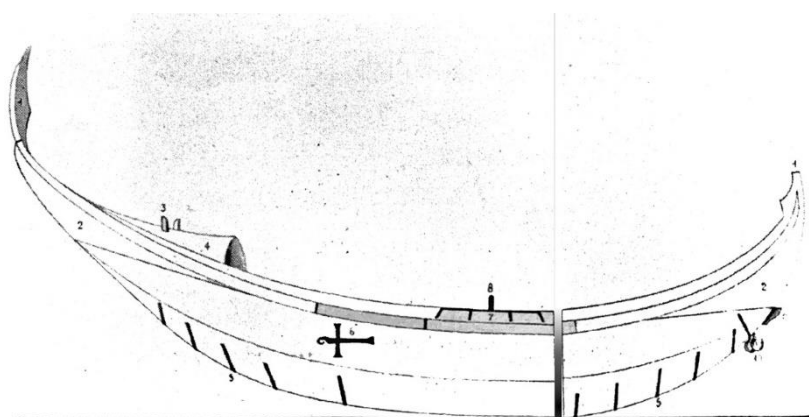
<sup>245</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>246</sup> *Ficha de Património Imaterial*. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

<sup>247</sup> Marques, M. (2019).

manutenção da capela e para o apoio aos membros mais desfavorecidos da comunidade.<sup>248</sup>

A adaptação de motores às embarcações teve início na década de setenta do século XX, sobretudo em barcos de duas proas ou de menor porte. Este processo consistiu na instalação do motor num *poço* localizado na popa da embarcação, sendo imperativo elevar o motor ao aproximar-se da praia para evitar colisões com o fundo. A necessidade premente de assegurar maior segurança, estabilidade e versatilidade às embarcações conduziu à subsequente introdução das Lanchas ou Chatas, caracterizadas por uma proa elevada e uma popa cortada. Esta configuração permitiu a utilização de motores retráteis, revelando-se determinante para a segurança da manobra de *abicar à praia*, especialmente quando as ondas atingem a popa, possibilitando que a embarcação mantenha uma orientação perpendicular à rebentação, diminuindo o risco de capotamento.<sup>249</sup>



**Figura 14** – Desenho de Manuel Fidalgo: *Barco Antigo*

**Legenda:** 1) Bica; 2) Painel; 3) Golfiões; 4) Coberta; 5) Boçardas; 6) Arganéu; 7) Lavaças; 8) Escalamão; 9) Descanso da muleta 10) Armelas.

Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/2021/07/a-construcao-do-barco-do-mar-por-manuel.html>

Ainda hoje, os barcos exibem desenhos coloridos e muitos deles encontram-se na areia junto às redes e aos instrumentos de pesca.<sup>250</sup>

<sup>248</sup> *Ficha de Património Imaterial*. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> Idem.



**Figura 15** – Barco de Arte-Xávega recente da Companhia Poseidon  
 Fonte: Armindo Rocha *In* David Caretas Photography

O inicial agrupamento de pescadores e, posteriormente, as suas famílias, expandiu-se ao longo do tempo, da Costa da Caparica, para incluir a Cova do Vapor e a Fonte da Telha, enfatizando, até meados do século XX, a importância económica da atividade piscatória, preponderantemente de índole familiar.<sup>251</sup>

No que concerne à habitação dos pescadores, destaca-se a importância crucial da proximidade ao mar para a viabilidade da atividade pesqueira. A decisão de embarcar na faina está intrinsecamente ligada à observação das condições do mar, conferindo à proximidade da habitação à praia um papel determinante nas escolhas dos mestres e na eficácia de convocar os companheiros para a pesca. Tradicionalmente, um membro da companhia, frequentemente uma criança, desempenhava a função de *chamador*, percorrendo as habitações dos pescadores e convocando-os para a faina com o chamamento *chama o arrais*.



**Figura 16** – Mapa da Costa da Caparica  
 Fonte: <https://www.google.com/maps>

A origem da localidade da Fonte da Telha está também intrinsecamente associada à atividade piscatória, embora o seu desenvolvimento tenha ocorrido em período posterior em comparação à Costa da Caparica. A Fonte da Telha

<sup>251</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

situa-se na frente atlântica do concelho de Almada, no extremo sul da cidade da Costa da Caparica, na Península de Setúbal. Localizada entre o mar e a arriba fósil adjacente, a sua praia, em conjunto com as restantes praias da Costa da Caparica, atrai milhares de turistas e visitantes, sobretudo dos concelhos do Seixal e Almada. Durante a época balnear, recebe entre 8.000 a 10.000 banhistas por dia e é também procurada para a prática de desportos aquáticos, como *Windsurf*, *Kitesurf* e mergulho.<sup>252</sup>

Muitos dos turistas, veraneantes e desportistas não resistem à curiosidade de observar a faina e acabam por incomodar. Dificultam o trabalho dos tratores e, conforme alguns pescadores admitem, por vezes, alguns colegas ficam irritados porque têm mais dificuldade em apanhar peixe. No entanto, a maioria dos pescadores acabou por se habituar a esta curiosidade das pessoas e encara essa situação com alguma naturalidade.<sup>253</sup>

O estabelecimento do primeiro núcleo de pescadores na região remonta ao início do século XX. Conforme documentado no Estudo de Caracterização, Diagnóstico Prospetivo e Definição dos Termos de Referência para a Elaboração do Plano de Pormenor da Fonte da Telha, os primeiros abrigos construídos pelos pescadores estavam situados na área que hoje corresponde à envolvente poente da Praça dos Pescadores e eram construídos utilizando materiais como o estorno. É relevante notar que muitas das habitações nessa localidade estavam sujeitas ao pagamento de licenças para a utilização de terrenos sob jurisdição do domínio público marítimo. Inicialmente, a cobrança dessas licenças era incumbência da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, posteriormente transferida para a Direcção-Geral de Portos e, por fim, sob a égide da Direcção-Geral de Recursos Naturais e do Instituto da Água.<sup>254</sup>

Combinados, estes fatores apresentam um desafio substancial para a continuidade da prática da Arte-Xávega como uma atividade económica sustentável na Costa da Caparica.<sup>255</sup>

Por último, torna-se imperativa a adaptação adequada e desejável ao progresso tecnológico e às exigências de rentabilidade impostas pelos novos tempos. No entanto, mesmo considerando a indispensabilidade dessa

---

<sup>252</sup> Marques, M. (2019).

<sup>253</sup> Idem.

<sup>254</sup> Idem.

<sup>255</sup> | Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

perspetiva, defende-se que, numa praia associada a uma tradição pesqueira tão notória e profundamente enraizada, as mudanças propostas não devem relegar ao esquecimento a complexa e significativa vivência de uma comunidade piscatória. Neste contexto, sugere-se que tais evoluções não comprometam a preservação da riqueza cultural desta comunidade, podendo, pelo contrário, conferir-lhe um notável interesse turístico-cultural. Este potencial poderia ser eficazmente explorado através da implementação de uma animação autêntica e participativa, envolvendo ativamente os membros desta comunidade ligada ao mar.<sup>256</sup>

A génese da Costa da Caparica está intrinsecamente ligada à atividade piscatória e às comunidades de pescadores que, devido ao seu labor, escolheram habitar esta região. Este território distingue-se por uma marcante tradição na pesca, evidenciada pelas antigas embarcações, particularmente os já desaparecidos *meia-lua*. Estas emblemáticas embarcações, hoje relegadas à memória, representam vestígios de um passado caracterizado por períodos alternados entre a abundância e as adversidades, assemelhando-se ao movimento oscilante das embarcações, às variações das marés e aos desafios enfrentados pelas redes de pesca.<sup>257</sup>

É peculiar revelar que as principais manifestações religiosas da comunidade piscatória da Costa da Caparica, embora já não ocorram, permanecem na memória coletiva, refletindo a religiosidade dos pescadores. Mesmo não sendo frequentadores da igreja, estes mantêm uma forte devoção associada à proteção que esperam receber perante o risco da faina. Outrora, as celebrações principais incluíam uma procissão em honra de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Costa da Caparica, na qual era transportada uma miniatura simbolizando uma meia-lua, com a presença figurativa de Jesus Cristo e dos apóstolos. A devoção a Nossa Senhora do Cabo Espichel representava outra prática relevante nesta comunidade, que, até às primeiras décadas do século XX, participava regularmente no Círio do Cabo, percorrendo parte do percurso pela praia.<sup>258</sup>

---

<sup>256</sup> Nunes, C. Vasco, E; Machado, S. *Pesca Artesanal da Nazaré. O lance de Arte Xávega*. Dia internacional dos museus. 18 de maio de 1993. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus. Museu da Nazaré.

<sup>257</sup> Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica.

<sup>258</sup> *Ficha de Património Imaterial*. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

### 3.2 Características e práticas

A Arte-Xávega é uma prática tradicional de pesca na Costa da Caparica, profundamente enraizada na cultura local. Além de ser uma atividade de subsistência para as comunidades piscatórias, também desempenha um papel vital na preservação e celebração da herança cultural e marítima.<sup>259</sup>

Conforme explicitado no capítulo 2, o processo de pesca associado à Arte-Xávega compreende várias fases, sendo a central o chamado *lanço*. Detalhadamente documentada<sup>260</sup> na região da Costa da Caparica e Fonte da Telha, pode ser sumariada nas seguintes etapas: a entrada ao mar da embarcação, atualmente facilitada por um trator e, depois, com a utilização do seu motor para superar a linha de rebentação na praia, a extremidade da corda da banda panda é amarrada a um dos tratores - cada trator tem a sua função atribuída (por exemplo, um dos tratores encarrega-



**Figura 17** – Entrada no mar  
Fotografia da autora, 2023

se do transporte da rede até ao mar).<sup>261</sup> À medida que a embarcação navega perpendicularmente à linha de costa, a corda é solta pelo lado do bombordo, sendo orientada pelo *pau da corda*. Oito cordas antes e oito depois do lançamento da rede, é fixada à corda uma boia esférica cor-de-laranja (quando for a alagem, o arrais em terra pode verificar a retidão da rede através do alinhamento das duas boias).<sup>262</sup>

A determinação da distância e a escolha do local para largar a rede na Arte-Xávega são influenciadas pela aleatoriedade, mas também dependem, em muito, da experiência e conhecimentos acumulados pelos pescadores. A sua decisão é, muitas vezes, baseada na intuição sobre a presença do peixe naquela área, considerando as observações anteriores. Essa abordagem é ajustada conforme as condições do dia, como a clareza da água, que pode variar e afetar a eficácia da rede.<sup>263</sup>

<sup>259</sup> Marques, M. (2019).

<sup>260</sup> *Ficha de Património Imaterial. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].*

<sup>261</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>262</sup> Idem.

<sup>263</sup> Marques, M. (2019).

O arrais de terra orienta os aladores com base no número de cordas largadas; com aquelas já recolhidas, manda avançar, dessa forma, aproximando os alares para concluir o cerco. Simultaneamente, os operadores dos tratores que controlam os aladores mantêm uma comunicação para assegurar que ambas as bandas sejam puxadas de forma paralela e coordenada.<sup>264</sup>

No desfecho do processo de lançamento da corda da banda panda, a embarcação reduz a sua velocidade e passa a navegar em paralelo à linha de costa. Durante este momento, é atirado ao mar o



**Figura 18** – Alar da rede  
Fotografia da autora, 2023

calão da banda panda, equipado com um contrapeso para evitar que o alar se enrede na corda. A etapa subsequente consiste no lançamento do alar, que é uma faixa de rede com boias de um lado e chumbos do outro, criando uma cortina que se posiciona perpendicularmente à superfície da água. Posteriormente, procede-se ao lançamento do saco, um cone desenhado para acomodar o peixe. No processo de lançamento do alar, dois pescadores iniciam o arremesso da tralha das cortiças e a tralha do chumbo. Em seguida, é lançada a gacheta, cujos cabos da boca superior são equipados com flutuadores, enquanto os cabos da boca inferior apresentam chumbos. Simultaneamente, o saco é solto pelo bordo de estibordo e, por último, é lançado o calamote. Após o lançamento do saco, solta-se o segundo alar e, ao retirar o peso do calão, a embarcação altera o rumo em direção à praia, soltando as cordas da banda barca. Neste processo, a embarcação efetua uma curva para manter os alares abertos, criando assim uma armadilha para o peixe.<sup>265</sup>

À medida que a corda pertencente à banda panda se aproxima da praia, um pescador que está em terra recolhe-a em movimentos circulares, agrupando-a em feixes contendo quatro cordas, que são então amarrados e empilhados no trator. Enquanto isso, as cordas da banda barca são recolhidas e enroladas no interior da embarcação. Os alares da rede que compõem a banda barca são posteriormente desembaraçados e organizados no interior do barco.

<sup>264</sup> Marques, M. (2019).

<sup>265</sup> Idem.

Subsequentemente, a gacheta<sup>266</sup> é posicionada, e os alares pertencentes à banda panda têm os seus nós desfeitos, que originalmente fixavam os rolos das cordas.<sup>267</sup>

A permanência da rede depende sempre muito do estado do mar e da quantidade de peixe que já foi apanhada. Normalmente, o primeiro lanço é o que demora mais tempo – mais ou menos uma hora e meia; os restantes, entre 40 minutos a 50 minutos. A rede é alada, quando, na ponta da banda panda, a corda acaba.

Quando o saco da rede se aproxima da praia, é agitado para impulsionar o peixe para o fundo e é puxado pela companhia até à beira da água. O saco é arrastado pelo trator e aberto sobre um oleado - destina-se a colocar sob a embarcação para facilitar o transporte marítimo e, ao mesmo tempo, serve para acondicionar o peixe quando o barco retorna carregado, evitando que o peixe entre em contacto com a areia.<sup>268</sup> Simultaneamente, as cordas e a rede são reorganizadas no barco em preparação para o próximo lançamento. Posteriormente, inicia-se o processo de seleção do peixe, categorizando-o por espécies,

lavando-o com água salgada e acondicionando-o em caixas.<sup>269</sup>

As espécies mais comumente capturadas na Costa de Caparica incluem a cavala, o carapau, a sardinha e o sargo-do-Senegal.<sup>270</sup> Atualmente, a atividade piscatória concentra-se na captura de cavala, uma vez que esta espécie proporciona um retorno financeiro mais substancial.<sup>271</sup>



**Figura 19** – Armazenamento da corda da banda barca  
Fotografia da autora, 2023



**Figura 20** – Oleado  
Fotografia da autora, 2023

<sup>266</sup> Conjunto de fios entrelaçados.

<sup>267</sup> Marques, M. (2019).

<sup>268</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup> Idem.

Percebemos, assim, que a estrutura da rede ou Arte-Xávega é bastante complexa, sendo constituída por três elementos essenciais: os Alares, a Boca e o Saco. Os Alares são compostos por panos de rede com malhas distintas, cada um equipado com cordas contendo boias e chumbos para manter a estrutura aberta na água, formando uma espécie de barreira. A Boca da Arte é constituída por seis panos, sendo o superior equipado com boias, o inferior com chumbos e dois panos laterais chamados Costaneiros, onde os Alares são fixados. O Saco é composto por panos com malhas progressivamente menores, culminando na



**Figura 21** – Companhia a puxar a rede cheia  
Fotografia da autora, 2023

Calima, localizada na extremidade do Saco. Os Alares incluem o Claro (malha de 50 cm), o Regalo (malha de 40 cm), o Caçarete (malha de 30 cm) e a Arcanela (malha de 20 cm). Na Boca do Saco, a malha é de 10 cm na Gacheta, que se conecta aos Alares e aos cabos da Boca de Baixo e da Boca de Cima; e de 8 cm na Boca, com um comprimento de 8 metros até ao Engulador. O Saco é composto pela Calima, Corpo do Saco e Engulador, este último com uma malha de 2 cm. O Engulador liga-se à Boca, e a Calima (onde o peixe é armazenado) é fechada com um fecho de correr ou atada com uma corda. Atualmente, a prática do porfio da Calima, ou seja, a realização de uma costura aberta no final de cada lanço para retirar o peixe, é menos comum, implicando recomeçar o processo a cada novo lanço.

As dimensões médias das Artes utilizadas na Costa da Caparica e Fonte da Telha são aproximadamente 155 braças, abrangendo os Alares, a Boca e o Saco. O custo médio destas Artes situa-se entre 4 e 5 mil euros.<sup>272</sup>

Atualmente, as Artes são fabricadas com panos de rede feitos de material plástico pré-tintado. A montagem e a manutenção dessas redes continuam a ser realizadas manualmente pelos mestres de redes das companhias.<sup>273</sup>

<sup>272</sup> Marques, M. (2019).

<sup>273</sup> Idem.

As embarcações empregues nesta técnica de pesca têm geralmente cerca de sete metros de comprimento. Cada companhia opera com uma embarcação e três tratores de apoio.

É importante notar que todas as xávegas que operam nas praias do Concelho de Almada compartilham características bastante similares.<sup>274</sup> A rede é composta por chumbos, cortiça, cabos e boias de sinalização e mencionamos as suas especificações padrão: cabos de alagem com 1500 metros de comprimento, asas com 300 metros de extensão, saco central com 16 metros de comprimento, malha de 500 mm nos claros, malha de 20 mm nas alcanelas e malha de 20 mm no saco. Os elementos que compõem a rede incluem chumbos, cortiça, cabos e boias de sinalização. As redes são confeccionadas com fio de *nylon* e boias, embora existam igualmente opções que utilizam cabo flutuante.<sup>275</sup>

Ao examinar especificamente a embarcação utilizada nesta atividade ao longo da costa, o Poseidon<sup>276</sup>, merece destaque. É uma chata de fibra de vidro e destaca-se pelo seu casco de fundo chato, proporcionando vantagens evidentes quando o barco é sujeito a encalhamentos frequentes. A configuração do fundo chato permite um deslizamento suave e um planeio semelhante ao de uma prancha. O Poseidon demonstra eficácia ao enfrentar as ondas, embora não esteja isento de respingos, especialmente em condições de mar agitado, sendo notável a complexidade da saída em relação à entrada.

A sua proa é alta, redonda e projetada para a frente, contrastando com uma popa apainelada, equipada com dois patins e degraus que facilitam o acesso após o lançamento na água. Originária de Sesimbra, a embarcação está equipada com um motor embutido de 100 cv, cujas



**Figura 22** – Barco Poseidon  
Fotografia da autora, 2023

<sup>274</sup> Antunes, M. (2007).

<sup>275</sup> Santos, B. (2015).

<sup>276</sup> Barco utilizado pela Companhia Poseidon – observação *in loco*.

estruturas de ferro incorporadas servem para a montagem de dispositivos como luzes, GPS e apoios diversos.

A Companhia do Poseidon utiliza um equipamento de dimensões reduzidas em comparação com as utilizadas em regiões do norte de Portugal. As características dimensionais da rede, em especial do Saco, e a distância de lançamento não requerem cordas tão robustas e extensas, assim como lastro excessivo. O Poseidon, pela sua leveza e manobrabilidade superiores aos robustos navios do norte, é dotado de um motor com o dobro da potência. A frequência e cadência das suas saídas são notáveis quando comparadas com as realizadas em localidades como Mira ou na Vagueira.<sup>277</sup>

Cada companhia, sob a liderança do respetivo arrais, é composta pela tripulação da chata, geralmente formada por quatro a cinco pescadores, e pela equipa de terra. Na tripulação da chata, o *arrais do mar* assume o papel de comandante, responsável pela navegação da embarcação e pelas decisões relacionadas com o lançamento da rede. O *calador*, um membro crucial da equipa, encarrega-se de largar a rede, contando com a colaboração de três camaradas para tarefas específicas, como soltar as boias e o chumbo por bombordo, bem como lançar o saco por estibordo junto à popa.

No que concerne à equipa de terra, um contingente variável de cerca de quinze a vinte indivíduos, de ambos os sexos, desempenha diversas funções. Estas incluem a colheita da corda durante o seu manuseio pelo alador mecânico, a recolha e desembaraçamento da rede, a seleção e lavagem do peixe, assim como a preparação de *dornas* para o seu acondicionamento. Adicionalmente, à equipa de terra compete manobrar o trator que reboca a embarcação durante as fases de entrada e saída, operar os tratores equipados com aladores mecânicos e realizar o transporte do pescado até à lota.<sup>278</sup>

A companhia inclui ainda o *mestre de redes*, cuja participação na pesca pode ser opcional. Este profissional é responsável pela construção e manutenção das redes e cordas.<sup>279</sup>

No contexto atual, devido à introdução da tecnologia mecânica na prática da pesca de xávega, que se traduz na diminuição da mão-de-obra e pelos

---

<sup>277</sup> Sacchetti, A. (2022).

<sup>278</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>279</sup> *Ficha de Património Imaterial*. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

consideráveis custos associados a maquinaria, combustível, redes e outros equipamentos, os proprietários das artes de pesca adotam uma abordagem diferenciada para a gestão dos rendimentos. Miguel Alemão, um dos armadores mais jovens na Costa da Caparica, com 30 anos de idade e dono do Poseidon, estabelece uma distribuição de uma parte e meia para os trabalhadores em terra e duas partes para os intervenientes diretos na atividade de pesca. Para cada trator, são alocadas entre 4 a 5 partes, enquanto para o barco e motor são atribuídas de 2 a 3 partes. A ênfase na importância dos tratores é notável, como sublinha o dono da companhia: *o trator deve gerar mais renda do que as pessoas*, realçando a sua vitalidade para a continuidade da pesca de xávega.<sup>280</sup>

Em relação à venda do pescado, na lota da Costa da Caparica, aproximadamente metade dos compradores atuam como intermediários, enquanto os restantes possuem bancas diretas na praça ou gerenciam restaurantes. No entanto, é relevante salientar que a maior parte do pescado é transacionada por intermediários.<sup>281</sup>

Presentemente, no concelho de Almada, existem 8 embarcações dedicadas à pesca da Arte-Xávega: 3 operam nas praias da Costa de Caparica e 5 nas praias da Fonte da Telha; mas, chegaram a existir 23. Essas embarcações, na sua maioria construídas em madeira, com algumas mais recentes feitas de fibra, têm aproximadamente 7 metros de comprimento. Cada companhia de Arte-Xávega é composta por uma embarcação e três tratores de apoio, envolvendo cerca de 20 pessoas, com 5 delas operando diretamente na embarcação e as demais em terra. Quanto à atividade de pesca, o tempo de arrasto é geralmente de uma hora e cada embarcação realiza entre 3 e 4 lanços por dia.

É importante ressaltar que, devido à significativa procura das praias para veraneio, durante o verão ocorre uma considerável redução das áreas destinadas à Arte-Xávega. Nesse período, as companhias são obrigadas a ceder parte de sua área de ocupação aos banhistas. Além disso, em praias concessionadas, durante a época balnear, há restrições para a realização de lanços entre as 10h30 e as 18h30 aos sábados, domingos e feriados. Estas restrições alteram a forma como os pescadores operam durante o verão,

---

<sup>280</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>281</sup> Marques, M. (2019).

conforme observado por Galhano<sup>282</sup>, que destaca que *todo o movimento da praia, no Verão, é dado pelos banhistas.*

Esta realidade pode ser também comprovada pelas palavras de Armindo Rocha: *Eu acho que falta mais a nível de apoio, percebes? Nós temos a matéria toda e condições para trabalhar, mas apoios, não. Facilidades de trabalho, por exemplo... Só podemos trabalhar a partir das seis da tarde, se o peixe estiver de dia, não apanhamos nada. Podemos pescar durante o dia ou a qualquer altura, mas apenas se não for época balnear. (...).*<sup>283</sup>

Durante a época balnear, a prática da Xávega é mesmo proibida nas praias concessionadas durante os horários mencionados acima. Os tratores só podem circular nas zonas autorizadas.<sup>284</sup>

Para ultrapassar estas restrições, durante um período essencial para esta prática que é sazonal, os pescadores-armadores e os seus representantes têm apresentado propostas relacionadas com as passagens de e para os locais de pesca. Primeiramente, defendem a garantia de corredores de acesso ou a reserva de praias não concessionadas para a prática da Arte-Xávega durante todo o ano, sempre que as condições climáticas e marítimas o permitam. Quanto aos locais de passagem dos corredores de acesso, apresenta-se a título de exemplo a seguinte proposta: a primeira sugere a implementação de um corredor, devidamente assinalado, paralelo à linha do Transpraia, destinado à circulação dos tratores.<sup>285</sup>

É destacada a necessidade de outra medida por Lídio Galinho (presidente da ALA<sup>286</sup>), que consiste na classificação do pescado capturado pelas companhias da Costa da Caparica e Fonte da Telha através da designação ou marca *pescado com Arte-Xávega da Costa da Caparica*. Argumenta-se, que todo o pescado comercializado na Costa da Caparica, seja por intermediários ou retalhistas, deveria ser obrigatoriamente categorizado, uma vez que provém de uma prática reconhecida como património cultural imaterial.<sup>287</sup>

Durante o verão, as atividades da companhia na praia desenrolam-se a partir das 13 horas até às primeiras horas da manhã, por volta das 4, 5 ou 6

---

<sup>282</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>283</sup> Ver Apêndice 1.2.

<sup>284</sup> Santos, B. (2015).

<sup>285</sup> Marques, M. (2019).

<sup>286</sup> Associação de Pesca Artesanal, Local e Costeira e de Apoio Social aos Pescadores.

<sup>287</sup> Marques, M. (2019).

horas. Durante a noite, a labuta prossegue com a iluminação proveniente de projetores conectados aos tratores, substituindo os antigos faróis a petróleo.<sup>288</sup>

A chegada das redes na Arte-Xávega constitui um verdadeiro espetáculo muito apreciado pelos banhistas. Trata-se da única forma de pesca em que os veraneantes podem observar diretamente como o peixe é trazido para terra e retirado da rede. Esta experiência permite-lhes assistir ao pitoresco da faina e verificar a qualidade do peixe, que podem posteriormente consumir em casa ou nos restaurantes ao longo das praias. Este aspeto torna a Arte-Xávega um elemento de grande atração turística.<sup>289</sup>

Em suma, nos dias atuais, a Arte-Xávega continua a ser uma atividade de significativa importância na comunidade pesqueira do concelho de Almada.<sup>290</sup> Na Costa da Caparica, mantêm-se em operação as companhias do Rei dos Mares, Canope, Vitorino Velho, Poseidon e São José.<sup>291</sup>

Devido à sua adaptação às condições do mar e das praias da Costa da Caparica, a Arte-Xávega desenvolveu aqui características específicas, que a distinguem das práticas de regiões do país; o que se analisará no ponto seguinte.<sup>292</sup>

### **3.3 Singularidades nas comunidades**

A análise das diferenças e singularidades presentes nas comunidades que praticam a Arte-Xávega ao longo da costa portuguesa, em comparação com a Costa da Caparica, constitui um tema de considerável relevância no âmbito da cultura e da antropologia. A Arte-Xávega, enquanto prática de pesca tradicional, encontra-se profundamente enraizada nas comunidades locais e cada uma destas comunidades desenvolveu características distintivas ao longo do tempo.<sup>293</sup>

Em Vila Chã, destaca-se a transformação observada na atividade pesqueira, que anteriormente envolvia a pesca do pilado, a recolha de algas, o uso de redes e linhas com embarcações de pequeno porte, operada principalmente por unidades familiares. Esta abordagem dependia da

---

<sup>288</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>289</sup> Marques, M. (2019).

<sup>290</sup> Santos, B. (2015).

<sup>291</sup> Marques, M. (2019).

<sup>292</sup> Idem.

<sup>293</sup> Cano, M. C. S. (2010).

sazonalidade e disponibilidade de diversos recursos marinhos, requerendo equipamentos especializados e diferentes formas de organização laboral. A crise económica após a Segunda Guerra Mundial incentivou a emigração dos pescadores locais. Ao retornarem a Vila Chã, introduziram novas tecnologias, como motores nas suas embarcações, o que resultou num aumento na quantidade e variedade de capturas, além da possibilidade de pescar ao longo de todo o ano.<sup>294</sup>

Em Sesimbra, a Arte-Xávega também recebe o nome de *chinha* ou *arte do Caneiro*. O termo *chinha* deriva do uso anterior de redes chamadas *chinchas* ou *chinchorros*, enquanto o termo *arte do Caneiro* refere-se à região costeira onde essa técnica era comumente praticada.<sup>295</sup>

As suas embarcações tradicionais, chamadas de *barcos de mar*, são construídas predominantemente com madeira, atualmente com a adição de fibras para aumentar a resistência. Possuem uma forma distintiva, com casco chato e arqueado em meia-lua, especificamente projetada para enfrentar mares com forte rebentação. A configuração do casco, com uma elevação acentuada na proa e ré, protege a embarcação dos impactos das ondas, como mencionado por Galhano<sup>296</sup> e Souto<sup>297</sup>. Entretanto, em comparação com os modelos mais antigos, esses barcos modernos tendem a ser menores e têm apenas dois remos localizados centralmente, usados principalmente em emergências e para ajustar a posição antes de enfrentar zonas de rebentação. A propulsão principal é geralmente fornecida por motores.<sup>298</sup>

No Meco, cada elemento da rede recebe um nome próprio: a *calima* é a parte inicial da rede, seguida pelas *arcanelas*. Em seguida, temos a *boca do saco* e as conexões entre a boca do saco e as asas, conhecidas como *cutelos*. Continuando a partir do saco, encontramos as *asas* ou *alares*, sendo as partes mais largas denominadas *caçaretas*. As extremidades de cada asa são chamadas de *colares*. Por fim, há os *regalos de rede*, que são mais largos e servem para sustentar o conjunto, culminando nos *calões*, que são as

---

<sup>294</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>295</sup> Domingues, A. (2010). *As Artes de Pesca em Sesimbra*. J. Soares, *MUSA: museus, arqueologia & outros patrimónios* (pp. 229-236). FIDS & MAEDS Autarquias do Distrito de Setúbal.

<sup>296</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>297</sup> Souto, H. (1998).

<sup>298</sup> Cano, M. C. S. (2010).

extremidades da rede onde as cordas de arrasto são fixadas.<sup>299</sup> As embarcações são movidas a remos e a operação de lançamento das redes é realizada manualmente, recorrendo à força humana, ainda que os tratores sejam utilizados para deslocar as embarcações em terra. A ausência de motores nas embarcações e no processo de lançamento contribui para a minimização dos custos na atividade pesqueira, dado que os principais gastos associados à pesca motorizada estão relacionados com o consumo de combustível. Uma situação semelhante é verificada na Praia da Vieira, onde as práticas de pesca seguem um padrão análogo: embarcações movidas a remos, operação manual de lançamento das redes, pescadores assalariados pela indústria, atividade de pesca ao final do dia após o período laboral na fábrica e aos fins de semana.<sup>300</sup>

Nesta região, durante a operação de pesca, dois homens posicionados na parte traseira da embarcação desempenham funções fundamentais. O primeiro é o *arraís*, responsável por controlar o leme, enquanto o outro manuseia a corda do barco. Os demais membros da tripulação remam, e o número de remadores pode variar conforme as condições do mar. Na costa da Praia do Meco, os pescadores locais exercem diversas funções, como empurrar a embarcação para o mar, auxiliar na retirada das redes, efetuar reparos quando necessário e dar apoio aos pescadores em alto mar.<sup>301</sup>

As embarcações destinadas à prática da Arte-Xávega apresentam variações nas suas dimensões, variando desde cerca de três metros nas pequenas companhias da Praia da Vieira até aproximadamente sete ou nove metros nas maiores embarcações das Praias de Mira, Vagueira<sup>302</sup>, Furadouro, Esmoriz e Espinho. Estes barcos possuem uma configuração característica em meia-lua com a proa elevada e o fundo plano, sendo sempre adornados com cores vivas como branco, vermelho, azul, amarelo e verde. Anteriormente, em algumas praias, eram utilizados barcos equipados com quatro remos, mas atualmente todos os barcos utilizam apenas dois remos. O número de remadores varia de acordo com o sistema adotado: entre as Praias da Torreira e de Mira, a

---

<sup>299</sup> Domingues, A. (2010).

<sup>300</sup> Souto, H. (1998).

<sup>301</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>302</sup> Ao longo da praia da Vagueira, no concelho de Vagos, os pescadores que se dedicam a esta forma tradicional de pesca persistem em enfrentar as ondas a bordo de barcos de madeira, tal como outrora, tornando-se este cenário no principal atrativo turístico desta região.

tripulação de alguns barcos inclui camboeiros, posicionados atrás dos remadores, responsáveis por puxar cordas amarradas aos remos para aumentar a eficácia da propulsão. A exceção ocorre na Praia da Vieira, onde ainda se utilizam quatro remos alinhados. No passado, os remos estendiam-se até ao bordo oposto da embarcação, mas atualmente alcançam apenas o meio, resultando numa disposição de remos alinhados dois a dois.<sup>303</sup>

Tradicionalmente, a embarcação, característica da região da Murtosa, possuía aproximadamente 4,60 metros de comprimento, 2,35 metros de largura e 0,75 metros de altura. A sua morfologia foi cuidadosamente concebida para se adaptar às condições marítimas locais, especialmente críticas durante as manobras de entrada e saída do mar. Os construtores, conhecidos como *calafates*, projetavam a embarcação considerando as particularidades da Murtosa, destacando-se uma proa elevada e afiada para enfrentar as ondas, e uma ré ou popa *cortada* para otimizar o aproveitamento das vagas durante o encalhe e facilitar o lançamento rápido das redes.

Ao longo da sua evolução histórica, o barco passou por várias modificações. Atualmente, a sua construção persiste nos estaleiros próximos à Ria de Aveiro, sendo que a embarcação contemporânea tem capacidade para acomodar entre 8 a 12 tripulantes. As atividades de pesca decorrem de forma quotidiana e sazonal, abrangendo os meses de março a outubro.<sup>304</sup>

Na Praia de Mira, para além das particularidades associadas à região onde este núcleo se encontra estabelecido, em que a lagoa desempenha um papel fundamental na morfologia, conferindo uma identidade característica à terra, a atividade pesqueira apresenta hoje algumas características distintivas em comparação com outras praias. Em primeiro lugar, destaca-se o tamanho das embarcações, as maiores de toda a costa. Em segundo lugar, desenvolveu-se um sistema de *bragos* acoplados aos tratores que, encaixando-se na popa das embarcações, as impulsiona para vencer mais facilmente a rebentação. Adicionalmente, as companhias de Mira utilizam, no inverno, embarcações mais pequenas para lançar redes branqueiras perpendicularmente à praia. Ancoradas pelo lado do mar com sacos de areia, estas redes são içadas para a praia com

---

<sup>303</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>304</sup> *Arte Xávega*. In Murtosa Município. [Consultado a 22 de agosto de 2023].

o auxílio dos aladores dos tratores, através de um dos cabos que permanece preso junto ao armazém da companhia.<sup>305</sup>

Hoje em dia, apesar das inovações introduzidas na atividade piscatória, já não é o toque do búzio que desperta os pescadores para a faina, mas sim a essência da Arte-Xávega que permanece tão viva que se torna um dos elementos de maior atração turística na Praia da Tocha.<sup>306</sup>

Conforme já salientado, a análise comparativa entre a prática da Arte-Xávega na Costa da Caparica e em outras regiões do país revela particularidades distintivas. Neste contexto, os métodos empregados pelos pescadores na execução da Arte-Xávega na Costa da Caparica divergem substancialmente das práticas observadas na região Norte de Portugal. Uma distinção notável reside na quantidade de cabo utilizado durante os lançamentos das redes: enquanto os pescadores da Costa da Caparica optam por uma menor extensão de cabo, os seus homólogos do Norte do país empregam quantidades mais substanciais. Ademais, destaca-se a duração dos lances: nas companhias do Norte, estes podem estender-se até duas horas após a soltura das redes, contrastando com a Costa da Caparica, onde o processo é concluído em cerca de 40 minutos. Tais discrepâncias evidenciam não apenas a diversidade regional intrínseca às práticas da Arte-Xávega, mas também a adaptação das técnicas de pesca às particularidades de cada localidade costeira.<sup>307</sup>

*A Arte-Xávega na Costa da Caparica é igual às das outras regiões, mas é diferente, se é que me faço entender. A maneira de trabalhar é igual, mas é diferente. Parece estranho eu estar-te a dizer isto, mas é a verdade.* É desta maneira que o pescador Armindo Rocha<sup>308</sup> ensaia explicar, de forma concisa, o que sente de diferente. Refere, ainda, que na Costa da Caparica, são utilizadas embarcações de menor porte, denominadas como *chatas* – como já se discutiu no início deste capítulo – em contraponto ao Norte do país, onde se empregam embarcações de maior envergadura e comprimento. Acrescenta-se, ademais, que as redes divergem; no Norte, apresentam um peso superior e destinam-se

---

<sup>305</sup> Souto, H. (1998).

<sup>306</sup> *Arte Xávega*. In Cantanhede Município. [Consultado a 22 de agosto e 2023].

<sup>307</sup> Informação cedida oralmente por Bruno Ventura, Pescador – 28 de fevereiro de 2024.

<sup>308</sup> Informação cedida oralmente por Armindo Rocha, Pescador – 27 de fevereiro de 2024.

a capturas realizadas a distâncias superiores às praticadas na Costa da Caparica.

### 3.4 Participação das Mulheres nas Companhas

Ao longo do tempo, as mulheres têm desempenhado funções fundamentais em várias atividades relacionadas com a pesca, contribuindo de maneira substancial para o sustento das suas famílias e para a dinâmica das comunidades locais.<sup>309</sup> Este capítulo tem como objetivo examinar a importância da participação feminina nas companhas da Costa da Caparica, enfatizando as múltiplas responsabilidades que assumem e o seu impacto na preservação das tradições piscatórias locais.

A temática de género em contextos piscatórios tem suscitado interesse enquanto objeto de estudo académico. Contudo, é recorrente a identificação predominante do género masculino como pescador em muitas análises académicas.<sup>310</sup>

Uma das contribuições deste trabalho será avaliar e debater o papel das mulheres na organização do trabalho nas comunidades de pescadores na Costa da Caparica. Por muito tempo, os estudos sobre a participação feminina no setor da pesca afastaram-na do mar, considerando esta atividade exclusiva dos homens e, conseqüentemente, subestimaram a sua importância. No entanto, a antropologia e a sociologia têm trazido reflexões valiosas, muitas vezes não visíveis de imediato, destacando o papel das mulheres como esposas, mães ou irmãs de pescadores.<sup>311</sup>

No que toca a diferenças entre alguns locais que se dedicam à Arte-Xávega:

- Na **Nazaré**, para aumentar os ganhos familiares, as mulheres não apenas percorriam longas distâncias a pé para encontrar compradores de peixe, mas também vendiam parte da caldeirada. Além disso, como forma de compensar as perdas financeiras causadas pelo inverno, as mulheres envolviam-se na pesca do

---

<sup>309</sup> Souto, H. (1998).

<sup>310</sup> Simonian, L. T. L. (2006). *Pescadoras de camarão: género, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioça, Barcarena, Pará*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas.

<sup>311</sup> Amorim, I. (2006). *Mulheres no sector das pescas na viragem do século XIX: formas de participação na organização do trabalho*. ARQUIPÉLAGO-Revista da Universidade dos Açores, 661-683.

meixão na foz do estuário do rio Alcoa. Durante os meses de inverno, o sustento da família era quase assegurado pela mulher (já que os homens não podiam trabalhar no mar durante esse período), que sempre arranhou maneiras de providenciar a família: venda de pescado; o aluguer de casas/quartos, a venda de frutos secos e bonecas de trajes típicos.

- Na **Praia de Vieira**<sup>312</sup>, as mulheres também assumem um papel intermediário na comercialização do pescado. Embora não façam parte das companhias, conseguem peixes para revender, sendo beneficiadas por serem *mulheres ou familiares dos pescadores da companhia*.
- Em **Espinho**, há um número limitado de mulheres envolvidas nas companhias, geralmente ligadas por laços familiares aos proprietários e aos arrais das embarcações.
- No **Furadouro**, há um número significativo de mulheres que trabalham nas companhias, muitas vezes em substituição ou complemento ao trabalho dos seus maridos, filhos ou irmãos.
- Em **Esmoriz**, as mulheres têm um papel mais ativo nas companhias. Trabalham em tempo integral e desempenham todas as tarefas relacionadas com a pesca em terra.
- Na **Praia de Mira**, antigamente, as mulheres eram responsáveis por algumas tarefas, como por exemplo: organização das cordas e das redes, fornecimento de água aos pescadores, separação das diferentes espécies de peixes e o transporte do pescado em cestos que carregavam nas suas cabeças até à lota. Nunes<sup>313</sup> sugere que a atuação das mulheres no mar pode estar relacionada às dificuldades enfrentadas naquela época, incluindo migrações internas motivadas pela crise desencadeada pela especulação capitalista no setor da pesca, bem como condições de vida precárias (escassez de alimentos, ocorrência de epidemias frequentes, altas taxas de mortalidade infantil e o desemprego).
- Para terminar, nas praias a sul do **Rio Mondego**, já não se observa

---

<sup>312</sup> Em abril de 2024, foi inaugurado um Centro Interpretativo cofinanciado pelo programa comunitário MAR 2020.

<sup>313</sup> Nunes, F. O. (2006).

a presença de mulheres envolvidas nesta técnica de pesca.<sup>314</sup>

Alerta-se que, em nenhum desses cenários, as mulheres se aventuram a ir ao mar.

É praticamente uma constante a ausência de participação das mulheres na atividade de pesca em alto-mar. No entanto, não deve ser omitido o seu labor intenso em terra, quer colaborando na construção e manuseamento das redes, quer, sobretudo, na lota.<sup>315</sup>

Como refere Armindo Rocha: *Sim, há mulheres que já fazem de tudo. Até há mulheres que vão ao mar. Largar o chumbo ou passar as cordas, por exemplo. Normalmente, na Xávega, o papel da mulher é escolher o peixe ou vender peixe. Ou seja, a parte mais de contacto com o público.*<sup>316</sup>

O objetivo é questionar a divisão tradicional do trabalho entre os sexos, que historicamente limitava os homens ao mar e as mulheres à terra. Existe uma divisão flexível do trabalho que se desenvolveu para equilibrar a exploração dos recursos terrestres e marinhos. Isso manifestou-se na variedade de funções desempenhadas pelas mulheres em terra.<sup>317</sup> Além disso, havia uma complementaridade entre as atividades de ambos. Ajudavam-se mutuamente para facilitar o trabalho um do outro, embora essa colaboração fosse condicionada pelos ritmos da pesca. No entanto, é essencial ressaltar que, mesmo quando as mulheres participavam nas atividades da pesca, a vida nesse setor era considerada extremamente desafiadora.<sup>318</sup>

O significado do trabalho feminino, especificamente na comunidade piscatória, é uma questão complexa e debatida na antropologia. Por um lado, existe a visão tradicional que postula uma divisão sexual do trabalho, onde os homens se envolvem na pesca e as mulheres cuidam dos afazeres relacionados com o tratamento e venda do peixe. Por outro lado, há uma perspectiva que reconhece a existência de diferentes identidades femininas dentro da comunidade piscatória, cada uma associada a hierarquias de valores que enaltecem ou menosprezam os papéis das mulheres, dependendo de quão próximos ou distantes estão do espaço de trabalho masculino. Essas diferentes

---

<sup>314</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>315</sup> Motta-Maués, M. A. (1999). *Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil*. Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, 3(2), 377-400.

<sup>316</sup> Ver Apêndice 1.2.

<sup>317</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>318</sup> Cano, M. C. S. (2010).

visões destacam a complexidade das dinâmicas de género no contexto da pesca, mostrando que a análise do trabalho feminino não pode ser reduzida a uma única narrativa, mas sim deve ser empreendida através de uma compreensão mais profunda das práticas culturais e das relações sociais dentro da comunidade piscatória.<sup>319</sup>

Woortmann<sup>320</sup> aborda este processo ao afirmar que, de uma forma geral, os estudos sobre comunidades *pesqueiras* tendem a favorecer os atores sociais do sexo masculino e as suas perspetivas. O discurso do investigador, de certa maneira, reproduz o discurso público destas comunidades, cuja identidade se constrói em torno da atividade de pesca, concebida como maioritariamente masculina. Consequentemente, as atividades femininas são relegadas ao silêncio, mesmo quando desempenham um papel substancial para a subsistência da comunidade. Adicionalmente, há uma omissão quanto aos agentes sociais envolvidos nessas atividades, nomeadamente a componente feminina das comunidades.<sup>321</sup>

Woortmann também refere que a atividade do homem-pescador é abrangente, pois ele representa a totalidade da comunidade, sendo que a identidade masculina constitui um elemento fundamental para a identidade do grupo.<sup>322</sup>

Também de acordo com a análise de Harriet Bradley (1989)<sup>323</sup>, tanto na pesca costeira quanto na pesca em alto mar, há uma diferenciação clara nos papéis desempenhados por homens e mulheres dentro de estruturas familiares e comunitárias. É evidente que a transição para setores mais industrializados da pesca tem impacto na criação de hierarquias de valores que valorizam ou desvalorizam os papéis desempenhados pelas mulheres.<sup>324</sup>

Se considerarmos os princípios em que a construção da identidade se baseia na diferenciação e está historicamente ligada à política<sup>325</sup>, a perceção e aplicação dessa identidade, como nos movimentos de pescadores a nível nacional e internacional, não implica automaticamente a sua atualização pelos

---

<sup>319</sup> Amorim, I. (2006).

<sup>320</sup> Doutora e Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília.

<sup>321</sup> Motta-Maués, M. A. (1999).

<sup>322</sup> Idem.

<sup>323</sup> Bradley, H. (1989). *Men's work, women's work: A sociological history of the sexual division of labour in employment* (1st ed.). Polity.

<sup>324</sup> Amorim, I. (2006).

<sup>325</sup> Motta-Maués, M. A. (1999).

agentes sociais, responsáveis pela produção e reprodução dos saberes locais. No contexto específico das mulheres nestas comunidades, observa-se uma ausência tanto da atualização dessa identidade como da sua incorporação pelos agentes sociais em questão.

De alguma forma, a evolução das funções e papéis das mulheres na pesca transformou o que era anteriormente considerado *trabalho em emprego*, implicando uma transição do modelo de trabalho não remunerado no espaço privado para o trabalho remunerado no espaço público. A valorização desses momentos não é consensual e pode ser entendida de duas maneiras distintas:

1. Durante o período do Estado Novo, houve a introdução de um novo sistema de remuneração para os pescadores de bacalhau, onde as mulheres eram incentivadas a concentrarem-se nos seus papéis domésticos. Pretendia-se que os salários fixos e as percentagens sobre a pesca servissem como um recurso para sustentar a casa e evitar que as mulheres e os filhos precisassem de sair diariamente para complementar a renda da família. Isso refletia a crença de que o ambiente apropriado para as mulheres era o lar, onde poderiam cumprir os seus deveres como esposas, mães e educadoras;
2. Outra perspetiva é destacada num discurso de Oliveira Salazar, onde elogia o papel das mulheres que trabalhavam nos centros de conserva. Salazar argumentava que, devido à situação precária e incerta dos homens do mar, as mulheres deveriam envolver-se em atividades fora do ambiente doméstico, o que poderia aumentar a renda do casal.

Essas duas aceções ilustram diferentes abordagens em relação ao papel das mulheres na pesca, dependendo do contexto histórico e das políticas em vigor.<sup>326</sup>

A divisão de trabalho entre homens e mulheres mostrava uma diferença notável: enquanto os homens se especializavam em determinadas ocupações, as mulheres desempenhavam uma grande variedade de funções, dependendo das oportunidades económicas oferecidas pelo ambiente físico e social ao seu redor. Portanto, pode-se notar que as diversas responsabilidades atribuídas às mulheres não apenas garantiram, como continuam a garantir, a sobrevivência

---

<sup>326</sup> Amorim, I. (2006).

das famílias, particularmente durante momentos de crise, mas também geram uma renda adicional que contribuiu para melhorias da sua qualidade de vida.<sup>327</sup>

No entanto, os pescadores não esquecem os momentos difíceis de extrema pobreza que atravessaram e também destacam as estratégias adotadas para melhorar a qualidade de vida e garantir a sua estabilidade socioeconómica. Damos o exemplo do pescador Armindo Rocha<sup>328</sup> que nos tempos livres faz peças de artesanato muito interessantes com materiais que são reciclados ou encontrados na praia, pois apesar da sua profissão de pescador, durante o inverno tem que ter outro meio de rendimento.

Na Arte-Xávega, o papel económico da mulher apresenta, como já se referiu, variações geográficas interessantes. Ao contrário de regiões do Norte, na Costa da Caparica, as mulheres não participam diretamente nas companhias; mas, durante o verão, os homens percebem as vantagens de comercializar o peixe pelas mulheres ou outros familiares dos companheiros. Isso possibilita que as mulheres, atuando como intermediárias, agreguem valor ao pescado ao levá-lo mais rapidamente aos consumidores, gerando uma renda que contribui de uma maneira expressiva para investimentos familiares.<sup>329</sup>

Diz-se que apenas os homens iam para o mar. No entanto, entre a população mais idosa, na Costa da Caparica, a memória remete para um período em que, devido à abundância de peixe e à escassez populacional, as mulheres desempenharam um papel ativo ao auxiliarem os homens, na remarcação dos barcos ou na alagem das redes na praia. As possíveis causas dessa alteração estão intrinsecamente ligadas às dificuldades enfrentadas nesse período, caracterizado por intensas migrações das comunidades piscatórias do litoral central para o Tejo. Tais migrações foram impulsionadas pela crise precipitada pela especulação capitalista na indústria pesqueira, além das condições de vida precárias, marcadas pela fome, epidemias recorrentes, elevadas taxas de mortalidade infantil e desemprego.<sup>330</sup>

Mas, é de salientar que, à semelhança do que acontece noutras comunidades piscatórias, no caso de estudo, hoje em dia, as mulheres continuam a ajudar em terra e, em especial, na lota. Contudo, as mulheres que

---

<sup>327</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>328</sup> Ver Apêndice 1.2.

<sup>329</sup> Nunes, F. O. (2006).

<sup>330</sup> Idem.

participam na Arte-Xávega na Costa da Caparica já não têm apenas o papel de *mulher doméstica* ou já não trabalham apenas na lota. Como presenciei no trabalho de campo, já existem companhas na Costa da Caparica com mulheres em vários momentos da pesca (condução de tratores, entre outros). Na Companhia Poseidon, até podemos encontrar três mulheres cujas funções são maioritariamente desempenhadas em terra, juntamente com os *camaradas* de terra.

Na Costa da Caparica, apesar de ser um grupo bastante reduzido, é evidente que as mulheres que participam na Arte-Xávega desempenham funções idênticas às dos *camaradas* em terra. As

mulheres estão envolvidas na recolha e arrumação das cordas, na limpeza das mangas das redes durante o processo de alagem, na separação das diferentes espécies de peixes e também no transporte das *dornas*, empilhando-as uma sobre a outra. Ao contrário de outras localidades, apesar de pouco frequente, a *mulher da Costa da Caparica*, também vai ao mar. Embora não tenha tido a oportunidade de o testemunhar, na Companhia Poseidon<sup>331</sup> existem mulheres que vão ao mar quando está mais tranquilo.<sup>332</sup>

Tomemos o exemplo descrito por Simonian<sup>333</sup>, a pesca de camarões na ilha de Trambioca, localizada no município de Barcarena, no estado do Pará, Brasil. Nessa atividade, também as mulheres colaboram com os homens, jovens de ambos os sexos e crianças. Todos esses membros da comunidade desempenham papéis que incluem amarrar as redes de pesca (conhecidas como *matapis*) próximas às suas casas, recolher os camarões capturados, preparar iscas e vender o produto. Além disso, as mulheres também participam na pesca com linha, principalmente para fornecer alimentos para suas famílias.

Nota-se, portanto, um crescente destaque para o papel desempenhado pelas mulheres nas comunidades pesqueiras, em relação às mudanças que têm



**Figura 23** – Elemento feminino da Companhia Poseidon

Fonte: Armindo Rocha *In* Artesanato Caparicano

<sup>331</sup> No dia em que observei um dos lances, nenhuma mulher esteve presente no local.

<sup>332</sup> Investigação de terreno – Companhia Poseidon na Costa da Caparica.

<sup>333</sup> Simonian, L. T. L. (2006).

ocorrido no setor.<sup>334</sup> Contribuem para a subsistência da família e para a manutenção da estabilidade financeira das comunidades que se dedicam a essa atividade.<sup>335</sup>

---

<sup>334</sup> Cano, M. C. S. (2010).  
<sup>335</sup> Idem.

#### **4. Contributos da Arte-Xávega para a afirmação identitária das comunidades piscatórias da Costa da Caparica**

A prática da Arte-Xávega, na região da Costa da Caparica, tem desempenhado um papel central no processo de consolidação e afirmação da identidade cultural das comunidades piscatórias locais. Como já abordado nesta dissertação, esta técnica ancestral, caracterizada pela utilização de redes de arrasto, está profundamente integrada nas raízes culturais e representa um elemento fundamental na existência e na identificação destas comunidades.<sup>336</sup>

A investigação da atividade pesqueira transcende a sua consideração meramente económica, demandando uma análise aprofundada das suas implicações sociais e culturais. No contexto desta análise, emerge a observação de um conjunto limitado de atividades complementares que se desenvolveram em torno da pesca, uma vez que os pescadores não podiam subsistir exclusivamente dessa atividade. Destaca-se, entre essas atividades complementares, a prática da agricultura, a qual era predominantemente conduzida pelo contingente feminino da comunidade.<sup>337</sup>

É possível identificar significativas transformações que afetam as relações sociais, as manifestações culturais locais e as atividades económicas desempenhadas por essas comunidades. No contexto específico da Arte-Xávega, observa-se um processo contínuo de mudanças, que aliás se estende ao longo de toda a sua história. Estas mudanças são particularmente visíveis no sistema de produção e na dinâmica de reprodução social dos pescadores que praticam esta arte de pesca tradicional.<sup>338</sup>

De acordo com a análise de Moreira<sup>339</sup>, as comunidades que dependem da pesca possuem uma forte coesão interna e compartilham um estilo de vida único, baseado na incerteza inerente à atividade, na competição presente no setor e nos laços estreitos que mantêm com as suas áreas de origem. Moreira<sup>340</sup> ressalta a importância da dimensão social e cultural nesse contexto, destacando que os pescadores estabelecem entre si um sistema social peculiar, caracterizado pela interação entre elementos de cultura semelhante e

---

<sup>336</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>337</sup> Marques, M. (2011).

<sup>338</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>339</sup> Moreira, C. (2006).

<sup>340</sup> Idem.

diversidade social, ao mesmo tempo em que convivem com relações de antagonismo e afinidade.

Transmitida ao longo das gerações, a Arte-Xávega detém uma grande relevância para a Costa da Caparica. A interligação entre as práticas tradicionais e a estreita relação com o ambiente marinho configura-se como um elemento central na construção da identidade das suas comunidades piscatórias. Demanda a colaboração estreita no interior comunidades, onde os pescadores trabalham em cooperação no lanço e alagem das redes, fomentando, assim, a coesão comunitária. Esta colaboração mútua reforça a sua a identidade, à medida que partilham objetivos e enfrentam desafios de forma coletiva.<sup>341</sup>

Por outro lado, como fomos observando ao longo do trabalho, este tipo de prática atrai visitantes e turistas interessados em vivenciar e apoiar as tradições locais. Esta afluência de gente de fora não só contribui para o desenvolvimento da economia local, mas também exerce um papel crucial na preservação da identidade das comunidades piscatórias; a necessidade de exibir as práticas piscatórias e suas vertentes culturais com os visitantes fortalece o orgulho e o sentido de pertença das comunidades. Na extremidade sul (Fonte da Telha) da Costa da Caparica, por exemplo, a comunidade é incentivada a recriar a Arte-Xávega *à moda antiga*, normalmente, durante o mês de abril.<sup>342</sup> Em 2023, teve lugar a sétima edição, organizada pelo Grupo Desportivo Os Navegantes da Fonte da Telha, juntamente com a Junta de Freguesia. A praia dos pescadores da Fonte da Telha é o cenário histórico para esse evento, que tem como objetivos principais promover e preservar a cultura e as técnicas da Arte-Xávega. A 29 de julho, o barco *Pio* – uma embarcação tradicional de duas proas que costumava ser impulsionada por remos e utilizada na prática da Arte-Xávega da Fonte da Telha até meados dos anos 1970, adquirida pela Junta de Freguesia em 2014 – participou numa pescaria *à moda antiga* com a companha vestida a rigor.<sup>343</sup>

De acordo com Nunes<sup>344</sup>, a Arte-Xávega transforma-se numa verdadeira experiência visual, torna-se um espetáculo acessível à observação

---

<sup>341</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companha Poseidon.

<sup>342</sup> Ver Apêndice 1.1.

<sup>343</sup> 7ª Edição de um Lanço de Arte-xávega *à moda antiga*. (2023). In Costa da Caparica – Junta de Freguesia. [Consultado a 25 de setembro de 2023].

<sup>344</sup> Nunes, F. O. (2006).

direta, onde a presença das pessoas envolvidas e as tarefas diárias dos pescadores tornam-se uma parte fundamental da paisagem costeira. Isso faz com que esta prática seja, por si só, um grande atrativo turístico. Os visitantes têm a oportunidade de testemunhar todo o processo de trazer o peixe para a costa e retirá-lo das redes, o que lhes garante a autenticidade e a qualidade dos produtos que estão a planear consumir. Como relatado por alguns pescadores da Companhia Poseidon, na Costa da Caparica *nenhum peixe de fora pode competir com o peixe fresco capturado localmente e consumido no mesmo dia*.<sup>345</sup>

Os turistas, especialmente os estrangeiros, ficam fascinados com a Arte-Xávega e com a habilidade dos pescadores. Aproximam-se dos tratores e das redes com entusiasmo, ansiosos para capturar todos os detalhes do evento através das suas câmaras fotográficas.<sup>346</sup>

Mas, esta procura turística nem sempre é positiva; os pescadores alegam que a presença dos banhistas acaba por prejudicar a sua atividade profissional. Aliás, é importante salientar que a vida dos pescadores e o contexto da pesca são muitas vezes retratados de maneira idealizada, criando a ilusão de uma existência serena e descomplicada, em grande parte devido à falta de se dar a conhecer verdadeiramente as dificuldades inerentes.<sup>347</sup>

Moreira<sup>348</sup> realça as profundas transformações que ocorreram nas comunidades de pescadores devido ao impacto do turismo e à crescente influência das áreas urbanas. No entanto, o autor observa que, apesar da diversidade existente nesse espaço, ainda é possível identificar uma coesão cultural peculiar que persiste, embora de maneira frágil e, por vezes, contraditória, resistindo à influência da sociedade que as envolve.

É fundamental ressaltar que os turistas não desempenham um papel direto na pesca artesanal, mas contribuem para o desenvolvimento económico local por meio da satisfação das suas necessidades de alojamento, alimentação e aquisição de recordações do comércio local, entre outras. No futuro, o interesse turístico pela Arte-Xávega poderá tornar-se cada vez mais intenso e, eventualmente, ter um peso económico crescente.

---

<sup>345</sup> Informação recolhida durante a investigação em terreno – Companhia Poseidon.

<sup>346</sup> Idem.

<sup>347</sup> Cano, M. C. S. (2010).

<sup>348</sup> Moreira, C. (2006).

Os turistas procuram cada vez mais experiências que os conectem emocionalmente com as comunidades que visitam e a Arte-Xávega possui potencial para atender a essa procura, proporcionando uma experiência mais autêntica. Mas, como já se alertou, a conversão da Arte-Xávega em atração turística pode acarretar consequências desfavoráveis. É importante ter em conta que o turismo em massa pode ser insustentável. Existe o risco de que essa prática se torne artificial e perca a sua essência genuína, uma vez que a pesca é efetivamente uma fonte de trabalho e de subsistência da comunidade e não uma mera apresentação teatral para terceiros. Portanto, qualquer iniciativa de promoção turística da Arte-Xávega deve ser cuidadosamente planeada, a fim de conciliar a preservação da autenticidade dessa tradição com os benefícios económicos para a comunidade local.<sup>349</sup>

Portanto, para além do papel identitário que desempenha, é fundamental considerar a importância da Arte-Xávega na Costa da Caparica também pelo número de trabalhadores que ainda dela dependem, ficando estes desprovidos de qualquer meio de subsistência caso a prática seja interrompida. Embora não seja particularmente recompensadora do ponto de vista financeiro, a Arte-Xávega continua a ser a principal fonte de sustento e bem-estar para várias famílias.

A Xávega contribui positivamente para a imagem do concelho, é crucial a sua valorização identitária, económica e cultural por parte das entidades autárquicas e da população residente. Torna-se essencial assegurar a sua preservação e continuidade pelas novas gerações.<sup>350</sup> Para além da previamente abordada Inscrição da Arte-Xávega no Inventário Nacional do Património Cultural, torna-se imperativa a criação de um museu para solidificar todo o processo de valorização que tem sido objeto de discussão até agora.

Como refere Armindo Rocha, pescador da Costa da Caparica, com algum descontentamento: *Pois... Projetos há muitos... O problema é que nunca passam de projetos. Por acaso sabemos da existência desse projeto, pois já recebemos algumas visitas por parte da Câmara Municipal de Almada aos barracões onde guardamos os materiais da pesca. Mas acho que não vai acontecer. Mas não deixa de ser uma ideia incrivelmente interessante, nós já temos uma coisa*

---

<sup>349</sup> Santos, B. (2015).

<sup>350</sup> Idem.

*parecida, que é o Museu Virtual da Costa da Caparica, no Facebook, onde partilhamos histórias, comeres e falares. Mas mais depressa se fez para o surf, falou-se e fez-se logo. Mas não acredito mesmo que vá para a frente, infelizmente...*<sup>351</sup>

Apesar de serem instalações relativamente novas, o espaço concebido para instalar o museu encontra-se bastante deteriorado, apresentando diversos problemas de funcionamento. Com o intuito de encontrar uma solução abrangente para esta questão, foi realizada, a 5 de novembro de 2019, uma reunião nas instalações dos apoios de pesca, com a participação da presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, técnicos municipais, investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e representantes dos pescadores locais, incluindo a Ala-Ala – Associação de Pesca Artesanal e a Associação de Pesca e Arte-Xávega da Costa de Caparica.<sup>352</sup>

No dia 12 de outubro de 2023, foi oficialmente divulgado no portal [www.base.gov.pt](http://www.base.gov.pt) (o site que concentra informações sobre contratos públicos em Portugal) o contrato celebrado para adquirir serviços destinados à elaboração do projeto de execução designado por *Museu Vivo de Arte-Xávega – Costa de Caparica*. Este projeto visa a requalificação dos apoios à pesca e a criação de um museu dedicado à Arte-Xávega, juntamente com obras de remodelação na área circundante. Desta forma, concretiza-se a ideia de um *Museu Vivo*, um espaço partilhado onde a história da Arte-Xávega é preservada, tanto através de documentação como da experiência direta, por aqueles que a valorizam através da sua prática. O projeto de execução, que foi atribuído por um montante de 46.750,00 €, será realizado pela empresa Pedro Santos Arquitetura.<sup>353</sup> Após a apresentação do Projeto de Execução, cabe à Câmara Municipal de Almada abrir um concurso público para a realização das obras.

Antes de mais, é importante clarificar o conceito de *museu vivo*. Tido como um *museu de história viva*, recria cenários com o intuito de simular um determinado período do passado. Desta forma, proporciona aos visitantes uma experiência imersiva, procurando recriar com fidelidade as condições de uma

---

<sup>351</sup> Ver Apêndice 1.2.

<sup>352</sup> Santos, B. (2015).

<sup>353</sup> Xavier, J. (2023). *Adjudicado o Projeto de Execução de “MUSEU VIVO DE ARTE-XÁVEGA – COSTA DE CAPARICA”*. In Notícias da Gandaia. [Consultado a 29 de fevereiro de 2024].

cultura, ambiente ou época histórica.<sup>354</sup> O *museu vivo* não apenas exhibe, mas também incorpora as tradições ainda preservadas, com a participação ativa da comunidade ilustrando, neste caso, o impacto da Arte-Xávega na estrutura social, na economia local, na organização espacial e na paisagem da Costa da Caparica. Adicionalmente, abarca um amplo conjunto de património móvel associado à prática, juntamente com a exposição sobre todo um calendário de eventos festivos e a expressão da religiosidade popular, entre outros aspetos relevantes.

O conceito de *museu vivo* tem sentido no quadro da renovação da definição do que se entende por Museu. Como referimos no início deste trabalho, o alargamento do conceito de Património teve repercussões significativas no campo da museologia, influenciando o que passou a ser valorizado para inclusão nos museus e preservação para as futuras gerações. Este desenvolvimento está intimamente ligado aos princípios da Nova Museologia, que emergiu como uma resposta crítica às abordagens convencionais da prática museológica.<sup>355</sup> A Nova Museologia defende uma visão mais abrangente e participativa, reconhecendo a importância de representar não apenas objetos e artefactos de valor histórico e artístico, mas também as expressões culturais e as narrativas das comunidades. A Carta de Santiago<sup>356</sup>, adotada em 1972, desempenhou um papel fundamental neste processo, reafirmando o compromisso dos museus com a sociedade e destacando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e sensível à diversidade cultural. Deste modo, sob a influência da Nova Museologia e dos princípios delineados na Carta de Santiago, os museus passaram a incluir uma variedade mais ampla de manifestações culturais e patrimoniais, valorizando não apenas os artefactos tangíveis, mas também as práticas, tradições e memórias das comunidades. Esta abordagem mais holística e participativa reflete um compromisso renovado com a preservação e interpretação do património cultural, adaptado às exigências e interesses de uma sociedade em constante mutação e globalização.

---

<sup>354</sup> Saraiva, C. (2009). *Pesquisa e Recolha Etnográfica: o caso da Aldeia da Luz*. In *Museus e Património Imaterial – agentes, fronteiras e identidades*, 167-177.

<sup>355</sup> Gonçalves, Al. (2020). *Museus e Turismo, que futuro? Uma abordagem pela oferta*. In *Museologia e Património*. Volume 4. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria.

<sup>356</sup> *Declaração Santiago 1972*. In Universidade Lusófona. [Consultado a 01 de março de 2024].

A integração dos relatos e contribuições dos pescadores envolvidos na prática da Arte-Xávega na Costa da Caparica e Fonte da Telha, juntamente com a participação de outros intervenientes e a observação direta das atividades pesqueiras, permitiu identificar os pilares fundamentais do projeto de musealização. A proposta central, criada pela Câmara Municipal de Almada, engloba a criação de um museu dinâmico sobre a Arte-Xávega na região, mas com o intuito de futuramente incluir outras práticas locais; apesar da Arte-Xávega ser o foco central do projeto museológico dada a sua antiguidade e marcante relevância cultural e económica, devemos reconhecer que os pescadores recorrem também a outras técnicas de pesca durante a contra-safra, especialmente no inverno. De facto, há que clarificar que, apesar de mobilizar um contingente humano considerável e gerar um volume significativo de pescado, a Arte-Xávega não é a técnica de pesca profissional predominante na Costa da Caparica. Nesse sentido, o projeto museológico deve garantir a sobrevivência e o efetivo desenvolvimento dessa atividade.<sup>357</sup>

A musealização tem como objetivos nucleares:

1. Promoção e Valorização Cultural: fomentar, divulgar e elevar a importância da pesca com Arte-Xávega na área da Costa da Caparica, reconhecendo-a como Património Cultural e Imaterial, bem como uma atividade económica;
2. Preservação Histórica: preservar memórias, práticas e conhecimentos ligados à pesca com Arte-Xávega, documentando a sua história marcada por processos de sobrevivência e adaptação ao longo do tempo;
3. Difusão da História Comunitária: disseminar a história da comunidade piscatória, destacando o seu papel fundacional e as contribuições significativas para a identidade cultural da Costa da Caparica e Fonte da Telha;
4. Apoio ao Desenvolvimento Sustentável: compromete-se a apoiar e promover iniciativas que impulsionem o desenvolvimento contínuo da pesca com Arte-Xávega, com o intuito de superar os obstáculos já identificados que afetam negativamente a sua prática.<sup>358</sup>

---

<sup>357</sup> Marques, M. (2019).

<sup>358</sup> Idem.

A seguir, indicam-se os principais temas deste projeto:

1. Análise da operação e componentes culturais: análise aprofundada da atividade pesqueira, abrangendo não só a observação direta da pesca, mas também práticas associadas, como a manutenção e reparação de redes. Serão também explorados objetos e instrumentos correlatos, como miniaturas representativas das artes de pesca, agulhas para a confeção e reparação de redes, bitolas para a medição das malhas e anotações utilizadas na construção das redes.
2. Um percurso marcado por adaptações contínuas ao longo do tempo: este eixo propõe uma análise das mudanças nas embarcações usadas pelas companhias de Arte-Xávega, assim como noutras práticas pesqueiras ao longo do tempo. Inclui a transição do uso da força humana para o transporte de barcos e alagem de redes para a introdução de meios mecânicos, como tratores. Serão exploradas as transformações nas embarcações, desde quando eram movidas a remos até serem motorizadas, bem como as dimensões e composição das companhias. Neste âmbito, destacam-se várias iniciativas voltadas para a preservação e celebração da rica tradição da pesca com Arte-Xávega na Costa da Caparica e Fonte da Telha. Entre estas iniciativas, incluem-se a exposição de réplicas em miniatura das principais embarcações utilizadas ao longo do tempo, bem como a colaboração com artesãos locais. É importante frisar que, no que diz respeito às antigas embarcações, apenas resta o venerável *meia-lua* da Costa da Caparica, alojado no Museu da Marinha em Lisboa, e possivelmente outro exemplar, o enigmático *Galinho d'Água*, que se presume ter sido preservado no Museu Marítimo de Exeter, na Inglaterra. Na área original de atividade, destaca-se o *Pio*, uma embarcação de duas proas, cuja aquisição foi realizada pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica. Este emblemático barco mantém-se como testemunho vivo da tradição, sendo cuidadosamente mantido na praia da Fonte da Telha para a recriação anual da pesca à moda antiga, um evento aguardado

com grande expectativa tanto pela comunidade local quanto pelos visitantes.

3. Singularidades: este segmento foca-se na dualidade da prática da pesca com Arte-Xávega, abordando-a como uma atividade laboral e, simultaneamente, como um espetáculo para os observadores. Inclui a interação entre banhistas e pescadores, a sinalização das praias destinadas à pesca com Arte-Xávega, a divulgação de informações sobre a história dessa prática e a oportunidade de adquirir peixe diretamente das companhas;
4. Memória: este eixo pretende explorar a memória coletiva através de uma rota museográfica, destacando locais historicamente relevantes. Prevê a utilização de recursos didáticos como painéis informativos e guias, cujos conteúdos serão realizados com as recolhas entre os pescadores mais idosos, buscando contar as histórias e destacar os protagonistas que moldaram a comunidade e contribuíram para a sua identidade cultural;
5. Futuro: neste segmento, são exploradas as estratégias para o futuro da pesca com Arte-Xávega, as adaptações às mudanças, iniciativas de divulgação e estratégias comerciais. São analisadas ações em curso, como as promovidas pelo Observatório de Literacia Oceânica, e propõe-se a implementação de atividades educativas para a construção de Artes, a formação de mestres de redes, além da criação de uma cooperativa de consumo para lidar com o pescado rejeitado.<sup>359</sup>

Para justificar a importância e a urgência de criar um projeto museológico destinado ao estudo, preservação, divulgação e salvaguarda da Arte-Xávega, bem como ao desenvolvimento local na Costa da Caparica, é necessário aprofundar a reflexão sobre o tipo de museu que seria mais adequado para essa finalidade.

Neste contexto, é fundamental avaliar se o museu proposto se configuraria como um *museu de território*, um *museu de comunidade* ou um *ecomuseu*. Um *museu de território* concentra-se na interconexão entre o

---

<sup>359</sup> Marques, M. (2019).

património cultural e natural de uma determinada região, visando promover a compreensão da sua história e identidade locais. Por sua vez, um museu de comunidade baseia-se na participação ativa dos membros da comunidade na conceção, gestão e operação do museu, refletindo as suas preocupações, valores e perspetivas. Por fim, um *ecomuseu* enfatiza a relação entre o património cultural e o ambiente circundante, promovendo a sustentabilidade e a valorização dos recursos locais.<sup>360</sup> Ao relacionar o modelo de museu proposto com as noções de Museu e Identidade Local e Museu e Sustentabilidade, evidencia-se a necessidade de conceber um espaço museológico que sirva como um ponto de convergência entre a comunidade local e o seu património cultural. Este deve promover a consciencialização sobre a história, os valores e as práticas tradicionais associadas à Arte-Xávega, enquanto fomenta a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento socioeconómico da região.<sup>361</sup>

Desta forma, o modelo de museu mais adequado para a Costa da Caparica deve integrar os elementos essenciais da identidade local, enquanto promove a sustentabilidade ambiental e o progresso económico e social da comunidade. Esta abordagem assegura não só a preservação da Arte-Xávega, mas também contribui para o bem-estar e o florescimento a longo prazo na região. Na minha opinião, este museu pode enquadrar-se sobretudo na categoria de *ecomuseu*.

A implementação do citado *museu vivo* pela Câmara Municipal de Almada pode ser compreendida como uma estratégia perspicaz, com o potencial de influenciar positivamente diversos domínios, se for entendido nesta lógica que, de alguma forma valoriza o território, a comunidade, ser um *ecomuseu*.

Além de propiciar um impulso na rentabilidade da Arte-Xávega, essa iniciativa pode elevar os padrões educacionais e promover uma maior integração da comunidade local. Um paradigma ilustrativo pode ser observado nos Açores, onde a sinergia entre práticas tradicionais, como a caça à baleia e o *Whale Watching*, resultou em vantagens significativas para toda a comunidade e para a economia regional. A caça às baleias nos Açores foi historicamente associada a impactos negativos significativos, destacando-se a morte de animais como

---

<sup>360</sup> *Ecomuseu: Corvo. Projeto de Intervenção Museológica: Visão Estratégica | Proposta de Plano de Ação*. Região Autónoma dos Açores. Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura. Direção Regional da Cultura.

<sup>361</sup> Reis, G. (2021). *Os Museus de Território enquanto Estratégia de Mobilização do Património Ambiente e Cultural*. [Master's dissertation]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

uma das principais preocupações. Essa prática não apenas resultou na diminuição das populações de baleias, afetando a biodiversidade marinha, mas também gerou controvérsias éticas e ambientais. Em vez de caçar as baleias, o Whale Watching promove a observação responsável desses animais no seu habitat natural, sem prejudicá-los. Por outro lado, o Whale Watching representa uma abordagem alternativa e sustentável para o aproveitamento do mesmo recurso natural. Essa atividade, quando gerida adequadamente, pode gerar benefícios económicos substanciais, contribuindo para a economia local através do turismo sustentável. A chave para essa transição reside na mudança de perspetiva e na adoção de práticas mais conscientes em relação à interação com a vida selvagem. Enquanto, outrora, a caça à baleia se baseava na exploração indiscriminada e na extração de recursos naturais, o *Whale Watching* enfatiza a conservação e o respeito pelo meio ambiente, oferecendo uma abordagem economicamente viável e ecologicamente responsável para a utilização desses recursos marinhos.<sup>362</sup>

O projeto do *Museu Vivo* na Costa da Caparica propõe a implementação de um percurso expositivo que englobe não só a prática da pesca com Arte-Xávega, mas almeja-se também conferir significado e relevância aos locais paradigmáticos da Costa da Caparica e Fonte da Telha associados à prática da pesca com Arte-Xávega, deste modo abordando-se as suas múltiplas dimensões, como as vertentes histórica, sociocultural e económica. Destaca-se a necessidade de criar instalações adequadas na Fonte da Telha para os aprestos de pesca, com o intuito de estabelecer um *centro de interpretação*, ampliando assim a experiência museológica proposta.<sup>363</sup>

Ao proporcionar uma experiência enriquecedora aos visitantes, fomentando a exploração individual de cada local, este projeto museológico simultaneamente contribui para a construção de uma narrativa abrangente acerca da história da pesca com Arte-Xávega no concelho.

Assim, visa-se igualmente transcender a perceção convencional da Costa da Caparica e da Fonte da Telha exclusivamente como destinos do turismo balnear.<sup>364</sup>

---

<sup>362</sup> Oliveira, C. (2005). *A actividade de observação de cetáceos no arquipélago dos Açores. Contribuição para o seu desenvolvimento sustentável*. [Master's dissertation]. Universidade dos Açores.

<sup>363</sup> Marques, M. (2019).

<sup>364</sup> Idem.

O acompanhamento das condições atuais da prática da Arte-Xávega e o evento anual de recriação *à moda antiga* realizado no verão são, também, parte integrante deste itinerário museológico.<sup>365</sup>

Em suma, a relação entre o projeto de musealização da Arte-Xávega na Costa da Caparica e a valorização e salvaguarda do Património Cultural Imaterial reveste-se de uma importância crucial para assegurar uma abordagem abrangente e autêntica. A musealização do Património Cultural Imaterial vai além da mera recriação com intuítos turísticos, exigindo uma análise aprofundada sobre como preservar e interpretar as práticas culturais tradicionais das comunidades envolvidas. Neste contexto, é imprescindível adotar estratégias que incorporem a participação ativa das comunidades locais, respeitando os seus conhecimentos, valores e tradições. Os museus desempenham um papel essencial ao servirem como espaços de diálogo e intercâmbio, nos quais as comunidades podem partilhar as suas vivências e perspetivas, contribuindo para uma compreensão mais rica e inclusiva do Património Cultural Imaterial.

Para além disso, os museus podem recorrer a diversas técnicas e recursos para apresentar o Património Cultural Imaterial de forma autêntica e significativa. Estas podem incluir exposições interativas, programas educativos, produções audiovisuais, *workshops* e outras atividades que envolvam os visitantes e promovam uma apreciação mais profunda das tradições e conhecimentos locais.

Em última instância, a musealização do Património Cultural Imaterial na Costa da Caparica deve ser concebida como um processo contínuo e dinâmico, que envolve a colaboração ativa das comunidades locais e a aplicação de abordagens inovadoras e sensíveis à diversidade cultural. Desta forma, será possível alcançar uma valorização genuína e sustentável do Património Cultural Imaterial, que transcenda os propósitos turísticos e contribua efetivamente para a sua preservação e transmissão às gerações futuras.

Uma das minhas sugestões, com o plano da construção do *Museu Vivo* na Costa da Caparica, passa por proporcionar atividades relacionadas com a Arte-Xávega tanto para crianças como para adultos, promovendo ações

---

<sup>365</sup> Marques, M. (2019).

educativas regulares, sempre que possível com o envolvimento dos próprios pescadores. Esta programação educativa deve contar com a colaboração dos próprios pescadores, envolvendo-os em conversas informais com grupos de jovens e adultos, com o intuito de valorizar a comunidade e os seus saberes, de fomentar o interesse pela prática, estimular a apreciação por esta forma de arte e incrementar a atratividade do museu para o público em geral.

O *inventário participativo* representa uma abordagem colaborativa na qual as comunidades locais desempenham um papel central na identificação, documentação e valorização do seu próprio património cultural.<sup>366</sup> Neste contexto específico, as Comunidades Piscatórias poderão estar diretamente envolvidas na identificação e catalogação de artefactos, práticas tradicionais, narrativas históricas e conhecimentos relacionados com a Arte-Xávega e outras tradições piscatórias. Esta participação ativa das comunidades no processo de elaboração do inventário não só contribui para a preservação do Património Cultural Imaterial, como também fortalece o sentimento de identidade e coesão social dentro das próprias comunidades. Ao serem diretamente envolvidos na documentação e valorização do seu património, os membros das Comunidades Piscatórias assumem um papel proeminente na salvaguarda e transmissão das suas tradições para as gerações futuras. Portanto, o *inventário participativo* surge como uma ferramenta fundamental para promover uma maior inclusão e empoderamento das comunidades locais no contexto museológico.<sup>367</sup>

Além do *inventário participativo*, outras vertentes imprescindíveis do museu abrangem a Educação e Mediação Cultural, bem como a Investigação.

No que concerne à Educação e Mediação Cultural, é essencial desenvolver uma programação educativa abrangente que contemple públicos de todas as idades e características, oferecendo atividades adaptadas a diferentes faixas etárias e interesses. Isso inclui desde visitas guiadas e *workshops* até palestras, atividades interativas e programas direcionados a escolas e outras instituições de educação não formal e apoio social. Além disso, a organização de eventos e recriações, como festivais culturais, demonstrações de pesca, representações teatrais e exposições temporárias, pode enriquecer a

---

<sup>366</sup> Florêncio, S.; Bezerra, J.; Clert, P.; Cavalcante, I.; Silva, J.; Long, L.; ... & Dutra, M. (2016). Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação. Brasília: Iphan.

<sup>367</sup> Idem.

experiência dos visitantes e promover uma maior interação com o património cultural.<sup>368</sup>

No âmbito da Investigação, considero que a criação de um centro de estudos dedicado à Arte-Xávega e às comunidades marítimas poderá ser uma grande valia. Tal centro poderia impulsionar estudos académicos, investigações científicas e projetos de preservação relacionados à pesca, à história marítima, à cultura local e a outras áreas pertinentes. Além disso, a instituição de Prémios de Investigação sobre a cultura associada à Arte-Xávega na Costa da Caparica poderia estimular e reconhecer estudos de excelência neste domínio.

Estabelecer protocolos de cooperação com universidades e instituições de pesquisa para projetos de investigação também se revelaria uma estratégia eficaz para fomentar estudos interdisciplinares e aprofundar o conhecimento sobre a Arte-Xávega e as comunidades marítimas. Essas parcerias podem proporcionar acesso a recursos adicionais, conhecimentos especializados e oportunidades de investigação colaborativa, beneficiando tanto o museu quanto a comunidade académica.

A abordagem da Conservação e Salvaguarda do património, tanto material quanto imaterial, revela-se crucial e merece uma análise aprofundada. Uma medida fulcral é o restauro das embarcações e dos apetrechos utilizados na Arte-Xávega, com o objetivo de preservar esses elementos históricos para as futuras gerações e do seu saber-fazer (em célere desaparecimento). Este processo de restauro exigiria a aplicação de técnicas especializadas, tanto tradicionais como modernas, garantindo a autenticidade e a integridade das embarcações e equipamentos. Além disso, seria benéfico realizar um registo fílmico e fotográfico detalhado dos processos de restauro. Esta documentação serviria não só como um importante arquivo histórico, mas também como uma ferramenta educativa e de divulgação, permitindo que o público compreendesse e apreciasse o trabalho realizado na preservação do património marítimo.

A promoção da formação na conservação das redes e na técnica da Arte-Xávega é imperativa para assegurar a continuidade dessas práticas entre as novas gerações. A oferta de cursos e *workshops* especializados, ministrados por especialistas e membros das comunidades piscatórias, possibilitaria que os

---

<sup>368</sup> Sá, P. (2019). *A relação entre Mediação Cultural e Educação: um olhar a partir de uma experiência de estágio no Serviço Educativo do FACE*. [Master's dissertation].

interessados adquirissem as competências necessárias para a preservação destas tradições centenárias, embora saibamos que sejam atividades cada vez menos apelativas para os jovens.

Por fim, é essencial promover a formação dos atuais e futuros profissionais envolvidos na preservação do património marítimo. Isso poderia ser alcançado através da implementação de programas de estágio, parcerias com instituições de ensino e o desenvolvimento de atividades de capacitação contínua para os profissionais já inseridos no campo da conservação e salvaguarda do património cultural marítimo.

Em síntese, o investimento na conservação, restauro e formação relacionados com a Arte-Xávega não só garante a preservação deste património singular, mas também contribui para a transmissão das tradições marítimas e para o desenvolvimento de uma base sólida de profissionais qualificados neste setor de estudo e intervenção.

Ao comparar a proposta de musealização da Arte-Xávega na Costa da Caparica com outros museus, como o Ecomuseu do Seixal ou o recente Museu do Mar de Sesimbra, é possível encontrar semelhanças e diferenças que caracterizam as suas abordagens museológicas e objetivos específicos.

O Ecomuseu do Seixal e a proposta de musealização da Arte-Xávega na Costa da Caparica compartilham uma ênfase na valorização do património cultural local e na participação ativa das comunidades na preservação desse património. Ambos os projetos adotam uma abordagem participativa, englobando as comunidades locais na definição das políticas museológicas e na conservação do património cultural imaterial.<sup>369</sup>

Por sua vez, o Museu do Mar de Sesimbra, tal como a proposta para a Arte-Xávega na Costa da Caparica, centra-se na história marítima e na atividade piscatória da região. Ambos os museus têm como principal objetivo preservar e divulgar o património marítimo, abarcando embarcações, equipamentos de pesca, trajes tradicionais e técnicas de pesca.<sup>370</sup>

Em suma, embora haja pontos de convergência na preservação do património marítimo e no envolvimento das comunidades locais, cada museu

---

<sup>369</sup> *Ecomuseu Municipl do Seixal. In Seixal Câmara Municipal. [Consultado a 12 de fevereiro de 2024].*

<sup>370</sup> Informação recolhida durante visita ao Museu Marítimo de Sesimbra.

apresenta características distintas que refletem as singularidades históricas, culturais e geográficas das comunidades que representam.

Destacamos novamente que a musealização da Arte-Xávega na Costa da Caparica é relevante e tem sentido na tendência de alargamento da expansão do conceito de Património Cultural. Desde uma conceção inicial restrita, baseada primordialmente no edificado monumental e nos valores associados à antiguidade histórica, até uma compreensão contemporânea substancialmente mais abrangente e heterogénea, o panorama museológico atual possibilita a inclusão das práticas artesanais relacionadas com a pesca. Estas não são apenas enquadradas no contexto etnográfico, mas também reconhecidas como elementos culturais e patrimoniais de relevo.

## Conclusão

Ao longo desta dissertação, analisámos a interligação entre a pesca artesanal e o seu valor cultural, com especial enfoque na Arte-Xávega como uma manifestação singular dentro deste domínio.

Assim, evidenciámos que a Arte-Xávega transcende a sua mera função económica, emergindo como um elemento essencial da identidade cultural das comunidades costeiras. Esta modalidade específica de pesca artesanal tem sido objeto de investigação e análise, realçando-se o seu carácter patrimonial e a sua importância enquanto componente do Património Cultural Imaterial.

Ao aprofundar a nossa análise na Costa da Caparica, geografia equacionada como estudo de caso, pudemos compreender de forma mais pormenorizada o papel assumido por esta prática na região, examinando a sua história, técnicas, contexto socioeconómico e impacto no turismo local. Mas, para além do nível local, sublinhámos igualmente a sua relevância no contexto mais alargado do panorama do património cultural português.

A Arte-Xávega na Costa da Caparica demonstra ser uma prática cultural e tradicional profundamente enraizada na região que continua a ser preservada e predominantemente executada pela comunidade local e que tem despertado um crescente interesse turístico e atraído veraneantes e banhistas. Mas, neste contexto, constatámos que a promoção do seu potencial turístico é uma oportunidade ainda pouco explorada pelas entidades e agentes locais. Assistir à faina oferece um panorama de grande impacto visual, muito apelativo para o turista, associado à sobrevivência de um carácter artesanal e genuíno da prática. Assistir ou mesmo participar num lanço de Arte-Xávega pode ser uma atrativa experiência turística, de onde resultem mais resultados económicos para a comunidade, sem desvirtuar a essência patrimonial desta manifestação.

Apesar dos desafios impostos pelo crescimento do turismo e pelas mudanças nas regulamentações à sua prática, a Arte-Xávega continua a ser uma parte intrínseca da identidade cultural da Costa da Caparica. Este património imaterial é transmitido de geração em geração, preservando uma forma única de pesca que está profundamente enraizada na comunidade local.

No entanto, é imperativo reconhecer que a coexistência da pesca artesanal e do turismo, como evidenciado no caso da Arte-Xávega, defronta-se

com desafios significativos. A ausência de um equilíbrio adequado entre esses dois eixos pode ter consequências danosas para a salvaguarda desta prática tradicional, já que frequentemente os ritmos do turismo obrigam à expulsão periódica dos pescadores de áreas que se transformaram sobretudo em zonas de lazer para os turistas. Este conflito de interesses entre a preservação da tradição e a atração turística requer uma gestão meticulosa e um planeamento sustentável, que valorize a autenticidade da Arte-Xávega, enquanto capitaliza ao mesmo tempo o seu potencial como atração turística. O desafio futuro residirá na identificação de soluções que permitam uma coexistência harmoniosa desses dois aspetos, respeitando simultaneamente os interesses dos pescadores locais e as apetências e necessidades dos visitantes, com o intuito de garantir a preservação deste património cultural imaterial e, em simultâneo, incrementar o seu contributo para o desenvolvimento local através do seu potencial turístico.

A criação, por parte da Câmara Municipal de Almada, de um *museu vivo* é uma estratégia de salvaguarda patrimonial, que pode contribuir não apenas para a salvaguarda da Arte-Xávega, como também envolver a comunidade local – sendo um aspeto muito importante, pois sem a participação da comunidade local não pode ser considerado um *museu vivo* –, assim como incrementar a rentabilidade económica, à semelhança do êxito de alguns projetos náuticos e de *economia azul* alcançados nos Açores, onde atividades tradicionais, como a caça à baleia, foram reintegradas pelo *Whale Watching*, beneficiando toda a comunidade e a economia regional. Em síntese, o *museu vivo* proposto para a Costa da Caparica emerge como uma poderosa ferramenta de preservação e representação histórica, devendo oferecer aos visitantes uma imersão autêntica no passado. Além disso, ao incorporar as tradições da Arte-Xávega, revela-se como um reflexo do seu impacto abrangente na sociedade e na paisagem. Integrando também a recolha, inventário (participativo) e exposição de uma vasta coleção de património móvel e a documentação dos eventos festivos associados, este *museu vivo* pode ser um ponto focal de conexão e dinamização entre a história e a identidade cultural da região.

Sob esta ótica, para demonstrar a importância e a necessidade de preservação da Arte-Xávega, é relevante mencionar que o projeto *Arte-Xávega – Praia de Tocha: Conteúdos, Promoção, Divulgação e Comunicação*, financiado

pelo PO MAR 2020 com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento local na região do Mondego, recebeu um prémio europeu. Este resulta do reconhecimento do seu papel na preservação da técnica de pesca artesanal Arte-Xávega, inscrito por líderes locais nos Prémios Europeus do Património Cultural/Prémios Europa Nostra 2023, na categoria de *Investigação*. O projeto envolveu não só a Câmara Municipal de Cantanhede, mas também o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, a Associação de Desenvolvimento Local da Bairrada e Mondego, escolas, associações e a Comunidade Piscatória da Praia da Tocha. Destacou-se como um dos quatro projetos portugueses premiados.<sup>371</sup>

O contraste entre o reconhecimento da Arte-Xávega a nível europeu e a necessidade de regras para controlar a sua prática mostra como é difícil equilibrar a preservação das tradições locais com as exigências das leis europeias. Por um lado, a Arte-Xávega recebe um prémio europeu e, por outro, as comunidades piscatórias têm que seguir regras que limitam como esta pesca pode ser praticada, como indicado na Portaria 411/2023<sup>372</sup>. Isso patenteia os desafios que estas comunidades enfrentam para conciliar a sua cultura com as normas europeias (dimensões máximas da arte, dimensões mínimas da malhagem, entre outras).<sup>373</sup>

A Portaria em questão, ao estabelecer uma Comissão de Acompanhamento da Arte-Xávega (referida anteriormente no capítulo 2.2), serve como um exemplo de como é difícil conciliar as regras europeias com as tradições locais. Assim, a supervisão da União Europeia pode ser vista como uma ferramenta para assegurar que a Arte-Xávega seja praticada de forma sustentável no futuro. No entanto, essas regras também suscitam preocupações sobre como podem afetar a autenticidade e a integridade da tradição, destacando a necessidade de abordagens flexíveis e contextualizadas para lidar com as especificidades de cada comunidade piscatória.

A continuidade da Arte-Xávega na Costa da Caparica e a sua inscrição no Inventário do Património Cultural Imaterial representa um exemplo notável de como as práticas culturais artesanais podem ser mantidas e até mesmo

---

<sup>371</sup> *Arte-Xávega vence Prémio Europeu*. In Mar 2020 – Programa Operacional Mar 2020. [Consultado a 11 de abril de 2024].

<sup>372</sup> *A presente portaria estabelece o regime de exercício da pesca por arte envolvente-arrastante, definida na alínea e) do n.º 1 do artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 73/2020, de 23 de setembro, incluindo um sistema participado de gestão e acompanhamento da pescaria com arte xávega*.

<sup>373</sup> *Agricultura e Alimentação*. In Diário da República. [Consultado a 13 de abril de 2024].

revitalizadas, não obstante as céleres mudanças sociais e económicas. Neste sentido, a salvaguarda dessas tradições populares são essenciais para as referências identitárias das comunidades inseridas em contextos urbanos ou ameaçadas pela descaracterização imposta pelo crescimento populacional, industrialização e diversificação do sector profissional. Contribuindo para o desenvolvimento local, se for conseguida a mencionada aliança com uma promoção turística sustentável, é essencial que se continue a investir na sua preservação e valorização, podendo os museus ter um papel fundamental neste propósito, garantindo que as futuras gerações possam apreciar e aprender com essa herança cultural.

Após a realização do trabalho de campo e observação *in loco*, subsistiu dúvidas sobre as oportunidades da sobrevivência da Arte-Xávega na Costa da Caparica. Identificando-se os principais desafios:

1. Uma evidente diminuição de peixes na área de operação das redes de xávega, com a ocorrência frequente de indivíduos de tamanho inferior ao desejado;
2. Uma contínua redução do número de pescadores, refletindo uma tendência geral em todo o país e em todas as modalidades de pesca;
3. Paralelamente, a ocupação contínua do espaço costeiro persiste em situações de risco e muitas vezes envolve a destruição de áreas de mata e dunas.

Concluindo, a minha análise sobre esta prática acaba por refletir a minha perspetiva pessoal, influenciada pelas minhas características de observador, mas é alicerçada no trabalho de campo complementado pela pesquisa bibliográfica e comparativa com outras realidades. Da minha observação numa das praias da Costa da Caparica, destaco o impacto significativo das relações entre pescadores, marcadas pela sinceridade, cordialidade e confiança nesta prática de pesca artesanal.

## Bibliografia

- A Arte Xávega é agora Património Cultural Imaterial de Portugal.* (2017). In Mundo Português. [Consultado a 06 de março de 2023]. <https://www.mundoportugues.pt/2017/02/21/64731/>
- Agricultura e Alimentação.* In Diário da República. [Consultado a 13 de abril de 2024]. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2023/12/23400/0012100126.pdf>
- Alberto, G. (s. d.). *Arte xávega.* In Freguesia de Tocha. [Consultado a 22 de agosto de 2023]. [https://freguesiadetocha.pt/ver\\_conteudo6](https://freguesiadetocha.pt/ver_conteudo6)
- Amorim, I. (2001). *História do Trabalho e das Ocupações.* Celta Editora. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218704940C4vDZ3hq2Tj63AL1.pdf>
- Amorim, I. (2008). *Homens da Terra ou Homens do Mar - um percurso historiográfico. Culturas Marítimas em Portugal.* Lisboa: Âncora Editora, 27-70.
- Amorim, I. (2006). *Mulheres no sector das pescas na viragem do século XIX: formas de participação na organização do trabalho.* ARQUIPÉLAGO-Revista da Universidade dos Açores, 661-683. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56563/2/inesamorimmulheres2000131738.pdf>
- Antunes, M. (2007). *Caracterização da pesca com Arte de Xávega na zona costeira adjacente ao estuário do Tejo* [Master's dissertation]. Universidade de Lisboa. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1191/1/17351\\_Caracterizacao\\_d\\_a\\_pesca\\_com\\_arte\\_de\\_xavega\\_Mariana\\_Antunes.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1191/1/17351_Caracterizacao_d_a_pesca_com_arte_de_xavega_Mariana_Antunes.pdf)
- Artes de Pesca.* In DGRM. [Consultado a 07 de setembro de 2023]. <https://www.dgrm.pt/artes-de-pesca>
- Arte Xávega da Costa da Caparica entra no Inventário Nacional do Património Imaterial.* (2017). In Observador. [Consultado a 06 de março de 2023]. <https://observador.pt/2017/02/16/arte-xavega-da-costa-de-caparica-entra-no-inventario-nacional-do-patrimonio-cultural/>
- Arte Xávega.* In Cantanhede Município. [Consultado a 22 de agosto e 2023]. <https://www.cm-cantanhede.pt/mcsite/pagina/765/Arte-Xavega>

- Arte Xávega na Costa da Caparica. In* Arca de Dawin. [Consultado a 22 de agosto de 2023]. <https://arcadedarwin.blogs.sapo.pt/arte-xavega-na-costa-da-caparica-437869>
- Arte Xávega. In* Murtosa Município. [Consultado a 22 de agosto de 2023]. <https://www.cm-murtosa.pt/pages/540>
- Arte-Xávega na Costa da Caparica. In* MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 21 de novembro de 2023]. <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/pt-PT/Pesquisa/Index>
- Arte-Xávega na Costa de Caparica: Tradição, Adaptação, Resistência.* Exposição patente durante o Encontro. Câmara Municipal de Almada/ Divisão de Museus e História Local, 2015. <https://omarcomopatrimonio.wordpress.com/exposicao-arte-xavega-na-costa-da-caparica/>
- Arte-Xávega vence Prémio Europeu. In* Mar 2020 – Programa Operacional Mar 2020. [Consultado a 11 de abril de 2024]. <https://www.mar2020.pt/noticias/10776/>
- Artigo 13º - Comissão de Acompanhamento. In* Base de Dados Jurídica. [Consultado a 17 de abril de 2024]. [http://bdjur.almedina.net/item.php?field=item\\_id&value=2488495](http://bdjur.almedina.net/item.php?field=item_id&value=2488495)
- Baeta, A.; Cabral, H. (2005). *Status of Portuguese fisheries* [Master's dissertation]. Universidade de Lisboa.
- Ballart, J. (1997). *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*. Editorial Ariel. <https://books.google.com.cu/books?id=HXfW8RwMdbkC&printsec=copyrigh#v=onepage&q&f=false>
- Becerra, S. R. (1997). *Patrimonio cultural, patrimonio antropológico y museos de antropología*. PH: Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 5(21), 42-52. [https://www.researchgate.net/publication/334019440\\_Patrimonio\\_cultural\\_patrimonio\\_antropologico\\_y\\_museos\\_de\\_antropologia](https://www.researchgate.net/publication/334019440_Patrimonio_cultural_patrimonio_antropologico_y_museos_de_antropologia)
- Bradley, H. (1989). *Men's work, women's work: A sociological history of the sexual division of labour in employment* (1<sup>st</sup> ed.). Polity.

- Braga, S. (2017). *O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade: O caso de Castanheira de Pêra*. [Master's dissertation]. Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20877/1/O%20ecoturismo%20como%20potenciador%20dos%20territ%C3%B3rios%20de%20baixa%20densidade-%20O%20caso%20de%20Castanheira%20de%20P%C3%A9ra.pdf>
- Brandão, R. (1923). *Os Pescadores* (1<sup>st</sup> Ed.). Livrarias Aillaud e Bertrand. <https://conservasdeportugal.com/os-pescadores-de-raul-brandao-1923/>
- Caldeira, C. (2017). *Arte Xávega já é Património Cultural Imaterial*. In *Agricultura e Mar*. [Consultado a 06 de março de 2023]. <https://agriculturaemar.com/arte-xavega-ja-patrimonio-cultural-imaterial/>
- Calvo, L. C. (1995). *L'etnologia a Catalunya, avui: eines de coneixement i desenvolupament*. *Plecs d'història local*, (57), 882-884. [https://digital.csic.es/bitstream/10261/217193/1/Calvo-1995-L\\_etnologia.pdf](https://digital.csic.es/bitstream/10261/217193/1/Calvo-1995-L_etnologia.pdf)
- Cano, M. C. S. (2010). *A dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira* [Master's dissertation]. Universidade de Coimbra. [https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/93195/1/CANO\\_2010-tese-arte%20xavega\\_Praia\\_Mira\\_.pdf](https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/93195/1/CANO_2010-tese-arte%20xavega_Praia_Mira_.pdf)
- Carvalho, A. (2017). *Os museus e o património cultural imaterial: estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*. Publicações do Cidehus. <https://books.openedition.org/cidehus/2490>
- Cavaco, C. (1969). *A pesca e a indústria de conservas de peixe em Portugal*. *Finisterra*, 4(7), 145-153. <https://doi.org/10.18055/Finis2498>
- Chagas, M. A. P. (2014). *O Conceito de Património Cultural no Século XXI: a comunicação social no processo colecionístico de arte*. *Revista Tritão*, 2, 2-17. <https://www.scribd.com/document/687541783/AssuncaoPinheiroChagas-tritao2>
- Choay, F. (2017). *A alegoria do património*. Unesp. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5229021/mod\\_resource/content/1/CHOAY.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5229021/mod_resource/content/1/CHOAY.pdf)

- Costa, M. J.; Cabral, H. (2007). *Caracterização da Pesca com Artes de Xávega e Ganchorra na Frente Atlântica do Concelho de Almada – Relatório Final*. Instituto de Oceanografia FCTUL – CMA.
- Costa, P. F. (2009). *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades* (1<sup>st</sup> ed.). Instituto dos Museus e da Conservação Softlimits. <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/File/DownloadFile?idFicheiro=3079>
- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. (2003). In UNESCO. [Consultado a: 06 de março de 2023]. [https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao\\_para\\_a\\_salvaguarda\\_do\\_patrimonio\\_imaterial.pdf](https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao_para_a_salvaguarda_do_patrimonio_imaterial.pdf)
- Cruces, F. (1998). *Problemas entorno a la restitución del patrimonio: una visión desde la antropología*. *Alteridades*, (pp. 75-84). <https://www.redalyc.org/pdf/747/74781606.pdf>
- Cultura*. In infopédia Dicionários Porto Editora. [Consultado a 22 de fevereiro de 2024]. [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$cultura](https://www.infopedia.pt/artigos/$cultura)
- D'Almeida, A.; Sampaio, G. (2021). *Arte xávega em fim de temporada*. In JP. [Consultado a 22 de agosto de 2023]. <https://www.jpn.up.pt/2021/11/29/arte-xavega-em-fim-de-temporada/>
- Declaração Santiago 1972*. In Universidade Lusófona. [Consultado a 01 de março de 2024]. <https://catedraunesco.ulusofona.pt/declaracao-santiago/>
- Dias, J. A. (2003). *Portugal e o mar: importância da Oceanografia para Portugal*. Universidade do Algarve. [https://www.researchgate.net/publication/236577883\\_Portugal\\_e\\_o\\_Mar\\_Importancia\\_da\\_Oceanografia\\_para\\_Portugal](https://www.researchgate.net/publication/236577883_Portugal_e_o_Mar_Importancia_da_Oceanografia_para_Portugal)
- Diegues, A. C. (2004). *Comunidades Litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: Convivência e Conflitos. O caso de Guaraqueçaba, Paraná*. São Paulo: NUPAUB-USP. <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/guaraq.pdf>
- Dieta Mediterrânica: Chipre, Croácia, Espanha, Grécia, Itália, Marrocos e Portugal*. (2013). In Comissão Nacional da UNESCO. [Consultado a 22 de novembro de 2023]. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial-em-portugal/dieta-mediterranica>

- Domingues, A. (2010). *As Artes de Pesca em Sesimbra*. J. Soares, *MUSA: museus, arqueologia & outros patrimónios* (pp. 229-236). FIDS & MAEDS Autarquias do Distrito de Setúbal. <http://maeds.amrs.pt/informacao/MUSA/MUSA3/22.pdf>
- Ecomuseu: Corvo. Projeto de Intervenção Museológica: Visão Estratégica | Proposta de Plano de Ação*. Região Autónoma dos Açores. Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura. Direção Regional da Cultura. <https://www.culturacores.azores.gov.pt/ecomuseu-do-corvo/ecomuseu.pdf>
- Ecomuseu Municipal do Seixal*. In Seixal Câmara Municipal. [Consultado a 12 de fevereiro de 2024]. <https://www.cm-seixal.pt/ecomuseu-municipal/ecomuseu-municipal-do-seixal>
- INE (2022). *Estatísticas da Pesca - 2022*. Instituto Nacional de Estatística, I. P. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=66322600&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=66322600&PUBLICACOESmodo=2)
- Fagundes, L., Tomás, A. R. G., Casarini, L. M., Bueno, E. F., Lopes, G. M., Machado, D. D. A. L., ... & Pellegrini, S. D. O. P. (2007). *A pesca de arrasto-de-praia na ilha de São Vicente, São Paulo, Brasil*. Série Relatórios Técnicos, São Paulo, 29. <https://www.pesca.sp.gov.br>
- Ficha de Património Imaterial*. In Matriz PCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. [Consultado a 22 de agosto de 2023]. <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/InventarioNacional/DetailFicha/415?dirPesq=1>
- Florêncio, S.; Bezerra, J.; Clert, P.; Cavalcante, I.; Silva, J.; Long, L.; ... & Dutra, M. (2016). *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação*. Brasília: Iphan. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio\\_15x21web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf)
- Garrido, Á. (2001). *Henrique Tenreiro — «patrão das pescas» e guardião do Estado Novo*. *Análise Social*, 36(160), 839–862. <https://www.jstor.org/stable/41011555>

- Gonçalves, Al. (2020). *Museus e Turismo, que futuro? Uma abordagem pela oferta*. In *Museologia e Património*. Volume 4. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria. <https://www.ipleiria.pt/eseecs/wp-content/uploads/sites/15/2020/11/Livro-Volume-4-Museologia-e-Patrimo%CC%81nio.pdf>
- Granadeiro, P. (2022). *Portugal integra Rede Ibero-americana de Pesca Artesanal de pequena escala*. In *Dinheiro vivo*. [Consultado a 19 de março de 2023]. <https://www.dinheirovivo.pt/economia/portugal-integra-rede-ibero-americana-de-pesca-artesanal-de-pequena-escala-14856704.html>
- Importância da pesca na economia*. (2015). In *Atividade Piscatória em Portugal*. [Consultado a 15 de março de 2023]. <https://atividadepiscatoriaemp Portugal.blogs.sapo.pt/tag/import%C3%A2ncia+da+pesca+na+economia>
- Janeiro, P. (2009). *Ressalvando as Aparências: Apontamentos sobre a Memória, a Imaginação e o Valor*. A. Medeiros, M. Ramos (Eds.), *Memória e Artífício Matéria do Património II* (pp. 269-274). Sociedade de Geografia de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3712/1/Ramos%26Medeiros%20-%20Memoria%20e%20Artificio%20-%202009.pdf>
- Lamberth, S. J., Clark, B. M., & Bennett, B. A. (1995). *Seasonality of beach-seine catches in False Bay, South Africa, and implications for management*. *South African Journal of Marine Science*, 15(1), 157-167. [https://www.researchgate.net/publication/233485793\\_Seasonality\\_of\\_beach-seine\\_catches\\_in\\_False\\_Bay\\_South\\_Africa\\_and\\_implications\\_for\\_management](https://www.researchgate.net/publication/233485793_Seasonality_of_beach-seine_catches_in_False_Bay_South_Africa_and_implications_for_management)
- Lázaro, P. (2017). “Arte” *Xávega Costa da Caparica*. In *Jovens Repórteres para o Ambiente*. [Consultado a 22 de agosto de 2023]. <https://jra.abae.pt/plataforma/artigo/arte-xavega-costa-da-caparica/>
- Leite, A. A. M. (2006). *Medidas Técnicas de Conservação dos Recursos da Pesca–Continente (Manual Prático)*. Inspeção das Pescas/DGPA–versão, 13. <https://www.fc.up.pt/pessoas/ptsantos/med-tec-conservacao-recursos-pesca-v11-jan2005.pdf>

- Marques, C. (2020). *Modelação de Impactes de Inundações Marítimas em Aquíferos Costeiros: Caso do Concelho de Almada*. [Master's dissertation]. Universidade de Lisboa. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/45309/1/ulfc125972\\_tm\\_Carolina\\_Marques.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/45309/1/ulfc125972_tm_Carolina_Marques.pdf)
- Marques, J. G. W. (2001). *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. NUPAUB/USP.
- Marques, M. (2011). *Arte Xávega em Portugal. Uma arte Secular em Decadência. Organização, Caracterização e Declínio* [Master's dissertation]. Universidade do Porto. [https://www.academia.edu/2041059/Arte\\_x%C3%A1vega](https://www.academia.edu/2041059/Arte_x%C3%A1vega)
- Marques, M. (2019). *Estudo prévio para criação de um museu vivo da Arte-xávega na Costa da Caparica – Relatório final*. Câmara Municipal de Almada.
- Martins, R., & Carneiro, M. (2020). *Artes de pesca artesanais em Portugal*. Argos, 106-21. [https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/documentos/2021/Artes\\_Pesca\\_artesanais.pdf](https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/documentos/2021/Artes_Pesca_artesanais.pdf)
- Martins, R., Rebordão, F. R., & Carneiro, M. (2002). *Contribuição para o conhecimento das artes de pesca utilizadas no rio Lima*. Publicações avulsas do IPIMAR. <https://comum.rcaap.pt>
- Martins, R., Carneiro, M., Rebordão, F. R., & Sobral, M. (2000). *A pesca com a arte de xávega*. Relatórios Científicos Técnicos do Instituto de Investigação das Pescas e do Mar, (48). [https://www.researchgate.net/profile/Miguel-Carneiro-4/publication/261357190\\_A\\_pesca\\_com\\_a\\_Arte\\_de\\_Xavega/links/5571616308aef8e8dc633359/A-pesca-com-a-Arte-de-Xavega.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Miguel-Carneiro-4/publication/261357190_A_pesca_com_a_Arte_de_Xavega/links/5571616308aef8e8dc633359/A-pesca-com-a-Arte-de-Xavega.pdf)
- Mateus, D. (2016). *A pesca*. In Slideshare. [Consultado a 15 de março de 2023]. <https://pt.slideshare.net/diogomateus174/a-pesca-62582169>
- Memórias da Arte Xávega*. Uma exposição de António Leitão Marques.
- Moreira, C. (2006). *O entendimento do Património no contexto local*. Oppidum, 1, 127-140. <https://silo.tips/download/oppidum-numero-10>

- Motta-Maués, M. A. (1999). *Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil*. *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, 3(2), 377-400. <https://journals.openedition.org/etnografica/3049>
- Neves, M. S. (2001). *Tu, Costa Minha!... O passado e o presente*. Selenova. Lisboa.
- Nunes, C. Vasco, E; Machado, S. *Pesca Artesanal da Nazaré. O lance de Arte Xávega*. Dia internacional dos museus. 18 de maio de 1993. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus. Museu da Nazaré.
- Nunes, F. O. (2006). *Hoje por ti, amanhã por mim: a arte-xávega no litoral central português* [Doctor's dissertation]. Universidade Católica Portuguesa. [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/16082/8/phd\\_francisco\\_oneto\\_nunes.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/16082/8/phd_francisco_oneto_nunes.pdf)
- Regulamento Específico das Medidas de Apoio do Programa Mar 2030 (2023)*. In *Diário da República*. [Consultado a 26 de fevereiro de 2024]. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/portaria/2023-223573627>
- Oliveira, A. (2021). *Transparência é a “Espinha” da Sustentabilidade*. In *Negócios*. [Consultado a 19 de março de 2023]. <https://www.jornaldenegocios.pt/sustentabilidade/detalhe/transparencia-e-a-espinha-da-sustentabilidade-nas-pescas>
- Oliveira, C. (2005). *A actividade de observação de cetáceos no arquipélago dos Açores. Contribuição para o seu desenvolvimento sustentável*. [Master's dissertation]. Universidade dos Açores. <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3370/1/DissertMestradoClaudiaInesBotelhoOliveira2005.pdf>
- Património Cultural Imaterial*. In Comissão Nacional da Unesco – Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Consultado a 06 de março de 2023]. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>
- Património Imaterial*. In Infopédia Dicionário Porto Editora. [Consultado a 23 de fevereiro de 2024]. [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$patrimonio-imaterial](https://www.infopedia.pt/artigos/$patrimonio-imaterial)

- Plano Estratégico do Programa Polis da Costa da Caparica. In Câmara Municipal de Almada. [Consultado a 21 de novembro de 2023]. <https://www.cm-almada.pt/planeamento-urbanistico/estudos-estrategicos/plano-estrategico-do-programa-polis-da-costa-da-caparica>*
- Pereiro, X. (2006). *Património cultural: o casamento entre património e cultura*. Adra: revista dos socios e socias do Museo do Pobo Galego, (1), 23-42. [https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/patrimonio-cultural\\_xerardo-p.pdf](https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/patrimonio-cultural_xerardo-p.pdf)
- Ramos, J. (2009). *Sesimbra no Início dos Anos Oitenta do Séc. XX*. Sociedade de Geografia de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3720>
- Reis, G. (2021). *Os Museus de Território enquanto Estratégia de Mobilização do Património Ambiente e Cultural*. [Master's dissertation]. Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/175062/179431>
- Rodrigues, H. C. A. (2013). *Arte Xávega na Comunidade da Praia da Vieira de Leiria: a sua Patrimonialização*. [Doctoral dissertation]. ISCTE-Instituto Universitario de Lisboa. <https://www.ancruzeiros.pt/sites/default/files/artigos/CulturaAvieiraFI-4-2013.pdf>
- Sá, P. (2019). *A relação entre Mediação Cultural e Educação: um olhar a partir de uma experiência de estágio no Serviço Educativo do FACE*. [Master's dissertation]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123779/2/364870.pdf>
- Sacchetti, A. (2022). *A companha do Poseidon. Arte Xávega na Costa da Caparica*. Uma Edição Livre.
- Saldanha, I. (2004). *Espaços, Recursos e Conhecimento Tradicional dos Pescadores de Manjuba em Iguape* [Master's dissertation]. Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-25112011-095711/publico/laskara.pdf>
- Santos, B. (2015). *Arte Xávega em Espinho: Notas para a compreensão da Arte Xávega como património imaterial* [Master's dissertation]. Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/29739/1/Arte%20X%C3%A9vega%20em%20Espinho.pdf>

- Santos, D. J. S. (2020). *Arte, museus e memórias marítimas. Identidade e representação visual da Nazaré* [Doctor's dissertation]. Universidade de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/107858>
- Santos, D. (2021). *Memória e representação do mar: Guilherme Filipe e Lino António, os "pintores das paisagens e das gentes da Nazaré"*. In C. F. C. Carreto, & L. S. Martins (Eds.), *Imaginários do Mar: Uma antologia crítica* (Vol. 2, pp. 115-151). Instituto de Estudos de Literatura e Tradição. <https://doi.org/10.34619/75ph-bdfe>
- Santos, D. (2014). *O Museu da Nazaré nas representações do mar. Participação e revisão identitária da comunidade*. *Revista Vox Musei arte e património*. ISSN 2182-9489, e-ISSN 2182-0002. Vol. 2 (3): p. 290-296. [https://www.academia.edu/43151584/O\\_Museu\\_da\\_Nazar%C3%A9\\_nas\\_representa%C3%A7%C3%B5es\\_do\\_mar\\_Participa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_revis%C3%A3o\\_identit%C3%A1ria\\_da\\_comunidade](https://www.academia.edu/43151584/O_Museu_da_Nazar%C3%A9_nas_representa%C3%A7%C3%B5es_do_mar_Participa%C3%A7%C3%A3o_e_revis%C3%A3o_identit%C3%A1ria_da_comunidade)
- Silva, B. A. (1891). *Estado actual das pescas em Portugal*. Imprensa Nacional. <https://conservasdeportugal.com/1886-estado-actual-das-pescas-em-portugal/>
- Simonian, L. T. L. (2006). *Pescadoras de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioca, Barcarena, Pará*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. [https://www.academia.edu/77218018/Pescadoras\\_de\\_camar%C3%A3o\\_g%C3%AAnero\\_mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_sustentabilidade\\_na\\_ilha\\_Trambioca\\_Barcarena\\_Par%C3%A1](https://www.academia.edu/77218018/Pescadoras_de_camar%C3%A3o_g%C3%AAnero_mobiliza%C3%A7%C3%A3o_e_sustentabilidade_na_ilha_Trambioca_Barcarena_Par%C3%A1)
- Santos, F. (1997). *As pescas em Portugal Continental: O caso amostra da Afurada*. [Master's dissertation]. Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt>
- Saraiva, C. (2009). *Pesquisa e Recolha Etnográfica: o caso da Aldeia da Luz*. In *Museus e Património Imaterial—agentes, fronteiras e identidades*, 167-177. <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/File/DownloadFile?idFicheiro=3079>
- Silva, F. (s. d.). *Musealização das Pescas e da Arte-xávega*. In Câmara Municipal de Almada. [Consultado a 22 agosto de 2023]. <https://www.cm-almada.pt/viver/cultura/musealizacao-das-pescas-e-da-arte-xavega>

- Souto, H. (1998). *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa: estudo geográfico* [Doctor's dissertation]. Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/14485>
- Torrice, J. A. (2006). *Património e discursos identitários*. In *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora.
- Xavier, J. (2023). *Adjudicado o Projeto de Execução de "MUSEU VIVO DE ARTE-XÁVEGA – COSTA DE CAPARICA"*. In *Notícias da Gandaia*. [Consultado a 29 de fevereiro de 2024]. <https://gandaia.info/adjudicado-o-projeto-de-execucao-de-museu-vivo-de-arte-xavega-costa-de-caparica/>
- Zonas Marítimas sob Soberania e ou Jurisdição Portuguesa*. In DGRM. [Consultado a 26 de setembro de 2023]. <https://www.dgrm.mm.gov.pt/>
- 7ª Edição de um Lanço de Arte-xávega à moda antiga*. (2023). In *Costa da Caparica – Junta de Freguesia*. [Consultado a 25 de setembro de 2023]. <https://www.jf-costacaparica.pt/atividades/cultura/2493-7-edicao-de-um-lanco-de-arte-xavega-a-antiga>

### **Fontes orais**

Investigação em terreno: Companhia Poseidon na Costa da Caparica – 15 de junho de 2023.

Documentação cedida pela Junta de Freguesia da Costa da Caparica – documentos em formato PDF.

Entrevista a Bruno Ventura, realizada a 31 de agosto de 2023.

Entrevista a Armindo Rocha, realizada a 12 de março de 2024.

### **Fontes videográficas**

*ARTE-XÁVEGA NA COSTA DE CAPARICA* (2021). In *Centro de Arqueologia Almada*. [Consultado a 27 de fevereiro de 2024]. <https://www.youtube.com/watch?v=MzFJzekPCkY>

## Apêndices

### 1.1 Entrevista

**Nome do entrevistado:** Bruno Ventura

**Idade:** 25 anos

**Localidade:** Costa da Caparica

**Profissão:** Pescador

**Data da realização:** 31 de agosto de 2023



**Figura 24** – Bruno Ventura  
Fonte: Bruno Ventura

**Beatriz Silva** – Boa tarde, Bruno. Para começar, podes dizer-me o teu nome completo, a tua idade e onde moras?

**Bruno Ventura** – Chamo-me Bruno Nogueira Ventura e tenho 25 anos. Moro na Costa da Caparica, uma das melhores terras da Margem Sul.

**Beatriz Silva** – E a tua escolaridade?

**Bruno Ventura** – Não sei bem dizer em que ano parei de estudar, mas sei que tinha 15 anos. Foi a idade em que comecei a trabalhar na Arte-Xávega.

**Beatriz Silva** – Porque é que te envolvereste tão cedo na Arte-Xávega? O que despertou o teu interesse?

**Bruno Ventura** – O que é que despertou? Sei lá... A infância, a família...

**Beatriz Silva** – Os teus pais praticavam este tipo de pesca?

**Bruno Ventura** – Os meus tios. Juntei-me à Arte-Xávega porque foi sempre uma *coisa* que esteve presente na minha vida, sempre gostei muito desta vida. E o ser malandro e não querer estudar... ajudou.

**Beatriz Silva** – Qual é a importância da Arte-Xávega na tua vida?

**Bruno Ventura** – Não sei... Primeiro o dinheiro... O meu dia-a-dia. Passo a minha vida literalmente perto da praia, é onde me sinto bem.

**Beatriz Silva** – Uma pergunta mais pessoal... O que é que a Arte-Xávega diz de ti? Teve alguma influência na pessoa que és hoje em dia?

**Bruno Ventura** – Não te sei bem explicar. Mas sinto que me torna uma pessoa mais humilde e certamente bastante trabalhadora, esta vida com certeza não é para preguiçosos, é bastante dura. Também me ensinou todos os termos da

pesca que sei, todos os procedimentos que existem... Basicamente, toda a tecnologia da pesca.

**Beatriz Silva** – E quais são alguns dos procedimentos que foste aprendendo ao longo do tempo?

**Bruno Ventura** – Aprendi alguns, como por exemplo *a maneira como o peixe trabalha*, os horários da pesca em função das marés... Isto tem tudo influência na maneira como praticamos a Arte-Xávega.

**Beatriz Silva** – Como descreves a relação que os jovens têm com esta prática?

**Bruno Ventura** – Infelizmente, hoje em dia, não vemos tantos jovens como havia antigamente. Não falo por vivência própria, pois quando me juntei a esta vida, já eram poucos os que trabalham nisto. Hoje em dia, muito menos. Atualmente, os jovens procuram outras coisas.

**Beatriz Silva** – Porque é que achas que houve essa mudança?

**Bruno Ventura** – O esforço que este trabalho pede e também, por ser um trabalho que nunca é muito certo em termos de pagamentos. Por vezes não compensa, apesar de gostarmos muito. As famílias mais recentes também já não andam na Arte-Xávega, por isso o interesse dos filhos também já não está virado para isto.

**Beatriz Silva** – Na Costa da Caparica, achas que há algum tipo de evento que tenha a ver com a Arte-Xávega?

**Bruno Ventura** – Bem... Agora só me está a ocorrer um. Em abril, na altura da Páscoa, costuma-se fazer uma simulação à moda antiga da Arte-Xávega puxada à corda, mas eu não costumo participar nisso. Normalmente quem participa nesta simulação são os pescadores mais antigos e é feita na Fonte da Telha.

**Beatriz Silva** – Que interessante! Esta questão pode ser um pouco confusa, mas como é que achas que a Arte-Xávega se conecta com o meio marinho? Achas que o prejudica?

**Bruno Ventura** – Sim... Na minha opinião penso que prejudica um pouco. Como é uma pesca de cerco, a partir do momento que lançamos a rede e que essa é puxada para a praia, tudo o que está lá é envolvido dentro do saco. Pode matar peixes mais pequenos, por exemplo...

**Beatriz Silva** – Podes explicar um pouco todo o processo?

**Bruno Ventura** – Chegamos perto da lota e verificamos os depósitos de gasolina e, depois, preparamos as coisas para levar para o mar. Subimos todos para os

tratores e vamos até à *nossa* praia para começarmos o nosso dia. Começamos por puxar a ponta do cabo em volta do trator, a banda panda. Em seguida, largamos o cabo todo e começamos também a largar a rede. A meio do lanço da rede, sai o saco e, entretanto, a boca. Fazemos o cerco e o barco volta para terra, chegando à outra ponta do cabo, a banda barca. Depois alamos a rede para a terra, juntamente com a ajuda dos tratores, as duas ao mesmo tempo... Para se conseguir fazer o cerco como deve ser, se não, nada feito. E depois fazemos este processo várias vezes ao dia.

**Beatriz Silva** – Quanto tempo, normalmente, dura um lance?

**Bruno Ventura** – Depende sempre muito... Depende da maré, depende da quantidade e qualidade do peixe que se apanha. Mas o primeiro lanço da tarde, por exemplo, costuma ser uma hora e meia. À noite já costuma ser lanços mais curtos.

**Beatriz Silva** – Voltando um pouco atrás... Quais achas que são os desafios da Arte-Xávega sendo um jovem?

**Bruno Ventura** – Para mim um dos principais desafios é estar no mar e as ondas grandes. Já apanhei bastantes sustos. É pensar que não se passou nada e continuar, porque precisamos de nos sustentar.

**Beatriz Silva** – E em relação à tua vida pessoal? Achas que trabalhar nesta área influencia a tua vida? A falta de tempo, por exemplo.

**Bruno Ventura** – Isso depende sempre muito. Há sempre alturas de mais trabalho e outras, nem por isso. Mesmo que se combine alguma coisa com amigos, quem está nesta vida há algum tempo, sabe mais ou menos os dias em que vai conseguir, ou os dias em que vai sair mais cedo porque não vamos apanhar tanto peixe. Se organizarmos sempre bem a nossa vida, temos tempo para tudo. Normalmente na companhia onde trabalho, temos quase sempre os fins-de-semana livres.

**Beatriz Silva** – Em que altura do dia costumam trabalhar?

**Bruno Ventura** – Este ano por acaso tem sempre calhado à noite. Mas já houve anos em que íamos às 13 horas. O problema mesmo da pesca é que temos um horário de entrada, mas raramente há um horário para sairmos, por isso impede sempre um pouco a nossa vida pessoal, claro.

**Beatriz Silva** – Como vivemos num mundo tecnológico, achas que expor a Arte-Xávega nas redes sociais ajuda à sua divulgação e preservação?

**Bruno Ventura** – Mesmo assim penso que não... Pode ser que ajude num aspeto mais *divulgatório*... As pessoas gostam de ver, presenciar... Em termos da sua preservação, acaba por ser um património, pelo menos aos meus olhos. Não só aos meus olhos, claro, a Arte-Xávega foi considerada Património Imaterial em 2017. Ficámos muito orgulhosos! Agora para fazer com que as pessoas a pratiquem... Que queiram trabalhar nisto... Acho que está fora de questão. As pessoas que se metem nisto... Têm mesmo que gostar!

**Beatriz Silva** - Achas que a Arte-Xávega normalmente está expressa na dança, na música, em marchas? Na Costa da Caparica, existe muito a tradição das marchas. Achas que está implícita a Arte-Xávega?

**Bruno Ventura** - Com a dança e música não tanto... Mas com as marchas sim! Muitas vezes metem algumas coisas que têm a ver com a prática. E claro que toda a festividade... o peixe assado, por exemplo! Mas, antigamente, a Junta de Freguesia ou a Câmara Municipal promoviam um dia para as pessoas conhecerem os barcos e a sua história. Hoje em dia, já não se faz nada disso.

**Beatriz Silva** - Achas que a Arte-Xávega teve alguma influência na Costa da Caparica, como cidade?

**Bruno Ventura** - Sim. Sempre foi uma vila de pescadores, o bairro onde eu vivo é chamado de *Bairro dos Pescadores*, o nosso pequeno centro comercial também se chama *O Pescador*. As famílias dos bairros são quase todas compostas por pescadores, as mais antigas. Mas vemos pescadores na Costa da Caparica, em todo o lado. Se formos à praia, há sempre interessados que sabem que a Arte-Xávega vai sair a tal hora e vêm sempre ver, muitos até querem ajudar! Há a tradição também das pessoas terem mais gosto em comprar o peixe fresquinho diretamente na praia, não sei porquê, mas parece que têm gosto de ver o peixe a *bater no oleado*!

**Beatriz Silva** - Para terminar... Quais é que são as tuas expetativas para o futuro da Arte-Xávega na Costa da Caparica?

**Bruno Ventura** - Eu não penso que vá acabar. Acho que há sempre uma ou outra companha que se vá manter. Os mais novos ainda têm aquela esperança e vão mantendo o negócio. Agora os mais idosos... começam a ficar sem forças. Para trabalhar penso que vá sempre aparecendo alguém. O mais complicado são mesmo os investimentos e, por isso, penso que não haverá muitas companhas novas a serem criadas. Infelizmente, os jovens não querem *pegar*

nessa tradição e continuá-la, criando novas companhas. Para mim, vai ser sempre especial. Passamos por momentos complicados, mas também muito bonitos. Ninguém me tira o pôr-do-sol da Caparica, esse que só o vejo porque trabalho neste setor! Eu gosto, muito. É o que me vejo a fazer para o resto da vida.

**Beatriz Silva** – Fico feliz por ter encontrado alguém tão jovem com toda essa paixão pela Arte-Xávega, Bruno. Muito, mas muito obrigada por teres participado nesta entrevista.

## 1.2 Entrevista

**Nome do entrevistado:** Armindo Rocha

**Idade:** 40 anos

**Localidade:** Costa da Caparica

**Profissão:** Empreendedor

**Data da realização:** 12 de março de 2024



**Figura 25** – Armindo Rocha  
Fonte: Armindo Rocha

**Beatriz Silva** – Olá Armindo! Primeiro gostaria que me dissesse o seu nome completo e a sua profissão.

**Armindo Rocha** – Armindo José Simão Rocha. A minha profissão de momento é empreendedor.

**Beatriz Silva** – Empreendedor... Pois, eu já sei que trabalha na Arte-Xávega, tem o seu negócio do artesanato...

**Armindo Rocha** – E também tenho uma marca de roupa e entre outras *coisinhas*.

**Beatriz Silva** – E alguma dessas profissões está ligada à pesca?

**Armindo Rocha** – O meu artesanato sim... Aliás, está tudo ligado à pesca.

**Beatriz Silva** – Como é que descreve a importância da Arte-Xávega na Costa da Caparica para os pescadores e para a comunidade?

**Armindo Rocha** – A importância... Para já, mantém-se a tradição, não é? Porque a Costa nasceu da Arte-Xávega e depois é os postos de trabalho. Uma das coisas fundamentais para mim é a qualidade da alimentação, o peixe. Completamente diferente do que se compra nos supermercados.

**Beatriz Silva** – Sim, é completamente diferente do que ingerimos quando compramos peixe nas grandes superfícies. Mas, estava a falar em tradição... Eu tenho sentido com algumas entrevistas e com alguma pesquisa que tenho feito que, embora não se tenha perdido por completo, as pessoas já não têm tanto interesse... Não tanto na Costa da Caparica, mas tenho sentido que noutros

sítios as pessoas vão perdendo o interesse e é bastante difícil de encontrar jovens, por exemplo.

**Armindo Rocha** – É, porque a Xávega é assim... Se não apanhases peixe, não ganhas... É o mais ingrato. Além de que o trabalho é sazonal, embora haja companhias que trabalhem o ano todo. O Poseidon, por exemplo, onde trabalho, está a pescar hoje.

**Beatriz Silva** – Pois... De inverno é mais fácil durante o dia, certo? De verão, tem mesmo que ser de noite.

**Armindo Rocha** – Sim, de verão é Xávega também, mas fazemos uma pesca mais específica, a pesca à cavala.

**Beatriz Silva** – Como é que acha que a Arte-Xávega foi evoluindo ao longo do tempo?

**Armindo Rocha** – Sim... É mais fácil, porque os tratores vieram ajudar muito, não é? Por exemplo, quando eu comecei a trabalhar, ainda não tinham tratores. Lembro-me das primeiras vezes que fui... Cheguei a trabalhar com o rapaz das cordas, quando as cordas ainda eram de alcatrão. Pronto... Eu chegava a ajudar e eles lá me davam um *cunhãozinho*. Era um bocadinho diferente, sim... É mais fácil agora com os tratores, porque os tratores fazem tudo, basicamente... Já não é um trabalho tão físico... Apesar de ser, mas não é tanto como antigamente.

**Beatriz Silva** – Compreendo perfeitamente, pois posso dizer-lhe que estive com vocês na praia num dia de safra e já não como peixe da mesma maneira, porque não tinha noção do trabalho que vocês, pescadores, tinham numa noite de trabalho... O frio, os pés gelados na areia...

**Armindo Rocha** – Sim... Até chegar o peixe há muito trabalho.

**Beatriz Silva** – Nunca mais me vou esquecer de estarmos na praia e vocês terem que estar duas horas de joelhos às três da manhã a escolher peixe...

**Armindo Rocha** – Quando é pesca à cavala é mais fácil, mas quando vem aqueles lances com várias espécies misturadas é muito complicado, porque temos que escolher um a um. É mais chato quando tem essas espécies diferentes porque dá muito mais trabalho e temos que estar a separar tudo, mas pronto...

**Beatriz Silva** – A Costa da Caparica tem alguma festa ou algum evento relacionado com a Arte-Xávega? Sei que vocês, por exemplo, têm os Santos Populares e que vão buscar alguns temas da pesca.

**Armindo Rocha** – Acho que não... Os Santos Populares, pronto, a sardinha normalmente costuma ser nessa altura. Alguns temas das marchas também.

**Beatriz Silva** – Acha que falta isso na Costa da Caparica? Publicitar mais a Arte-Xávega, por exemplo.

**Armindo Rocha** – Eu acho que falta mais a nível de apoio, percebes? Nós temos a matéria toda e condições para trabalhar, mas apoios, não. Facilidades de trabalho, por exemplo... Só podemos trabalhar a partir das seis da tarde, se o peixe estiver de dia, não apanhamos nada. Podemos pescar durante o dia ou a qualquer altura, mas apenas se não for época banhear. Basicamente, será isso.

**Beatriz Silva** – Lembro-me no dia em que fui com vocês para a Arte-Xávega de me dizer que havia mulheres a trabalhar na Arte-Xávega, apesar de no dia em que fui não ter tido sorte, pois nenhuma estava presente. Mas tenho reparado com a minha pesquisa que isso não é muito comum no país. Acha que, hoje em dia, ainda há um papel distintivo entre um homem e uma mulher na Arte-Xávega?

**Armindo Rocha** – Sim, há mulheres que já fazem de tudo. Até há mulheres que vão ao mar. Largar o chumbo ou passar as cordas, por exemplo. Normalmente, na Xávega, o papel da mulher é escolher o peixe ou vender peixe. Ou seja, a parte mais de contacto com o público.

**Beatriz Silva** – No que toca à sustentabilidade, acha que a Arte-Xávega consegue existir no meio ambiente sem causar grandes danos?

**Armindo Rocha** – Sim, é uma pesca de cerco, mas não usamos sondas nem radares. É uma pesca de cerco, cega. E aqui, na nossa frente oceânica, onde a Arte-Xávega pesca, é só areia, basicamente. Não tem rocha, não tem vida marinha, como por exemplo, os corais, pedras, essas coisas assim... Eu acho que o impacto é muito pouco em comparação com a pesca em geral, aqueles grandes navios... Sinto que não faz diferença, porque são redes muito pequenas, basicamente trabalhamos às cegas, o que cercamos é o que apanhamos. Nunca sabemos o que vamos apanhar. E sempre que apanhamos alguma coisa que não devemos, devolvemos sempre ao mar.

**Beatriz Silva** – O que é que acha que é mais importante para um pescador? Acha que é importante a parte da tradição e da transmissão dos conhecimentos?

**Armindo Rocha** – É assim, quando entras numa Xávega normalmente vais começar por baixo, entre aspas. Vais começar por escolher o peixe ou vais começar por carregar *isto*. Vais tendo outras funções, conforme te vais

habitualmente, vais fazendo outras coisas mais elaboradas. Mas pronto, nós na Arte-Xávega vamos sempre transmitindo o conhecimento, faz-se *assim*, faz-se *assado*. Por exemplo, eu acho que a Arte-Xávega, possivelmente, tem tendência a acabar. Apesar de que existem ainda bastantes companhias na Costa da Caparica e a maior parte dos *pescadores* até são relativamente novos. Mas tem-se vindo a perder um pouco, agora há o peixe de aquário também... Que para mim nem é peixe, nem sei o que devo chamar àquilo. Tem vindo a desvalorizar o peixe do mar, porque as pessoas preferem comer peixe sem ter qualidade, por ser muito mais barato.

**Beatriz Silva** – Quais desafios acha que os pescadores enfrentam todos os dias?

**Armindo Rocha** – As concessões, isso é um problema. Na Costa da Caparica só existem concessões para o *surf*. Desde a Fonte da Telha até lá abaixo, devem haver umas 60 concessões para o *surf* e penso que nenhuma, para a Arte-Xávega. Por exemplo, fizeram uns caminhos para conseguirmos passar com os tratores, parece ótimo, certo? Não os podemos utilizar por causa dos banhistas. Há sempre um entrave de qualquer lado. Por exemplo, também não podemos pescar na concessão de um bar, mas podem exercer a atividade de *surf*, tipo as aulas, em frente ao bar. Nada impede a Arte-Xávega de funcionar ao mesmo tempo que época balnear, as pessoas conseguem fazer a vida delas normal. As restrições são apenas para a Arte-Xávega...

**Beatriz Silva** – Por acaso tenho aqui uma pergunta curiosa... Como é que vocês pescadores, escrevem a palavra *Arte-Xávega*? Tenho-me deparado com algumas inconsistências em relação a isso. Vários autores escrevem à sua maneira e, com a inscrição da Arte-Xávega no Inventário do Património Imaterial, foi escrito com um hífen entre as duas palavras e as duas palavras a começar com letra maiúscula.

**Armindo Rocha** – Eu escrevo Arte Xávega, sem o hífen. Mas como dizes, quase toda a gente tem uma maneira diferente de escrever. Realmente, não há muita consistência, mas eu escrevo assim. Nós dizemos *Xávega* mas é *Xavéga*, porque vem do termo *chalavar*. É, porque temos o cerco, depois temos a Xávega que é redondo, depois tem *aqui* um *xalavarzinho*. A Arte-Xávega quer dizer, basicamente, xalavar. É, porque o formato da rede quando esta a pescar, parece mesmo um xalavar.

**Beatriz Silva** – Vocês têm algumas terminologias que usem apenas na prática?

**Armindo Rocha** – Sim, temos algumas. Temos por exemplo, *Vai buscar o peixe à da lota* – que é o ato de ir buscar o peixe à lota; por exemplo *deixa fiar* – quando a corda está a sair; temos o *faz fixe* – agarrar para atizar a corda ou quando vem uma onda maior e temos que nos agarrar ao barco. Basicamente são estas que me lembro... Pelo menos é as que eu uso mais.

**Beatriz Silva** – Parece muito interessante! Um dos últimos capítulos do meu trabalho tem a ver com uma proposta feita pela Câmara Municipal de Almada para a criação de um museu. Os pescadores têm conhecimento disto?

**Armindo Rocha** – Pois... Projetos há muitos... O problema é que nunca passam de projetos. Por acaso sabemos da existência desse projeto, pois já recebemos algumas visitas por parte da Câmara Municipal de Almada aos *barracões* onde guardamos os materiais da pesca. Mas acho que não vai acontecer. Mas não deixa de ser uma ideia incrivelmente interessante, nós já temos uma coisa parecida, que é o Museu Virtual da Costa da Caparica, no Facebook, onde partilhamos histórias, comeres e falares. Mas mais depressa se fez para o *surf*, falou-se e fez-se logo. Mas não acredito mesmo que vá para a frente, infelizmente...

**Beatriz Silva** – Até poderiam interligar os pescadores ao museu, porque até pode ser um *museu vivo* – sendo a ideia inicial do projeto. Pode, de vez em quando, ir um pescador e dar uma palestra, mostrar os vossos materiais e onde os guardam.

**Armindo Rocha** – Pois... mas é como te disse. Projetos, são projetos. Aqueles *barracões* que foram feitos pela Câmara Municipal de Almada, nunca mais tiveram uma recuperação. O material está todo podre e a cair, infelizmente. A questão aqui é, faz-se uma vez, faz-se dinheiro e depois já não se faz manutenção.

**Beatriz Silva** – Então, uma última pergunta. Como chamar o turismo para a Arte-Xávega? Por exemplo, o museu seria uma excelente maneira de divulgar e dinamizar a Arte-Xávega.

**Armindo Rocha** – Sim, mas a Arte-Xávega já faz isso há muito tempo. Se tivermos a pescar na praia, as pessoas vêm ver os pescadores a trabalhar, podem estar connosco, vêm o peixe... O turista gosta dessas coisas.

**Beatriz Silva** – Qual será o futuro da Arte-Xávega?

**Armindo Rocha** – Eu acho que a Arte em si é incrível e super bonita, não mudava nada. Mas, tem tendência a acabar, porque não vamos conseguir chamar mais pessoas. Porque é assim, se na Arte-Xávega conseguíssemos ganhar minimamente, era uma coisa, mas, nos dias em que correm, se numa semana apanhamos peixe, ganhamos, se noutra não apanhamos nada... Não há dinheiro para ninguém.

**Beatriz Silva** – Armindo, muito, muito obrigada pelo tempo despendido e tudo até agora!

**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**  
**Faculdade de Ciências Sociais e**  
**Humanas**

Rua da Mãe de Deus  
9500-321 Ponta Delgada  
Açores, Portugal



2024

**DM**

# Arte-Xávega: Estudo de Caso na Costa da Caparica

Maria Beatriz Bairos da Silva